



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS GEOGRÁFICAS
CURSO DE GEOGRAFIA LICENCIATURA

GABRIEL HENRIQUE ARANTES DE OLIVEIRA

**HISTÓRIAS EM QUADRINHOS DO BATMAN COMO RECURSO DIDÁTICO NO
ENSINO DE GEOGRAFIA: UMA ABORDAGEM SOBRE SEGREGAÇÃO
SOCIOESPACIAL NO ENSINO FUNDAMENTAL EM RECIFE-PE**

Recife

2024

GABRIEL HENRIQUE ARANTES DE OLIVEIRA

**HISTÓRIAS EM QUADRINHOS DO BATMAN COMO RECURSO DIDÁTICO NO
ENSINO DE GEOGRAFIA: UMA ABORDAGEM SOBRE SEGREGAÇÃO
SOCIOESPACIAL NO ENSINO FUNDAMENTAL EM RECIFE-PE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso de Geografia Licenciatura da Universidade
Federal de Pernambuco, como requisito parcial
para obtenção do título de Licenciado em
Geografia.

Orientador: José Roberto Henrique Souza Soares.

RECIFE

2024

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do programa de geração automática do SIB/UFPE

Oliveira, Gabriel Henrique Arantes de.

Histórias em quadrinhos do Batman como recurso didático no ensino de Geografia: uma abordagem sobre segregação socioespacial no Ensino Fundamental em Recife-PE / Gabriel Henrique Arantes de Oliveira. - Recife, 2024.

104 p. : il., tab.

Orientador(a): José Roberto Henrique Souza Soares

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Geografia - Licenciatura, 2024.

Inclui referências.

1. Problemas urbanos. 2. Criminalidade. 3. Educação. 4. Sequência didática. 5. HQs. I. Soares, José Roberto Henrique Souza. (Orientação). II. Título.

910 CDD (22.ed.)

GABRIEL HENRIQUE ARANTES DE OLIVEIRA

**HISTÓRIAS EM QUADRINHOS DO BATMAN COMO RECURSO DIDÁTICO NO
ENSINO DE GEOGRAFIA: UMA ABORDAGEM SOBRE SEGREGAÇÃO
SOCIOESPACIAL NO ENSINO FUNDAMENTAL EM RECIFE-PE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso de Geografia Licenciatura da Universidade
Federal de Pernambuco, como requisito parcial
para obtenção do título de Licenciado em
Geografia, sob a orientação do Prof. José Roberto
Henrique Souza Soares.

Aprovado em: 27/03/2024

BANCA EXAMINADORA

Prof. Me. José Roberto Henrique de Souza Soares (Orientador)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. Pedro Paulo Pinto Maia Filho (Examinador Interno)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Me. Italo Dartagnan Almeida (Examinador Externo)
Universidade Federal de Pernambuco

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, que me fortaleceu nos momentos de fraqueza e cuja sem a ajuda eu nada poderia fazer, pois Ele é a fonte de toda graça.

Agradeço aos meus pais por toda a força e incentivo que sempre me deram nos estudos, desde criança.

Agradeço também a minha namorada, Dayanna, que por benção de Deus pude conhecer no curso, a quem eu amo muito e que me ajudou muito em vários momentos e em diferentes áreas da vida.

E agradeço ao meu professor orientador, José Roberto Henrique de Souza Soares, pelas boas instruções, pela boa vontade e pela paciência durante toda a jornada de construção do trabalho.

Por fim, agradeço aos meus amigos Vinícius e Matheus, que me ajudaram a conseguir levar as histórias em quadrinho para sala de aula.

“Um herói pode ser qualquer um, até mesmo um homem fazendo algo tão simples e reconfortante quanto colocar um casaco nos ombros de um menino para que ele saiba que o mundo não acabou” (BATMAN, 2012).

RESUMO

Esta pesquisa se destaca pelo desenvolvimento de uma sequência didática, que foi aplicada numa turma do 8º Ano do Ensino Fundamental na Escola Pintor Lauro Villares, na cidade de Recife. Os conteúdos trabalhados foram primariamente segregação socioespacial, e segundo a criminalidade, focando na sua relação com os problemas sociais vinculados à perspectiva espacial da Geografia. A fim de tornar as aulas mais instigantes e lúdicas, fazer a mediação do conteúdo com realidade vivenciada pelos estudantes e promover uma aprendizagem mais significativa, se definiu como recurso didático as histórias em quadrinhos do Batman, em função dos ricos temas e representações espaciais presentes nas histórias, contendo situações análogas aos problemas urbanos locais. Para aprofundar os conceitos e a perspectiva que foi levada até a sala de aula foi feita uma revisão de literatura, e depois da aplicação da sequência didática, foram analisadas as dificuldades e êxitos encontrados nos resultados. Apesar de não ter sido livre de dificuldades e problemas, atestou-se, com os resultados positivos, o mérito e a viabilidade do uso das histórias em quadrinho do Batman para o ensino de Geografia desenvolvido no Ensino Fundamental da rede pública do Recife.

Palavras-chave: problemas urbanos; criminalidade; educação; sequência didática; HQs.

ABSTRACT

This research stands out for the development of a didactic sequence, which was applied to a class in the 8th year of Elementary School at Escola Pintor Lauro Villares, in the city of Recife. The contents covered were primarily socio-spatial segregation, and secondly, criminality, focusing on its relationship with social problems linked to the spatial perspective of Geography. In order to make the classes more intriguing and ludic, and to mediate the content with the reality experienced by students and promote a more meaningful learning, Batman comic books were defined as teaching resources, due to the rich themes and spatial representations present in the stories, containing situations analogous to local urban problems. To deepen the concepts and the perspective that was taken to the classroom, a literature review was carried out, and after applying the didactic sequence, the difficulties and the successes found in the results were analyzed. Although it was not free from difficulties and problems, the positive results attested to the merit and feasibility of using Batman comics to teach Geography at public elementary schools in Recife.

Keywords: urban problems; criminality; education; didactic sequence; comic books.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Capa da primeira aparição do Batman.....	31
Figura 2 - Batman mata um criminoso.....	32
Figura 3 - Batman usando arma de fogo para tentar matar um criminoso.....	33
Figura 4 - Batman afirmando que não mata, com nenhum tipo de arma.....	34
Figura 5 - Mapa de Gotham.....	39
Figura 6 - Identidade visual da cidade de Metrópolis.....	40
Figura 7 - Visão panorâmica romantizada de Gotham.....	41
Figura 8 - Visão panorâmica sombria de Gotham.....	42
Figura 9 - primeira página de Batman - Ano Um.....	43
Figura 10 - segunda página de Batman Ano Um.....	44
Figura 11 - Bruce Wayne caminhando pela cidade disfarçado.....	45
Figura 12 - Confronto entre diferentes realidades culmina em conflito.....	46
Figura 13 - Batman confronta a elite de Gotham.....	48
Figura 14 - motivação do Coringa para entrar no mundo do crime.....	49
Figura 15 - Nascimento do Coringa.....	50
Figura 16 - Batman passeia pelo Beco do Crime.....	51
Figura 17 - Batman compara as cidades do Brasil com Gotham.....	53
Figura 18 - Batman contemplando a segregação socioespacial brasileira.....	53
Figura 19 - Início da primeira aula.....	59
Figura 20 - Uso de trecho da HQ Batman - Ano Um durante a aula.....	60
Figura 21 - Alunos lendo trecho de Batman - A Piada Mortal coletivamente para a turma.....	61
Figura 22 - Explanação sobre segregação socioespacial.....	62
Figura 23 - Mostrando a segregação socioespacial em Recife.....	63
Figura 24 - Início da segunda aula.....	64
Figura 25 - Leitura da HQ Batman - Guerra ao Crime.....	65
Figura 26 - Alunos fazendo a primeira atividade em grupo.....	66
Figura 27 - Alunos fazendo a segunda atividade em grupo.....	68
Figura 28 - HQ elaborada pelo grupo A.....	78
Figura 29 - Primeira folha da HQ elaborada pelo grupo B.....	81
Figura 30 - Segunda folha da HQ elaborada pelo grupo B.....	82
Figura 31 - Roteiro da HQ elaborada pelo grupo B.....	83
Figura 32 - HQ elaborada pelo grupo C.....	85
Figura 33 - HQ elaborada pelo grupo D.....	87

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Sequência didática sobre segregação socioespacial e criminalidade com o uso de HQs do Batman.....	56
Quadro 2 – Questões da ficha.....	69
Quadro 3 - Respostas dos grupos para a questão 1.....	70
Quadro 4 - Respostas dos grupos para a questão 2.....	72
Quadro 5 - Respostas dos grupos para a questão 3.....	74
Quadro 6 - Questões da segunda atividade.....	77
Quadro 7 - Respostas do grupo A.....	79
Quadro 8 - Respostas do grupo B.....	84
Quadro 9 - Respostas do grupo C.....	86
Quadro 10 - Respostas do grupo D.....	88

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 REVISÃO DE LITERATURA	14
2.1 Segregação socioespacial.	14
2.1.1 Os primeiros modelos de segregação e a Escola de Chicago	15
2.1.2 Estudos sobre segregação socioespacial na perspectiva crítica.	18
2.2 Criminalidade no contexto da segregação socioespacial	23
2.3 A Segregação socioespacial e a criminalidade no Ensino de Geografia.	27
2.4 Caracterizando o Batman e suas HQs.	30
2.5 A respeito de Gotham	38
3 METODOLOGIA	55
4 RESULTADOS	58
4.1 Desenvolvimento das aulas sobre Segregação e criminalidade Socioespacial.	58
4.2 Aprendizagens e perspectivas dos estudantes através das atividades propostas.	68
4.2.1 Percepções da Terceira Aula.	69
4.2.2 Produtos obtidos na quarta aula.	77
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	91

1 INTRODUÇÃO

A presente pesquisa sugere uma proposta pedagógica relativa ao uso de Histórias em Quadrinho (HQs) do Batman no ensino de Geografia nas escolas, aplicada em uma turma do Ensino Fundamental II. Trata-se de um mergulho no potencial das narrativas gráficas, destacando a capacidade das histórias em quadrinhos de não apenas cativar a atenção dos alunos, mas também de proporcionar uma reflexão profunda sobre questões sociais. Tal potencial aqui foi usado como uma ferramenta didática em sala de aula para a construção do conhecimento acerca da segregação socioespacial e de sua relação com a criminalidade urbana. Neste sentido, fez-se necessário uma exploração teórica sobre os conceitos e fenômenos por ele abarcados, analisados mediante uma perspectiva crítica e trabalhados nas aulas de modo a desenvolver a leitura geográfica dos estudantes no que diz respeito aos problemas urbanos presentes na sua própria realidade de convivência.

De maneira breve, pode-se dizer que a segregação socioespacial é a expressão geográfica das desigualdades sociais, sendo ao mesmo tempo resultado delas e perpetuadora das mesmas, levando à separação das classes sociais e a um acesso desigual aos direitos e as oportunidades (de lazer, emprego, educação, saúde, segurança etc.) proporcionadas pela cidade, e atuam nesse processo o capital e seus agentes (Cavalcanti e Araujo, 2017). Com isso em mente, partimos do questionamento feito por Paula e Azevedo (2016, p.107):

Quando uma escola, inserida em um contexto de segregação, assume a reprodução de discursos dominantes, seja pelo currículo, seja pela má formação docente e/ou do cumprimento da função sociopolítica da equipe administrativa, poderia ela comprometer o futuro dos sujeitos a ponto de impedir a superação de suas condições sociais?

A concepção deste trabalho entende que a resposta para tal questão é *sim*, e, portanto, a partir do pressuposto de que tal situação afeta a vida de muitos estudantes, especialmente os de escola pública, concordamos novamente com Cavalcanti e Araujo (2017), quando afirmam que quando a Geografia escolar contempla a segregação socioespacial em sala de aula, permite que os alunos compreendam de maneira problematizadora o espaço em que vivem de modo a inspirar uma intervenção crítica na realidade.

Na mesma perspectiva, a criminalidade é abordada neste trabalho sob o ângulo espacial, como um problema urbano que faz parte da realidade do dia a dia dos brasileiros e que está atrelado às consequências da segregação socioespacial e da desigualdade social como

um todo (Ramos et al, 2020). Não obstante os problemas sociais urbanos, e mais especificamente os relativos à segregação socioespacial, estão presentes na sessão de Geografia da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), na unidade temática mundo do trabalho do 8 Ano, contidos nas habilidades EF08GE16 e EF08GE17 (Brasil, 2018).

Entretanto, dentro das licenciaturas não se pode dizer que um assunto foi ensinado sem que tenha havido real aprendizado por parte dos alunos, pois só há ensino onde há aprendizado, e para que isso aconteça é necessário que eles se apropriem do conhecimento de maneira significativa, o que torna o “como ensinar” tão importante quanto o “o que ensinar”. Concordamos então com Soares e Silvino (2020, p.91) quando dizem que o ensino de Geografia deve se dar por meio de diferentes linguagens que “favoreçam aos alunos, produzir e expressar ideias, opiniões, sentimentos e conhecimentos sobre o espaço”. A BNCC também enfatiza que o ensino das Ciências Humanas, as quais a Geografia está inclusa, deve “promover explorações sociocognitivas, afetivas e lúdicas capazes de potencializar sentidos e experiências com saberes sobre a pessoa, o mundo social e a natureza” (Brasil, 2018, p.350).

Assim, esta pesquisa explora o uso de histórias em quadrinho como ferramenta metodológica na construção do conhecimento. Por se tratar de uma mídia de fácil acesso, com riqueza de temas, apresentar representações espaciais por meio de linguagem verbal e não verbal dentro de uma narrativa sequencial e por ter uma grande adaptabilidade de uso e manuseio, as HQs tornam-se uma opção a ser pensada nas aulas de Geografia. A escolha das histórias em quadrinhos do Batman como foco central dessa proposta não foi feita de modo arbitrário, as histórias do Homem-Morcego são intrinsecamente conectadas com a cidade fictícia na qual se passam e que espelha os desafios sociais urbanos enfrentados por muitas cidades reais, sendo possível tirar analogias pertinentes para a exploração da segregação socioespacial e criminalidade em sala de aula.

Sendo o Batman um personagem que surgiu nas histórias em quadrinhos, não é de se espantar que seja justamente nessa mídia que suas histórias alcancem maior nível de profundidade e complexidade, e é também onde se encontra a maior quantidade de material já produzido sobre o personagem. Nas suas histórias, o Batman tem como objetivo reduzir a criminalidade e melhorar a qualidade de vida dos cidadãos da cidade (fictícia) de Gotham, e, para tal, ele percebe que precisa fazer mais do que apenas lutar contra criminosos e super-vilões: é necessário também se ater aos diversos problemas urbanos/sociais presentes na cidade, os quais se assemelham àqueles enfrentados nas metrópoles brasileiras. Tanto a segregação socioespacial quanto a criminalidade estão presentes em diversas histórias do personagem, sendo representadas tanto visualmente quanto parte importante da trama.

Compreende-se então que tais conteúdos são imprescindíveis para a formação cidadã dos estudantes e que se faz necessária uma abordagem produtiva e instigante para a construção significativa do conhecimento. Uma vez que a ferramenta metodológica escolhida para atender tal demanda foram as HQs do Batman, surge então a pergunta de se elas realmente se caracterizam como uma opção viável para tal. Foi visando responder essa problemática que o trabalho foi pensado, com o objetivo de compreender se o enredo e a narrativa presentes nas histórias em quadrinhos do Batman podem auxiliar o desenvolvimento da aprendizagem de estudantes do Ensino Fundamental sobre segregação socioespacial e criminalidade.

Para tal fim, além de realizar uma revisão de literatura explorando o arcabouço conceitual, foi também aplicada uma sequência didática numa turma do Ensino Fundamental II, fazendo uso de HQs. Com o material e as atividades das aulas ministradas, os resultados da aplicação dessa proposta pedagógica puderam ser analisados. A experiência pedagógica da aplicação da sequência didática, o feedback dos alunos e sua participação nas aulas, bem como o material recolhido nas atividades, constituem os resultados da presente pesquisa.

O tópico a seguir trata-se da revisão de literatura, que buscou abarcar principalmente os pilares centrais da imensidão conceitual sobre segregação socioespacial, desenvolvendo posteriormente sua relação com a criminalidade urbana, e sem deixar, por fim, de aprofundar um pouco mais na pertinência do uso de HQs para trabalhar com tais conteúdos em sala de aula. Em seguida, vem a explicação da metodologia aplicada no desenvolvimento da pesquisa, destrinchando mais detalhadamente cada ponto, apresentando a sequência didática e as circunstâncias nas quais as aulas foram ministradas. Posteriormente a esse tópico vem a análise dos resultados, perpassando os principais pontos no que diz respeito à aplicação da proposta pedagógica, os conhecimentos construídos pelos estudantes e como essa proposta didática pode contribuir com a Geografia Escolar.

2 REVISÃO DE LITERATURA

2.1 Segregação socioespacial.

A perspectiva do presente trabalho concorda com Villaça (1998) quando o mesmo constata que: 1) as metrópoles brasileiras são marcadas pela segregação socioespacial; 2) o estudo desse processo é fundamental para a compreensão da estrutura intraurbana; 3) a segregação por classe afeta a estrutura urbana de maneira mais profunda do que outros tipos de segregação, sendo está o tipo de segregação abordada no trabalho. Também concorda com o autor quando este, na mesma obra, define a segregação socioespacial como “processo segundo o qual diferentes classes ou camadas sociais tendem a se concentrar cada vez mais em diferentes *regiões gerais* ou *conjunto de bairros* da metrópole” (Ibidem, pág. 142). A partir desse conceito assume-se aqui então a concepção de que a segregação socioespacial se manifesta primariamente como a *tendência* de diferentes classes sociais residirem em trechos diferentes da cidade. Por se caracterizar como uma tendência, admite-se que não se trata de um fenômeno absoluto que impediria completamente a coabitação de classes sociais diferentes num mesmo bairro ou trecho da cidade, mas sim de um padrão de organização espacial em que se predomina a separação por classe.

A segregação socioespacial, também chamada de segregação urbana ou residencial, é, portanto, a manifestação espacial das diferenças sociais, que resulta num acesso desigual à cidade (Corrêa, 1995). É com esse conceito em mente que Milton Santos (1989, p.195) diz que “existem duas ou mais cidades dentro da cidade”. É um processo em que as classes economicamente favorecidas se apropriam e dominam o espaço urbano, desfrutando assim de melhores condições habitacionais e de vida, enquanto as classes mais pobres se tornam reféns dele (Farret, 1985 e Smolka, 1987, apud Vieira e Melazzo, 2003).

Dada a drástica diferença na forma de apropriação e uso do espaço entre as classes sociais, O’Neill (1983) divide a segregação em *autossegregação* e *segregação imposta*. A *autossegregação* seria praticada pelas classes mais altas, que possuem poder de escolha para morar em áreas com melhor infraestrutura e boa localização, enquanto a *segregação imposta* seria a segregação sofrida pelas classes mais baixas, que por não possuir alternativa acabam por residir em áreas mais mal localizadas e com pior infraestrutura. Apesar dessa divisão ser útil para compreensão de como a segregação ocorre de maneira diferente para as diferentes classes, Villaça (1998) chama atenção para como na verdade o processo de segregação urbana é um só, uma vez que a *autossegregação* dos mais ricos produz a *segregação* dos mais pobres.

Compreende-se também que a segregação urbana não é apenas o produto das desigualdades sociais, como também atua na reprodução dessas mesmas desigualdades por limitar as oportunidades de ascensão social (Harvey, 1980). Sendo assim, não se trata apenas de um problema relativo a questões habitacionais, mas também da restrição do acesso a recursos, serviços e de convivência com outros grupos sociais, se trata de exclusão.

Pretende-se apresentar a seguir uma breve contextualização histórica sobre o conceito de segregação socioespacial, acompanhada por uma delimitação conceitual das perspectivas que aqui são consideradas como estando superadas/ultrapassadas/insuficientes para a compreensão do processo. E em seguida avançar rumo às perspectivas marxistas, aqui aceitas como uma evolução de paradigma e essenciais para a compreensão desse processo e suas consequências, as quais se incluem a correlação com taxas de criminalidade.

2.1.1 Os primeiros modelos de segregação e a Escola de Chicago

Embora a conjuntura econômica e social e a dinâmica urbana sofram alterações ao longo do tempo e do espaço, a tendência de tornar a cidade um espaço heterogeneamente organizado se perpetua pelas sociedades humanas. A ideia de que certos espaços urbanos são destinados a certas atividades e/ou a certos grupos demográficos já se fazia presente nas cidades gregas, chinesas e romanas da antiguidade, que possuíam divisões sociais, políticas e econômicas materializadas no espaço (Negri, 2010). Negri (2010, p.131) citando Marcuse (2004), diz que historicamente a segregação das classes sociais acontece principalmente em função de três fatores:

1. Divisão Cultural – realiza-se através da língua, da religião, das características étnicas, estilo arquitetônico, por país ou nacionalidade;
2. Divisão Funcional – é resultado da lógica econômica, resultando na divisão entre bairros residenciais e comerciais, áreas rurais e indústrias. Ela pressupõe a divisão do espaço pela função exercida para cada atividade.
3. Divisão por Diferença no Status Hierárquico – reflete e reproduz as relações de poder na cidade. Pode ser representada, por exemplo, por um enclave (condomínio fechado) ou pela distribuição dos serviços públicos pelo Estado.

Ainda assim, apenas no século XIX que o fenômeno de segregação socioespacial começou a ser estudado com mais enfoque. Corrêa (1989) afirma que o primeiro modelo de segregação surgiu em 1841, formulado por J. G. Kohl, no qual a cidade assumia um padrão de segregação em círculos a partir do centro. No modelo de Kohl, as classes mais ricas moravam em áreas mais próximas do centro, enquanto as mais pobres residiam nos círculos periféricos.

A lógica por trás desse modelo residia no fato de que a mobilidade intraurbana ainda era muito limitada, e como as instituições mais importantes estavam localizadas no centro das cidades, havia uma necessidade das elites residirem próximas do centro, realidade vivenciada por muitas cidades europeias no século XIX (Ibidem).

No século seguinte, na década de 1920, E. W. Burgess desenvolveu um modelo com um padrão de segregação oposto ao de Kohl, chamado de “modelo de zonas concêntricas” (Park; Burgess; Mckenzie, 1925). Neste modelo, Burgess distribui a cidade em “zonas concêntricas ao redor de um nóculo central que é dominado por atividades comerciais e industriais” (Begossi, 1993, p.03). Burgess fazia parte da Escola de Chicago, cuja os pesquisadores foram os responsáveis pelos principais estudos de segregação socioespacial da primeira metade do século XX, e pela difusão generalizada do termo e do conceito no meio científico (Vieira; Melazzo, 2003). Buscavam compreender as diferenças na distribuição residencial de diferentes grupos sociais nas cidades estadunidenses, se preocupando especialmente com os efeitos da chegada do grande volume de imigrantes no espaço urbano na época e com a formação de guetos (Ibidem).

Foi nesse contexto na Escola de Chicago que surgiu a chamada Ecologia Humana, que tem sua abordagem caracterizada pela “tentativa de transposição dos princípios da Ecologia aos estudos da sociedade” (Ibidem, p. 151). Os pensadores dessa corrente tinham suas ideias influenciadas pelo Darwinismo Social, baseados no pensamento positivista, e consideravam que a cidade era como um organismo vivo e que aqueles que melhor se adaptassem a vida urbana conseguiriam habitar as melhores áreas da cidade (Negri, 2010).

Os pesquisadores da Escola de Chicago se preocupavam em estudar essencialmente as “relações do homem com o meio, descrevendo os aspectos sociais de adaptação” (Marafon, 1996, p. 152) e a “forma e o desenvolvimento em comunidade da população humana, descrevendo o processo de organização das relações implicadas na adaptação ao meio” (Ibidem). A Ecologia Humana também usava os conceitos de competição e sucessão para analisar as atividades urbanas, como diz Begossi (1993), além do conceito de “equilíbrio”, como evidencia o supracitado R. Park, ao descrever no que consistia o fundamento teórico-metodológico dessa linha de estudo:

[...]fundamentalmente, em uma tentativa de investigação dos processos pelos quais o equilíbrio biótico e o equilíbrio social se mantêm uma vez alcançados, e dos processos pelos quais, quando o equilíbrio biótico e o equilíbrio social são perturbados, se faz a transição de uma ordem relativamente estável para outra (Park, 1948, p.36).

Vasconcelos (2004) diz que Park define a segregação socioespacial como a repartição da população nas grandes cidades, e que para o autor ela se daria principalmente com base na língua, cultura e raça. Para os autores dessa escola, a segregação não representava necessariamente um elemento negativo da sociedade, pensamento que pode ser observado quando Park tece comentários que parecem defender a existência de tal fenômeno, afirmando que “a segregação com outros de sua laia proporciona não apenas um estímulo, mas também um suporte moral para os traços que têm em comum, suporte que não encontrariam numa sociedade menos selecionada” (Park 1916, apud Velho, 1967, p.70). Essa ideia está enraizada na concepção naturalista que permeia a Ecologia Humana, que acaba por denominar as áreas de segregação como “áreas naturais” que resultam da competição impessoal dos diferentes grupos sociais (Corrêa, 1989), caracterizando um arcabouço teórico-metodológico que não tinha grandes preocupações com os desequilíbrios de poder entre os grupos sociais, nem com a análise crítica de possíveis ações deliberadas do Estado e da classe alta com o propósito de favorecer as elites através da segregação.

Neste sentido, compreende-se que haviam claras limitações na análise urbana clássica da Escola de Chicago, limitações que eram em boa parte frutos da analogia biológica usada para explicar os fenômenos sociais, perspectiva que era fortemente influenciada pela ascensão dos ideais e da visão de mundo liberal na época (Marafon, 1996). A falta de atenção ao papel do Estado e aos processos sociais gerais eram duas grandes lacunas nos estudos de segregação urbana dessa escola (Gonçalves, 1989). Pode-se dizer então que a perspectiva teórica-metodológica da Escola de Chicago se desenvolvia dentro de um “quadro institucional definido pelo funcionamento de um mercado imobiliário livre, neutro e perfeito e pela ação equidistante do Estado em relação aos agentes envolvidos” (Farret, 1985, p. 75), o que impossibilitava uma análise mais aprofundada das causas, processos, condições e consequências da segregação socioespacial (Vieira; Melazzo, 2003).

Mesmo dentro de uma perspectiva liberal, que desconsiderava o papel do Estado, os autores dessa escola não abordaram de maneira crítica a influência deliberada do mercado imobiliário em produzir a segregação socioespacial, através, como diz Vieira (2005, p.42) da “construção de cenários e necessidades imaginários, vendidos para uma parcela da população em busca de status, através de grandes campanhas de marketing, como por exemplo, a venda de lotes/terrenos a altos preços em condomínios ou loteamentos fechados.”

Portanto, as considerações da Escola de Chicago, embora pioneiras e importantes para o desenvolvimento da análise da segregação urbana, não eram suficientes para uma

compreensão mais ampla do fenômeno. Neste sentido, Negri (2010), destaca que:

“O maior equívoco desta escola foi o de ter tomado para a sociedade uma teoria construída para os elementos naturais e ter construído bases para a “naturalização” das relações sociais nas cidades. A segregação socioespacial foi tomada como algo inerente às cidades, através de questões de cunho racial, étnico e cultural. Como se ser segregado ou não fizesse parte do cotidiano do espaço urbano, das relações “naturais” entre as pessoas, ou seja, somente aquele que se adaptasse mais facilmente e mais rapidamente ao modo de vida urbano poderia sair-se melhor e, conseqüentemente, habitar as melhores áreas e ter as melhores oportunidades de trabalho e renda” (Negri, 2010, p.135).

Ainda no contexto de aplicar princípios da ecologia no estudo de fenômenos urbanos surgiu a chamada Ecologia Fatorial, pela qual inúmeros estudos sobre segregação socioespacial foram desenvolvidos nos anos 60. Entretanto, os estudos se preocupavam apenas em medir a segregação, não em explicá-la (Villaça, 1998), ou, em outras palavras se tratava de uma abordagem que “centrou-se na tarefa de revelar a forma como se apresenta o espaço urbano, sem analisar os fatores que influem essa estruturação” (Miño, 1996, p.164).

2.1.2 Estudos sobre segregação socioespacial na perspectiva crítica.

Conforme nos conta Marafon (1996), o mundo passou por intensas transformações a partir da década de 50, a reestruturação das relações internacionais foi acompanhada da expansão do comércio internacional, e o fluxo do capital acomodou as inovações tecnológicas dos meios de comunicação e transporte, caracterizando o início de uma nova fase do capitalismo, que não poderia deixar ter implicações na organização do espaço urbano. Os paradigmas da Escola de Chicago se provaram insuficientes para explicar as alterações no meio urbano, o uso de preceitos ecológicos para a compreensão da segregação socioespacial não mais satisfazia os pensadores que tentavam entender a realidade das cidades nesse novo contexto.

Ao longo das décadas, os estudos e análises acerca da segregação nas cidades foram ficando mais aprofundados e problematizadores da realidade, havendo destaque para as décadas de 1960 e 1970, que marcam o início da inserção da perspectiva marxista para a compreensão do fenômeno de segregação, sob influência da Escola de Sociologia Urbana Francesa (Vieira; Melazzo, 2003). Segundo Souza (2003, p.25-26), os autores marxistas

promoveram “uma espécie de “desnaturalização” da análise da produção do espaço urbano”. Sendo assim, esse momento marcou o surgimento de uma nova matriz teórica-metodológica, na qual a segregação já não é mais naturalizada, e sim compreendida à luz dos processos dialéticos e contraditórios do capitalismo. Sobre a introdução do pensamento marxista na compreensão do espaço urbano, é possível dizer que:

“A abordagem marxista representa uma alternativa para os estudos sobre o espaço urbano. Contribui, ao introduzir para a análise da cidade e do urbano, a teoria da acumulação (ou valor de uso e o valor de troca e o solo urbano), os agentes produtores do espaço urbano (os proprietários dos meios de produção e fundiários, os promotores imobiliários, o Estado e os grupos sociais excluídos) e o processo de segregação residencial.” (Marafon, 1996, p.162).

Manuel Castells, Henri Lefebvre e Jean Lojkin são três autores clássicos e de grande influência que marcaram o período de ascensão de ideias marxistas nos estudos urbanos. Castells, em seu livro “A questão urbana”, define a segregação urbana como “a tendência à organização do espaço em zonas de forte homogeneidade social entre elas, sendo esta disparidade compreendida não só nos termos de diferença, mas também de hierarquia” (Castells, 1983, p.210). Quanto às causas da segregação socioespacial, Sogame (2001, p. 96) diz que para Castells a distribuição dos locais de residência “obedece às leis gerais da distribuição dos produtos e, portanto, para o autor, em função de uma gama de elementos, que variam de acordo com o nível de renda, do status profissional, do nível de filiação étnica, da fase do ciclo de vida etc.”, o que significa dizer que a distribuição espacial do produto-habitação obedece a estratégia de reprodução das forças de trabalho (Miño, 1996).

Quando Castells, em sua definição de segregação, fala que as zonas do espaço urbano se dividem também em termos de hierarquia, ele está se referindo a hierarquia das classes sociais que habitam as zonas se refletindo no espaço, já que quanto mais alta a classe social, mais bem estruturada será sua zona de habitação. Essa ideia pode ser identificada quando Castells fala de estratificação urbana. Villaça (1998, p.148), quando comenta sobre o supracitado “A questão urbana” de Castells, que diz que para este autor a “distribuição das residências no espaço produz sua diferenciação social e há uma estratificação urbana correspondente a um sistema de estratificação social e, no caso em que a distribuição social tem uma forte expressão espacial, ocorre a segregação urbana”. Para Villaça (Ibidem), tal concepção marca um avanço em relação à antiga Escola de Chicago no que diz respeito à

compreensão do papel da segregação socioespacial, que consiste na dominação do espaço/dominação pelo espaço.

Uma outra comparação e diferenciação direta entre a análise urbana de Castells e a dos autores da pretérita Escola de Chicago é no que diz respeito ao papel do Estado/das políticas públicas na questão da segregação. Enquanto Parks descartava o papel do Estado, afirmando que a cidade não tem poder sobre a atribuição do valor da terra e que isso seria prerrogativa exclusivamente do setor privado (Cardoso, 2007), Castells considera que as políticas públicas desempenham um papel importante na promoção da segregação socioespacial (Salas; Castro, 1993). Para este autor, o quadro residencial de uma cidade sofre a influência das estruturas da sociedade capitalista através de um esquema triplo que articula três forças de ação: economia, política e ideologia (Castells, 1983, apud Sogame, 2001).

Nessa perspectiva, a força política é representada principalmente pelo Estado, que tenderia a reforçar a segregação através de políticas públicas que serviriam os interesses da classe dominante de cada unidade administrativa (Ibidem), articulando-se assim com o fator econômico, representado pela elite detentora do capital, que possui maior poder de barganha e mecanismos de controle (Vieira; Melazzo, 2003). Os autores Vieira e Melazzo (Ibidem) também identificam na obra de Castells o papel das classes sociais menos favorecidas na reprodução de sua própria segregação em função da sua falta de representatividade política, de menos acesso à informação ou até mesmo por desinteresse, o que configura uma situação de alienação das classes que mais sofrem com esse problema. É possível dizer que entre as causas dessa alienação esteja o fator ideológico, que faz parte das três forças de ação citadas. Sobre esse fator, dentro da perspectiva de Castells, pode ser dito que:

“No nível ideológico, a relativa autonomia dos símbolos ideológicos produziria interferências nas leis econômicas de distribuição dos indivíduos entre tipos de moradia e de espaço ocupado, assim como a situação social de determinadas comunidades e sua implantação espacial poderiam reforçar tendências à autonomização ideológica, isto é, à constituição, em certos grupos, de *subculturas ecológicamente delimitadas*” (Sogame, 2001, p.96, grifo do autor).

Outro dos três autores marxistas clássicos citados anteriormente é Henri Lefebvre. Apesar de existirem algumas diferenças conceituais e de abordagem entre os autores marxistas na análise da segregação socioespacial, as semelhanças e concordâncias são frequentes, de forma a fazer com que os autores mais se complementam entre si, do que se contradizem. Ao falar das ideias de Lefebvre (1983) em sua obra “La Revolución Urbana”,

Sogami (2001, p.95) diz que a visão deste autor sobre segregação se assemelha a definição dada por Castells, no sentido em que Lefebvre acredita que a segregação é o resultado de “uma estratégia de extrema diferenciação social que conduz à formação de espaços homogêneos, impedindo a comunicação entre as diferenças”. É possível compreender então que para Lefebvre a segregação produz espaços que possuem certo grau de homogeneidade interna, mas de modo a romper ligações com outros espaços segregados, que também possuem seu próprio tipo de homogeneidade interna.

Para Lefebvre, a diferença social/espacial é diferente de segregação, já que a segregação está atrelada a ideia não apenas de diferenciação entre os espaços, mas no rompimento das relações entre esses espaços (Ibidem). A segregação, portanto, estaria relacionada com a ideia de desarticulação das diferenças, de desarmonia e fragmentação social, constituindo uma “ordem totalitária, cujo objetivo estratégico é romper a totalidade concreta, destroçar o urbano” (Lefebvre, 1983, p. 139, apud Sogame, 2001, p.95). Neste mesmo sentido, o autor diz ainda que a “cidade, mais ou menos estilhaçada em subúrbios, em periferias e aglomerações satélites, torna-se ao mesmo tempo centro de poder e fonte de lucros imensos” (Lefebvre, 2016, p. 140).

A fim de compreender as consequências do rompimento do tecido urbano causado pela segregação socioespacial, Vieira (2005, p.11) sintetiza que Lefebvre considera a importância do estudo de quatro dimensões básicas, pelas quais é possível perceber as questões que o autor enxerga como sendo atreladas a este fenômeno:

“1) coexistência espacial das diferentes classes sociais na cidade e seu acesso aos meios de consumo coletivo; 2) a repercussão cultural da composição de espaços homogêneos socioeconômicos; 3) a valorização ou desvalorização dos lugares e dos indivíduos ou grupos sociais menos favorecidos e, 4) os problemas de sociabilidade, ou seja, a possibilidade ou a impossibilidade de encontro/comunicação/contato entre os diferentes”.

O terceiro grande autor mencionado que segue a linha de interpretação marxista da segregação socioespacial, Jean Lojkin, considera que a organização espacial urbana representa a divisão social do trabalho (Lojkin, 1981), além de considerar também o papel do Estado, subserviente ao capital, na construção do espaço (Vieira, 2005). Para Lojkin, existem três tipos de segregação urbana, que não são mutuamente exclusivos, e, portanto, podem coexistir:

“1) uma oposição entre o centro, onde o preço do solo é mais alto, e a periferia; 2) uma separação crescente entre as zonas e moradias reservadas às camadas mais privilegiadas e as zonas de moradia popular; 3) um esfacelamento generalizado das funções urbanas disseminadas em zonas geograficamente distintas e cada vez mais especializadas: zonas de escritórios, zona industrial, zona de moradia, etc” (Lojkine, 1981, p. 167 apud Villaça, 1998, p. 143):

Segundo Villaça (1998), a organização urbana das metrópoles brasileiras é influenciada principalmente pelo segundo tipo. Nessa perspectiva, Vieira (2005, p.14) citando Salas e Castro (1993, p. 19–20), traz que esses três tipos de segregação operam em três níveis: “a) acesso aos bens de consumo coletivo, transporte e situação das habitações; b) na atenção às políticas públicas habitacionais; c) na configuração espacial das cidades”. A partir disso, observa-se como dentro da concepção de Lojkine a segregação socioespacial produz uma gama de consequências para a vida urbana, e uma vez que este autor analisa a partir da ótica da luta de classes, seriam então os mais pobres aqueles a serem mais afetados.

Referente às repercussões da segregação, Miño (1996), articulando com autores marxistas como Castells e Lefebvre, e indo de encontro com as ideias apresentadas aqui, comenta a respeito. Este autor sintetiza três tipos de consequências principais para o fenômeno: as espaciais, as de convivência social e as de distribuição de poder. Citando Corrêa (1995), Singer (1982), Carlos (1992) e O’Neill (1986), Miño diz que as consequências espaciais se manifestam primeiramente na diferenciação do preço de habitação em diferentes partes da cidade. Os trechos onde as casas e os terrenos são mais caros são destinados às melhores habitações, ocupadas pelas classes com maior poder aquisitivo, enquanto os terrenos mais baratos são destinados aos grupos com menor poder aquisitivo. É importante ressaltar que a qualidade da localização de uma área de habitação (seja um condomínio, uma rua ou um bairro) envolve tantos fatores físicos (como infraestrutura e/ou elementos naturais da paisagem) quanto fatores socioeconômicos que dizem respeito a sua inserção na dinâmica urbana (como acessibilidade e vizinhança).

Partindo para a segunda principal consequência destacada por Miño, que é relativa à convivência social, o autor cita Beltrão Sposito (1996) e Lefebvre (1983) para destacar que, uma vez que o espaço urbano se encontra estratificado, o que ocorre é sua fragmentação e o rompimento da comunicação entre as classes sociais. Implicando dizer que a convivência de dia a dia e o diálogo entre as diferentes classes sociais é dificultado, fazendo com que a maioria das pessoas só se relacionem com outras pessoas de semelhante situação socioeconômica na maior parte do tempo.

Quanto às repercussões relacionadas à concentração espacial do poder político, Miño(1996, p.167) referência Vetter et al (1981, p.13-15) e diz que:

“[...] as áreas que concentram famílias de alto poder aquisitivo têm maior poder político, já que possuem maior capacidade de influenciar decisões políticas em seu favor. Isto implica que suas demandas por serviços, geralmente, tendem a ser atendidas com maior rapidez que nos setores de menor padrão socioeconômico e com menor poder político. Esta dinâmica faz elevar os preços do solo e o status social dos bairros que concentram famílias de alta renda e, com isso, aumenta a atração que estas áreas exercem sobre tais famílias.”

Tal explicação volta a salientar o papel preponderante do capitalismo na manutenção da condição de desigualdade que culmina na fragmentação do tecido espacial e social da cidade. A articulação das classes altas com o poder político destacada por Miño está em concordância com o que Carlos (2020) diz quando afirma que a própria cidade se torna uma mercadoria, levando ao processo de produção do espaço obedecer a mesma lógica hierárquica de classes presentes no contexto capitalista.

2.2 Criminalidade no contexto da segregação socioespacial

As repercussões da segregação urbana abordadas até aqui atuam de maneira articulada para desempenhar um papel de influência em outro problema urbano muito presente nas metrópoles brasileiras: a criminalidade. A criminalidade violenta é um fenômeno social complexo que não é resultado de nenhum fator exclusivo, mas sim de uma rede de fatores interconectados. Os principais fatores atuantes na gênese da criminalidade e da violência urbana, bem como a intensidade de sua atuação, podem variar não apenas de caso a caso, mas também, numa maior escala de análise, com contexto social, político e econômico de cada cidade, e até mesmo de cada país.

Ainda assim, há uma correlação entre criminalidade e segregação socioespacial que já foi notada e abordada por diversos autores, como por Bittencourt (2019, p.05), que, ao falar sobre a criminalidade violenta no Brasil, diz que “para a compreensão do fenômeno da violência urbana, é necessário focar na segregação residencial, ou seja, na distribuição desigual da moradia por localidades mais ou menos favorecidas aos indivíduos e famílias mais ou menos favorecidos”. Maricato (2000) também cita a violência e a vulnerabilidade entre os problemas derivados das consequências da segregação socioespacial, e considera que

o mercado imobiliário está diretamente vinculado a esses problemas. Para compreender como a segregação urbana atua na acentuação da criminalidade violenta é necessário se ater ao papel da segregação na produção e reprodução da desigualdade e da fragmentação social, e na reprodução das relações sociais, três fatores que se interligam e se articulam nessa problemática.

Segundo estudos do Observatório das Metrópoles (2009, apud Rodrigues, 2013), as regiões metropolitanas brasileiras (o que inclui o Recife) são caracterizadas por um alto grau de segregação socioespacial e concentram os maiores índices de crimes violentos. Não apenas isso, mas o Observatório das Metrópoles (2005, apud Ribeiro, 2012) também, analisando as metrópoles brasileiras e as agrupando em seis categorias diferentes, se identificou que todas as seis categorias, apresentavam um cenário semelhante de (acentuada) segregação socioespacial (o que não significa dizer que não há particularidades na organização urbana entre as regiões metropolitanas), mesmo que os caminhos e os mecanismos usados pelo setor privado e pelas políticas públicas para se chegar a esse cenário tenham se diferenciado. Se referindo a esses estudos e à relação entre segregação e criminalidade, Rodrigues (2013, p.57) diz que:

Os resultados revelam que os processos de desenvolvimento das comunidades urbanas atuais são caracterizados pela segregação socioespacial, o que impacta a produção e a reprodução das desigualdades e, conseqüentemente, a formação de novas e contraditórias relações de interação e sociabilidade entre os grupos e classes sociais. Este mecanismo permitiu ainda o desdobramento dos estudos concernente à temática da criminalidade e da violência, admitindo-se serem estes os produtos mais expressivos e significativos da segregação socioespacial.

A correlação entre desigualdade social e criminalidade violenta tem sido observada ao longo das décadas e constatada por vários autores e marca um avanço no entendimento dos processos urbanos, indo além da concepção do senso comum de que a mera pobreza é a causa da violência (Santos; Ramires, 2009). Embora seja notado na literatura que a pobreza é identificada dentro de contextos de criminalidade urbana acentuada, ela na verdade tende a aparecer mais como fator quando está atrelada a um contexto de desigualdade, onde ela acaba se unindo a uma série de outros fatores que decorrem de tal situação (Ramos et al, 2020). Enquanto a pobreza absoluta seria sinal de uma certa homogeneidade socioeconômica da população urbana, a desigualdade social (pobreza relativa) evidencia justamente o oposto, já que denuncia a estratificação da sociedade em classes, que se reflete no espaço pela segregação dessas mesmas classes criando uma situação em que distância social e econômica entre as classes é muito maior do que a distância física que as separa.

Ao falar sobre a relação entre segregação socioespacial e violência urbana numa perspectiva similar a deste trabalho, Carmona (2014) diz que a influência da segregação se agrava conforme maior é a desigualdade econômica, social e política. Entretanto, embora pobreza e desigualdade sempre estejam sempre presentes na literatura geográfica produzida sobre o tema, a revisão de literatura acerca da incidência de criminalidade conduzida por Junior (2015) ressalta fortemente o fato de que a criminalidade é um fenômeno de causas multifatoriais, e que nenhuma causa ou linha de estudo consegue explicá-lo empiricamente em todas as circunstâncias. O que acaba existindo é uma correlação de diferentes fatores. Mas é pertinente notar que, a maioria das teorias sobre causas de criminalidade, das quais Junior (ibidem) enumerou e pesquisou a literatura, acabam sempre tocando em pontos referentes a influência das condições espaciais sobre o fenômeno, sejam elas relacionadas às condições habitacionais/de vida, oportunidades ou socialização, que são pontos também relacionados com a segregação socioespacial.

Sendo assim, a associação absoluta entre pobreza e criminalidade acaba sendo um tanto superficial e tangencial do ponto de vista da Geografia, pois embora sejam fatores de correlação para incidência de crime, se ignorarmos o que os cercam não é possível chegar no âmago da questão: espaços segregados criam condições sociais e habitacionais propícias ao aumento da incidência de criminalidade (Ferreira; Penna, 2005).

Dentro desse contexto, Weyrauch (2011, p.03) afirma que “este quadro colabora na interiorização da violência na medida do grau de frustração com base nas aspirações e bloqueios advindos tanto do desejo de qualidade de vida quanto dos estímulos da sociedade de consumo dirigido”. Indo de concordância ao que foi dito, De Oliveira et al (2004) também observam a tendência das taxas de homicídio no Brasil de se concentrarem nas capitais e regiões metropolitanas e percebe que a renda per capita por si só não é o suficiente para servir como um indicador de criminalidade, percebendo que na verdade a incidência de homicídios tende a aumentar conforme se aumenta a concentração de renda, ou seja, a desigualdade.

A relação entre segregação socioespacial e desigualdade, como foi abordada até aqui, é dialética, pois não apenas a segregação é um produto da desigualdade como também age na produção/reprodução dela. Como aponta Harvey (1980), a segregação cria barreiras para a ascensão social dos grupos mais pobres ao limitar seu acesso a recursos, oportunidades, boas condições de vida/habitação, e ao limitar também as relações e a convivência com outras classes sociais. Isso acontece porque o próprio espaço é condicionado e condicionante das relações sociais, por isso “é impossível dissociar o território das condições socioeconômicas e da violência” (Maricato, 2001, p.36).

Nessa mesma linha, Harvey (1980) ainda argumenta que a área residencial participa da construção da identidade de seus habitantes, pois dela eles retiram valores, expectativas e hábitos. Dentro do contexto de segregação, esse processo acaba por criar comunidades distintas, pontos que estão interligados com os outros dois fatores citados anteriormente, que são frutos da segregação socioespacial e que estão atrelados a criminalidade violenta: reprodução das relações sociais e fragmentação social. Isso significa dizer que a própria estratificação do tecido urbano gera atrito entre as classes e comunidades que, de maneira segregada, habitam a cidade, como comenta Bittencourt (2019, p.03), que ao citar Athens (1998) diz que a criminalidade violenta é “favorecida pelos mecanismos de segregação social, que confinam e separam espacial e moralmente os diversos grupos sociais entre si”. Na mesma obra, o autor, alinhando-se com as ideias de Harvey, salienta que o local de moradia constitui unidades espaciais de interação social que atuam no processo de construção do “eu” de seus residentes, e que, no caso de comunidades/bairros/trechos de habitação marcados pela violência e criminalidade (que, como argumentado anteriormente, se interliga com a desigualdade social), há a tendência de reprodução desse ciclo.

A segregação socioespacial implicaria então o rompimento das relações sociais, da comunicação e da circulação de pessoas e do diálogo entre as diferenças, levando a uma fragmentação do espaço urbano, como constata Sposito (1996), marcando um processo não apenas de diferenciação, mas de desarticulação entre as classes e comunidades que compõem o espaço urbano. Segundo Rodrigues (2013), esse processo está relacionado com a criminalidade violenta na medida em que causa a fragilização dos laços de coesão social, constituindo territórios que além de precários (se referindo às periferias e aos bairros e trechos residenciais habitados pelas classes mais pobres), também estão desintegrados geograficamente e socialmente.

Esses territórios estão desintegrados não apenas uns dos outros, mas também (e pode-se dizer, principalmente) daqueles destinados às classes mais ricas. Nessa perspectiva de territorialidades intra-urbanas sob a ótica da segregação socioespacial, há ainda contribuição de Ferreira e Penna (2005, p.156) sobre o que as autoras chamam de *território da violência*, comentando que “ao se territorializar, a violência fixa no espaço aquelas condições inerentes aos processos que lhe deram origem e, assim, os realimenta”.

A relação entre criminalidade violenta e desarticulação das classes, grupos e comunidades que residem numa cidade também pode ser evidenciada através dos conceitos de *capital social* e de *apoio social*, que embora possuam nomes diferentes, estão interligados. O conceito de capital social é abordado por De Oliveira et al (2004, p.96), que, ao citar Coleman

(1988), define como o “potencial dos grupos em estabelecer conexões e construir ações coletivas”. O autor, se referindo a um estudo realizado entre os anos de 1987 e 1994, nos Estados Unidos (Kennedy, 1998), observa que quanto maior o capital social de uma comunidade, mais ela tende a produzir ações que combatem a criminalidade. Ao mesmo tempo em que, de maneira inversa, uma alta taxa de criminalidade reduz o nível de capital social ao inibir ações comunitárias (Dias Jr., 2001, apud De Oliveira et al, 2004).

Da mesma forma, Cullen (1994) comenta que o nível de apoio social de uma cidade é inversamente proporcional à criminalidade violenta. A definição de apoio social envolve dois tipos diferentes de apoio que contribuem para a prevenção da incidência criminal, como é destacado por Bittencourt (2019, p.02):

Da definição pode-se abstrair três elementos: a sua pertinência em níveis contextuais diversos, a distinção entre apoio instrumental (p.ex., acesso à renda, emprego, crédito, vagas) e apoio expressivo (simbólico e socioafetivo, diz respeito à estima e envolvimento mútuo dos atores), e a provisão tanto por agências organizadas formais quanto por relações solidárias informais. Assim, a maior provisão de apoio social tem como efeito prevenir a entrada na delinquência e estimular o abandono de carreiras criminais. Socioespacialmente, a maior provisão de apoio social pelo Estado e pelas redes comunitárias inibe o crime violento e reduz o efeito de fatores criminogênicos, como a experiência social de crescer numa vizinhança violenta ou do encarceramento durante a juventude.

Considerando que a segregação socioespacial promove o rompimento de relações e a fragmentação do tecido social urbano, significa que esse processo também é responsável pela diminuição do capital social e do nível de apoio comunitário de uma cidade.

Sendo assim, a segregação socioespacial está ligada a criminalidade na medida em que ela: 1) ao promover a exclusão e limitar os meios de ascensão social, restringe o acesso a oportunidades e recursos, se torna não apenas produto, mas também produtora/reprodutora de desigualdade social, considerada como um dos fatores que culminam em altas taxas de criminalidade; 2) produz o rompimento do tecido social urbano, causando desarticulação entre os grupos e classes sociais, criando atrito entre as áreas segregadas e prejudicando a coesão intraurbana; 3) é reprodutora das relações sociais e age na construção da moral, da identidade e do jeito de agir dos sujeitos, fazendo com que bairros e outros trechos segregados, uma vez que marcados pela violência e pelo crime, tendam a continuar imersos nele.

2.3 A Segregação socioespacial e a criminalidade no Ensino de Geografia.

A segregação socioespacial e a criminalidade são problemas que fazem parte do cotidiano de muitos jovens brasileiros, especialmente daqueles que vivem em bairros pobres e nas periferias, que enfrentam essa realidade de perto. Ainda assim, muitas vezes esses jovens não possuem a leitura espacial necessária para a compreensão da realidade em que se encontram e acabam naturalizando essa realidade, sem considerar suas contradições, processos, e o fato de que ela foi historicamente e socialmente construída. Entra aí então o papel da Geografia escolar na ampliação da leitura espacial, da interpretação da paisagem e da compreensão dos problemas urbanos e da realidade vivida pelos estudantes. Em relação a isso, Cavalcanti e Araújo (2017, p.142) dizem:

Portanto, o trabalho da Geografia escolar nesses lugares segregados é essencial, pois ela pode atuar realizando esses questionamentos e intervenções na escola. Ao contemplar em seus conteúdos temáticas como a segregação socioespacial, a Geografia escolar permite de maneira problematizadora que os alunos compreendam o espaço em que vivem e, mais ainda, possibilita perceber relações entre seu posicionamento espacial e seu lugar na sociedade frente às problemáticas em que vive, buscando, assim, elementos para uma intervenção crítica no espaço com o qual interage.

Apesar dos conteúdos trabalhados pela Geografia fazerem parte do dia a dia dos estudantes, não é incomum que isso nem sempre transpareça, o que acaba por tornar as aulas pouco significativas e pouco atrativas, como comentam Pierozan e Manfio (2020, p.2018):

Mesmo assim, o ensino de Geografia, muitas vezes, não tem deixado transparecer essa Geografia do cotidiano, presente na vida das pessoas, pelo contrário, há currículos escolares, práticas pedagógicas e recursos didáticos que reforçam a transmissão de conceitos e conteúdos já prontos, datados, desorganizados, sem conexão entre eles e com o “mundo do aluno”, parados no tempo, deixando o ensino e a sala de aula desinteressante, desestimulante e sem sentido para os estudantes.

Dentro do campo das licenciaturas, as discussões sobre como aproximar os conteúdos da vida dos alunos e como tornar as aulas mais instigantes e os possíveis recursos didáticos para se alcançar esse objetivo são constantes, e com as aulas de Geografia não é diferente. Levando esse cenário em consideração, as HQs se apresentam como um possível recurso didático pertinente para ser usado nas aulas de Geografia. Assim como outras mídias, as HQs possuem uma grande variedade de temas, sendo capazes de conter críticas, humor, e suas narrativas podem representar situações análogas à realidade, trazendo personagens e situações que transbordam saberes sobre o mundo e a sociedade (Oliveira e Paulo, 2021).

Como dizem Pierozan e Manfio (2020, p.221), as HQs “são a representação do real

dentro do fictício, pois retrata vários problemas e situações presentes no dia a dia das pessoas, sendo muitos destes assuntos temas de estudo da Geografia”. Através da combinação de múltiplas linguagens, misturando texto e imagens (desenhos) dentro de uma narrativa permeada de signos, as histórias em quadrinho “estão sempre representando o espaço das mais variadas maneiras e com isso trazem diversos elementos a serem abordados” (NERYS e FREITAS, 2018, p.326), de modo em que a leitura dos quadrinhos pode se estabelecer de forma semelhante à leitura geográfica (OLIVEIRA e PAULO, 2021).

A criminalidade é um problema recorrente nas histórias do Batman, mas a segregação socioespacial também está presente na representação da cidade de Gotham chegando a ser às vezes parte integral da história. A HQ “Batman: Guerra ao Crime” é um exemplo contundente, pois na história a criminalidade é abordada de maneira diretamente articulada com a segregação socioespacial, e o Batman (em sua persona de Bruce Wayne), é impulsionado a agir de modo a atenuar os problemas sociais que estão levando a uma alta taxa de criminalidade em uma determinada zona da cidade.

De variadas maneiras, a segregação socioespacial e os problemas sociais de Gotham são constantemente atrelados à criminalidade violenta da cidade, “Batman: Ano Um”, “Batman: A Piada Mortal”, “Batman: o Mundo (Onde Estão os Heróis?)”, são exemplos de histórias em quadrinhos que podem ser usadas para trabalhar esse tema em sala de aula. Uma vez que os problemas de segregação socioespacial e criminalidade presentes em Gotham também estão presentes nas cidades brasileiras, o uso das HQs do Batman em sala de aula torna-se uma alternativa viável para o ensino desses conteúdos, de modo em que as histórias podem ser trabalhadas de maneira articulada com o cotidiano dos estudantes a fim de se construir uma aprendizagem significativa, como ressaltam Oliveira e Paulo (2021, p.04):

É inexorável a possibilidade de desenvolver estratégias a partir das HQs para provocar debates e reflexões sobre um conceito já trabalhado ou que ainda se pretende desenvolver, o que pode contribuir tanto para a inovação de suas respectivas práticas pedagógicas quanto para a aprendizagem significativa ao propor experiências que as crianças já tiveram a oportunidade de vivenciar em seu cotidiano.

Além da leitura das HQs em sala de aula, que deve ser realizada com o intermédio do professor, visando trabalhar as histórias à luz do conteúdo e da realidade geográfica, a produção de HQs por parte dos alunos também se caracteriza como um exercício válido para o desenvolvimento da leitura espacial. Por meio da criação de uma história em quadrinhos os

estudantes podem integrar, ao mesmo tempo, dentro de uma narrativa, o assunto trabalhado em sala de aula, as histórias fictícias abordadas e a realidade vivenciada por eles, utilizando elementos verbais e não verbais para representar o espaço, seja o espaço e os personagens presentes nas histórias produzidas fictícios ou não. Sobre essa questão, Pierozan e Manfio (2020, p.222) dizem:

Ainda, o trabalho com HQs pode suscitar a própria criação dos quadrinhos pelos alunos a partir de um tema gerador, conteúdo, conceito, que foi discutido/trabalhado em sala de aula. Esta construção também costuma ser empolgante, desafiante, educativa, criativa e serve inclusive de processo avaliativo da aprendizagem do estudante no que concerne ao entendimento/compreensão dos conteúdos programáticos ministrados na Geografia escolar.

Através de tal atividade, os estudantes vão construir uma representação de uma realidade espacial e social que se relacione com o que foi abordado na sequência didática. Como diz Mendonça e Dos Reis (2016), as representações numa história em quadrinhos expressam escolhas de princípios e de significação própria, cuja complexa montagem constitui um espaço híbrido que faz alusão ao real e ao ficcional. Desse modo, os estudantes podem não apenas expressar seus conhecimentos, mas também organizá-los numa narrativa com cenários e personagens de modo a servir como uma síntese dos conteúdos, agora aplicados de maneira prática através da criatividade, usando de base suas próprias inspirações pessoais e a compreensão do conteúdo trabalhado em sala de aula.

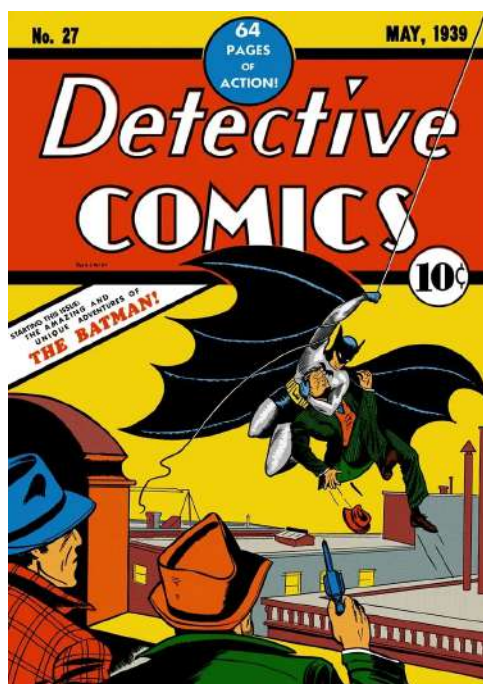
2.4 Caracterizando o Batman e suas HQs.

As HQs do Batman assumem o papel fundamental como recurso didático da proposta pedagógica desenvolvida no presente trabalho, por tanto, uma breve apresentação do personagem e justificativa para o uso de suas histórias foi apresentada na introdução. É sabido, porém, que o Batman, assim como vários personagens da cultura pop, passou por diversas releituras ao longo dos anos desde sua criação, o que materialmente resultou em diferentes versões do personagem e diferentes tipos de história, seja nas HQs, nos desenhos, filmes ou videogames. Embora a maioria das versões apresentem muitos pontos em comum, elas também possuem diferenças significativas entre si, pois são influenciadas pela ótica dos seus respectivos roteiristas ou diretores. Diante de tal cenário, torna-se relevante contextualizar melhor o personagem e suas histórias.

Embora o primeiro personagem a ter histórias seriadas publicadas no formato de histórias em quadrinhos tenha sido o Yellow Kid, em 1895, foi em 1938 que se teve início a febre dos super-heróis, com a publicação da primeira história do Superman na revista de título Action Comics, que teve grande sucesso imediato entre as crianças norte-americanas (Oliveira, 2007). A editora Detective Comics, nome pelo qual a atual DC Comics era chamada na época, foi a responsável pela criação do personagem e publicação da revista, marco que é considerado o início do período da Era de Ouro do cenário de histórias em quadrinhos (Krakhecke, 2009).

No ano seguinte, em 1939, a editora realizou outro lançamento ambicioso no mundo dos quadrinhos, que visava rivalizar com o Superman em popularidade, mas ao mesmo tempo oferecer histórias marcadas por um tom mais suburbano e sombrio, que contrastava com as histórias fantasiosas e coloridas do Superman: tem-se aí a estreia da primeira história do Batman, publicada na edição de número vinte e sete da revista que carrega o mesmo nome da editora, Detective Comics (figura 1).

Figura 1- Capa da primeira aparição do Batman.



Fonte: Bob Kane e Bill Finger, Detective Comics (1937) #27, 1939.

A criação do famoso herói apelidado de Homem Morcego, bem como a autoria das primeiras histórias do mesmo, é atribuída à dupla criativa Bill Finger e Bob Kane. Entre as fontes de inspiração usadas pela dupla para a criação do herói estão dois heróis clássicos lidos

por eles na juventude, Sherlock Holmes, que inspirou o tom investigativo e detetivesco do personagem, e o justiceiro mascarado Zorro, que assim como o Batman, é um membro da classe aristocrática que decide utilizar um traje escuro para esconder sua identidade enquanto combate o crime e injustiças (Silva Júnior, 2017).

Logo na primeira aparição do Homem Morcego é notável que algumas das características gerais mais icônicas e comuns à maioria das versões do personagem foram estabelecidas já de início e conservadas ao longo das décadas, ao mesmo tempo em que existem diferenças fundamentais na sua caracterização e na ótica da história se comparada as interpretações posteriores. O traje de super-herói baseado em morcego, a falsa persona de rico socialite do Bruce Wayne, a ideia de um herói noturno que luta contra criminosos e realiza investigações, a presença do comissário Gordon e a complicada relação do Batman com a polícia são elementos que foram introduzidos já na estreia do personagem e que se mantêm até os dias de hoje. Entretanto, um elemento que diz respeito à persona do super-herói e sua atuação como vigilante noturno presente nessa história não perdurou ao longo das décadas: o fato do Batman matar (figura 2). Na história, os golpes do Batman acabam derrubando um criminoso num tanque de ácido, e, por acreditar que o malfeitor merecesse morrer, ele deixa acontecer (Paiva, 2011):

Figura 2 - Batman mata um criminoso.



Bob Kane e Bill Finger, Detective Comics (1937) #27, 1939.

Ainda nos primórdios do personagem, dentro da primeira revista própria publicada com seu nome (Batman #1, 1940), também de autoria da dupla Bob Kane e Bill Finger, ele apresentou outra característica que logo seria abandonada e repudiada, não apenas na própria continuidade principal em que se passam suas HQs, mas também pela maioria de suas versões alternativas posteriores: o uso de armas de fogo (Figura 3).

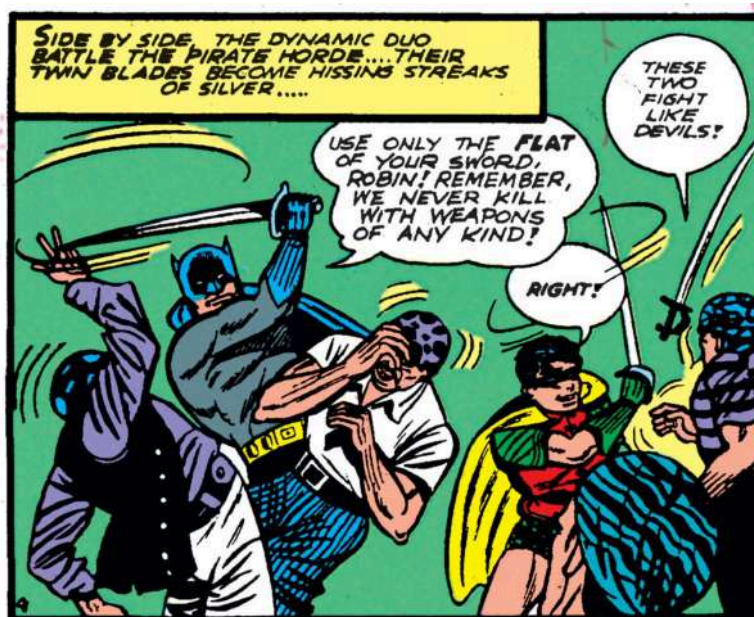
Figura 3 - Batman usando arma de fogo para tentar matar um criminoso.



Fonte: Bob Kane e Bill Finger, Batman (1940) #1, 1940a.

A própria DC Comics, através de uma matéria publicada em seu site oficial que aborda e reafirma a regra de não matar assumida pelo Batman, relata que caracterização inicial do Batman como alguém que mata criminosos e usa armas de fogo foi um ponto de contenda entre Bob Kane e Bill Finger, sendo o primeiro a favor e o último contra (Jaffe, 2022). Segundo o mesmo artigo (Ibid), essa contenda recebeu um ponto final quando o editor Whitney Ellsworth vetou essa caracterização, afinal, Batman havia se tornado o segundo herói mais popular da editora e as histórias eram lidas por milhões de crianças, os pais estavam começando a ficar ansiosos e um atmosfera de pânico moral em relação à moralidade representada nas histórias em quadrinhos (não apenas do Batman) estava crescendo. A partir da quarta edição da sua primeira revista mensal seriada, Batman consolida sua instância de não matar criminosos e não usar nenhum tipo de arma de maneira letal (figura 4), elemento que se tornou um clássico do personagem e que se conserva nas HQs até os dias de hoje, sendo um ponto importante para os dramas e dilemas de boa parte de suas histórias.

Figura 4 - Batman afirmando que não mata, com nenhum tipo de arma.



Fonte: Bob Kane e Bill Finger, Batman (1940) #4 1940b.

É interessante observar que é também na primeira edição de sua revista solo, em 1940, que o personagem recebe o icônico título de “Cavaleiro das Trevas” pela primeira vez, que veio a marcar a sua identidade por todas as décadas posteriores até o momento. A estranha combinação de “cavaleiro” com “trevas” ressalta o contraste pitoresco responsável por tornar o Batman um personagem marcante, já que enquanto as trevas são tradicionalmente utilizadas em histórias clássicas como sendo algo referente as forças do mal, a palavra “cavaleiro” remonta a uma noção de nobreza, virtude e heroísmo. A combinação de elementos e inspirações que deram forma ao Cavaleiro das Trevas é o que o destacou dos demais super-heróis da época, somando-se com o contexto urbano de aumento de violência nas cidades no século XX ao qual o personagem está inserido, como diz Tosi (2019, p.196):

Criado por Bob Kane e roteirizado por Bob Finger, o personagem adquiriu uma crescente popularidade por apresentar aspectos muito diferentes dos demais protagonistas da mesma época. Ele não possuía superpoderes e tinha em sua infância o traumático assassinato de seus pais, decorrente da crescente violência urbana. Isso lhe motivou a treinar seu corpo e sua mente ao máximo das capacidades humanas, mas não lhe concedeu nenhuma habilidade super-humana. O homem-morcego é o verdadeiro representante de uma época em que a sociedade acompanhava um vertiginoso aumento dos índices de criminalidade nas cidades estadunidenses e pessoas comuns se levantavam contra o escalonamento da violência urbana.

Esse aspecto de violência e trevas são uma parte fundamental da cidade em que ocorrem as aventuras do Batman. Entretanto, inicialmente suas histórias se passavam numa

metrópole indeterminada, que só posteriormente recebeu o nome de Gotham City, conforme salienta Gonçalves (2018). Na mesma obra, Gonçalves, se preocupando em investigar a origem da palavra Gotham para designar localidades urbanas, ressalta que a palavra da forma como é conhecida e escrita hoje apareceu pela primeira vez em 1807, empregada como uma forma satírica de se referir a cidade de Nova York, apesar de remeter ao antigo termo anglo-saxão “Goat’s Town”, ou, “Vila de Cabras”. Através de uma breve escavação da aplicação da palavra Gotham na literatura e folclore, o autor destaca a conotação do termo como sendo relacionado a ideia de uma “vila de loucos”, o que parece ser apropriado para o palco das pitorescas histórias do Homem Morcego.

Além disso, Gonçalves (ibidem) também comenta o fato de que Nova York foi inicialmente inspiração para a caracterização de Gotham City. Numa linha semelhante, mas usando outra cidade para comparação, um dos escritores mais importantes de toda a trajetória do Batman, Dennis O’Neill (1994), afirmou que Gotham era como uma versão mais violenta, sombria e assustadora de Manhattan. Já o grande artista das HQs do Homem Morcego, Neal Adams (Associated Press, 2008), diz ainda que acredita que a violenta e problemática cidade de Chicago seja uma das inspirações para Gotham City. Seja como for, a escolha de uma metrópole cercada de profundos problemas e criminalidade para a ambientação das histórias está intimamente associada com o próprio personagem do Batman, já que os problemas da cidade estão atrelados a origem trágica de sua cruzada como vigilante:

A escolha de um mundo sombrio e distante da lei, e conjuntos de regras de conduta pode, em alguns diferentes pontos, ser facilmente comparada aos elementos sociais que criaram a figura do Batman, o mesmo impacto da vida numa metrópole do crime, representada em Gotham City, retirou a vida de seus pais, pelas mãos de um ladrão das ruas, um produto do desemprego, da má distribuição de renda, de tantos fatores de cunho social que o impulsionaram até o Beco do Crime, na noite fatídica que tirou a vida de Thomas e Martha Wayne, pais do jovem Bruce e futuro justiceiro das sombras. (Silva Júnior, 2017, p.65).

Tendo conhecimento dessas primeiras mudanças que circundaram esse super-herói noturno, que se tornaram o *status quo* de suas histórias em quadrinhos e da maioria das suas adaptações para outras mídias, existe a possibilidade que um leitor pouco versado no mundo dos super-heróis fique confuso ao abrir alguma HQ avulsa do personagem sem aviso prévio e encontrar uma versão “distorcida” do personagem e/ou de sua mitologia. É possível que o cenário da história seja muito diferente do habitual, ou talvez até mesmo contenha até uma versão assassina do Batman, ou algum elemento cause estranheza de outras formas. Se não em uma HQ, talvez em algum filme que represente o personagem de maneira fora do habitual,

conflitando com outras adaptações e versões do mesmo. Para compreender o porquê tais leituras do Batman existem, é necessário entender que a franquia de super-heróis da DC Comics além de contar com um universo principal nas HQs, onde se passa a esmagadora maioria das milhares e milhares de histórias dos seus personagens (ao qual poderia se aplicar o termo “universo canônico”), também compreende uma infinidade de outros universos (cuja a totalidade é chamada de “multiverso”), cada um contendo uma versão diferente dos clássicos super-heróis, não apenas nas HQs, mas em todas as outras mídias.

Essas versões alternativas podem conter histórias e caracterizações que vão desde tão semelhantes ao universo principal que poderiam ser incluídas nele sem contradição alguma, até ao extremo oposto, incluindo aquelas que são tão radicalmente diferentes que mal lembram a versão principal. Histórias que se passam fora do universo principal das HQs, sejam histórias alternativas dentro da própria mídia das HQs, ou nos filmes, jogos e desenhos animados, são normalmente um playground menos restrito para a criatividade dos roteiristas e/ou diretores:

O multiverso da DC Comics envolve uma grande quantidade de mundos, a maior parte deles fora da continuidade principal da editora, estratégia que permitiu aos escritores uma grande liberdade criativa para explorar versões alternativas de personagens e seus universos *diegéticos* sem contradizer ou alterar permanentemente a continuidade oficial (Silva e Alencastro, 2017, p.103).

A relevância de contextualizar a dinâmica previamente mencionada reside no intuito de melhor delimitar o personagem abordado na sequência didática aplicada nesta pesquisa. As histórias do Batman que foram trabalhadas em sala de aula durante a pesquisa dizem respeito ao universo principal das HQs, por abarcar os elementos de sua mitologia que são mais conhecidos pelo grande público, sendo assim de mais fácil identificação, e por terem sido julgadas como sendo mais apropriadas e capazes de atender as demandas dos conteúdos ministrados nas aulas planejadas.

Além da já mencionada brusca mudança em relação ao seu código moral nas suas primeiras histórias, que se tornou um alicerce sob o qual as histórias posteriores seriam construídas, o personagem do Batman variou ao longo das décadas no que diz respeito a sua personalidade, às vezes mais sombrio, pessimista e neurótico, às vezes mais cooperativo e positivo, ou ainda um meio termo dos dois. Porém, mais importante para o presente tópico são as mudanças quanto ao tom, temas e abordagem narrativa de suas HQs. A evolução das histórias do Batman no universo principal das HQs, por estar dentro de uma continuidade

determinada e (ao menos parcialmente) ordenada, pode ser analisada de modo a se perceber certos padrões, que variam conforme a época.

Nessa linha de pensamento, Oliveira (2007) propôs uma divisão da trajetória das HQs do Batman em três fases, oferecendo uma perspectiva que pode ajudar na compreensão das características que marcam as etapas de sua evolução. Na divisão de Oliveira, a primeira fase tem início na primeira aparição do Cavaleiro das Trevas, em 1939, e vai até a década de 60, e ela se difere das fases posteriores especialmente por ser marcada por histórias mais simples, com pouca ou nenhuma nuance, sem preocupações em oferecer qualquer vislumbre de perspectiva crítica frente aos problemas enfrentados. Como o autor diz (Ibidem, p.148), nesse período “Batman é um herói de ação”, o que significa há pouca ênfase na ação filantrópica e social do personagem, todo o foco está na ação derivada do enfrentamento de criminosos e super vilões, e na atividade investigativa de detetive. O sacrifício pessoal e os problemas íntimos do Batman/Bruce Wayne são deixados de lado para a aventura assumir o plano central, além de não haver sensibilidade social significativa na representação dos problemas de Gotham, já que “ Bem e o Mal estão bem definidos, não sendo necessária qualquer reflexão para identificá-los” (Ibidem).

A segunda fase compreenderia as décadas de 1970 e 1980, nas quais as mudanças ocorridas nas histórias se tornam perceptíveis e expressivas, passando a apresentar nuances morais e maior sensibilidade social. O próprio personagem do Batman não passa sem consequências pela mudança de época, que para ele culminou em dramas mais humanizados e multifacetados, pois “nesse período, a história pessoal do personagem, com suas perdas e conflitos, começa a ganhar destaque” (Ibidem). As histórias ganham uma carga emocional mais íntima e os problemas de Gotham começam a ser retratados sob uma ótica mais crítica e problematizadora, com dilemas e contradições mais próprios de uma metrópole.

Uma das personagens que melhor representa as transformações ocorridas nessa fase é a Mulher Gato, que simboliza uma certa quebra da dualidade rígida entre bem e mal, já que ela exibe características conflitantes, e se torna um alvo de fascínio do Batman, que ao mesmo tempo que a combate, é também atraído por ela. A origem da Mulher Gato foi ainda reformulada em 1987 de forma a acentuar mais essa nova dinâmica, numa HQ importantíssima que veio a redefinir e aprofundar ainda mais o ambiente das histórias do Batman, chamada Batman: Ano Um. A relação contraditória entre o Batman e Mulher Gato é um exemplo da passagem de histórias simples para histórias mais complexas e com múltiplas camadas: ela, vinda das camadas mais excluídas e pobres da sociedade, assume uma persona de ladra através de uma fantasia de gato, decidida a roubar da elite rica que devora a cidade, já

ele, herdeiro de uma família rica que foi assassinada, decide entrar numa cruzada para livrar Gotham da corrupção e do crime, agora se preocupando não apenas em enfrentar o crime nas ruas, mas também em resolver os problemas estruturais da cidade. A atitude filantrópica frente aos problemas sociais de Gotham agora também recebe holofotes, e o papel das múltiplas camadas e setores da sociedade na perpetuação dos problemas não é ignorado.

A partir dessa segunda fase já existem diversas histórias que atendem as demandas referentes ao tema deste trabalho, sendo perfeitamente aplicáveis em sala de aula. A terceira fase, que na divisão de Oliveira (2007), compreende a década de 90 e os anos 2000, acentua o que teve início na etapa anterior, e é possível dizer que perdura até os dias de hoje. Há agora uma preocupação ocasional em retratar também possíveis efeitos negativos das atitudes do Batman, adicionando mais camadas de nuance nas histórias, e os dilemas e reflexões se tornam ainda mais comuns. Também acentua-se o foco no aspecto pessoal do Batman, abordando-se reflexões sobre sua integridade psicológica, suas motivações e seus métodos.

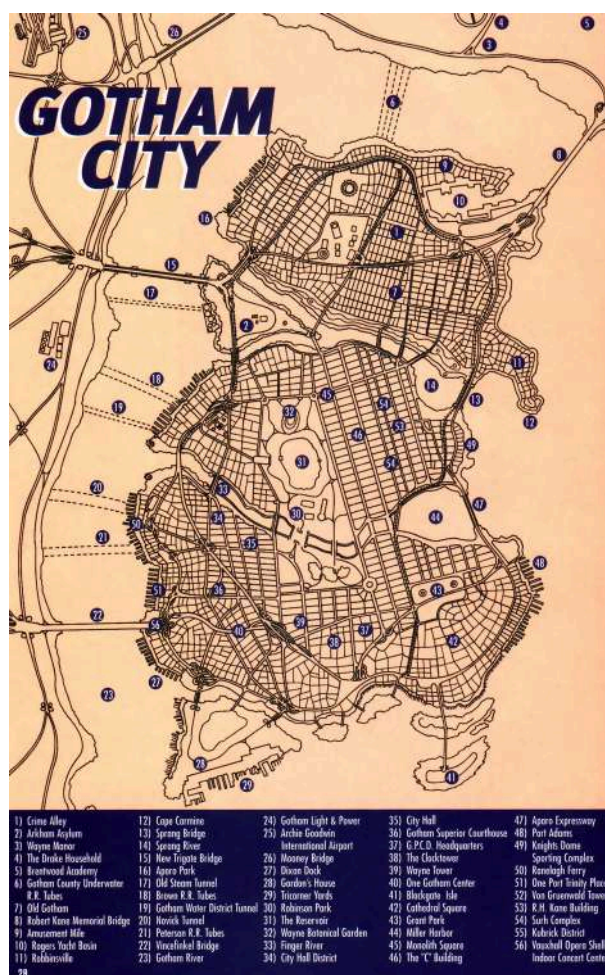
Diante desse panorama, fica claro que é necessário uma seleção criteriosa por parte do professor que deseje utilizar histórias do Batman como recurso didático, para que os objetivos pedagógicos sejam propriamente atingidos. As HQs utilizadas nesta pesquisa são referentes à segunda e terceira fase dessa trajetória, visto que a primeira, por ser marcada por uma simplicidade excessiva e não ter preocupação em problematizar a realidade social nem oferecer muitas nuances, é de difícil conexão com a realidade urbana tal como a Geografia a enxerga.

2.5 A respeito de Gotham

Desde o início deste trabalho a fictícia cidade chamada de Gotham City, ou simplesmente Gotham, tem sido mencionada ocasionalmente, seja quando se fala da relevância do uso das histórias do Batman para o ensino de segregação socioespacial e criminalidade, seja na breve caracterização do Batman e suas histórias. Ainda assim, há a possibilidade de que aqueles não habituados com as histórias do Homem Morcego permaneçam intrigados quanto a natureza dessa cidade, afinal, ela é de central importância para o recurso pedagógico escolhido, uma vez que estamos falando de problemas urbanos. Torna-se pertinente então discorrer a respeito dessa cidade ficcional, a fim esclarecer seu potencial em facilitar a apreensão de questões relativas a problemas urbanos de maneira lúdica em sala de aula.

Um fenômeno comum dentro do mundo de super-heróis é o dos personagens dedicarem sua atenção à uma cidade específica, enquanto a Marvel sempre procurou trabalhar com cidades reais, como Nova York, como sendo locus da ação de boa parte de seus heróis, a DC ficou marcada pela criação de cidades fictícias (Agostinho, 2019). Dentre as cidades fictícias, poucas alcançaram o nível de iconicidade e identidade de Gotham, sendo uma das poucas a possuir um mapa completo de sua estrutura (Figura 5), desenvolvido por Eliot R. Brown, tendo servido de base para a grande saga chamada Terra de Ninguém, que reuniu dezenas de autores. Como o mapa indica, Gotham é uma grande metrópole localizada na costa leste dos Estados Unidos, ligada ao resto do país através de pontes.

Figura 5 - Mapa de Gotham.

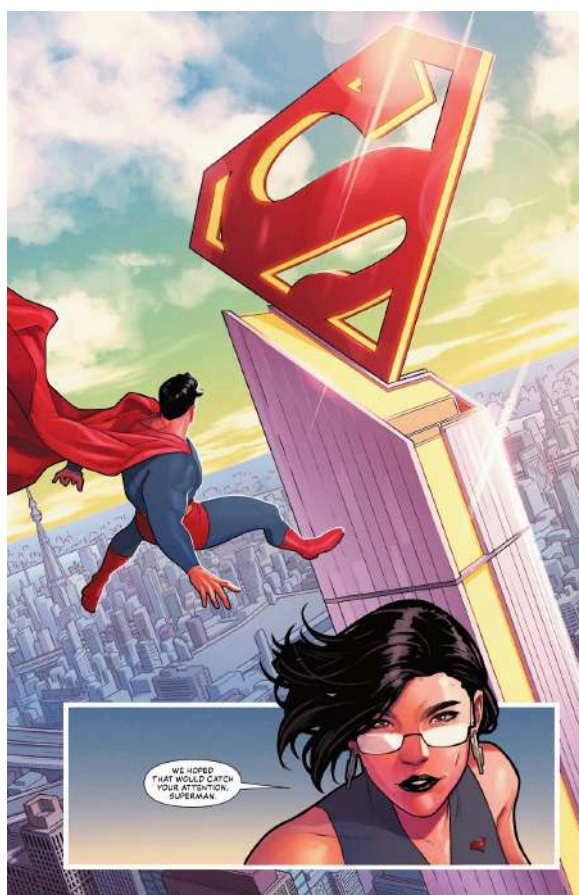


Fonte: Eliot R. Brown, Terra de Ninguém, DC Comics (2001).

As cidades fictícias do universo do universo DC geralmente possuem características que as diferenciam umas das outras e lhes atribuem uma certa identidade, como Metrópolis, a cidade onde atua o Superman, que é normalmente referida como a cidade do progresso e

retratada com cores claras e prédios reluzentes (Figura 6), simbolizando uma perspectiva otimista. É em todas as medidas uma cidade oposta a Gotham, representando visões urbanas antagônicas que se refletem na arte, na narrativa e até no período do dia em que as histórias se passam, sendo Metrópolis uma cidade para histórias de aventuras diurnas e Gotham, noturnas (Vieira, 2011). Metrópolis, diferente de Gotham, não tem seus principais problemas atrelados a criminalidade padrão de centros urbanos, nem a desigualdade social, segregação, drogas, corrupção ou infraestrutura decadente, já que se parece mais com uma cidade idealizada e seus problemas estão mais relacionados com ações excêntricas de bilionários e gênios do mal, ou invasões alienígenas. Como foi mencionado anteriormente, Gotham é inspirada em reais cidades estadunidenses, sendo caracterizada principalmente pela extrapolação dos problemas urbanos recorrentes nas metrópoles, e nesse sentido, Maynard e Silva (2023, p.32) falam que “Gotham é uma das mais populosas desse universo e possui um alto índice de criminalidade, funcionando como uma metáfora de desordem e das contradições que as megalópoles mundiais enfrentam”.

Figura 6 - Identidade visual da cidade de Metrópolis.



Fonte: Joshua Williamson e Jamal Campbell, Superman (2023) #1, 2023.

Enquanto Metrópolis é quase sempre representada numa arte esperançosa que não tem preocupação em retratar o lado sombrio da realidade urbana das grandes cidades do mundo real, Gotham é marcada por nuances e problemas. Em Gotham, as contradições e os dilemas urbanos além de fazerem parte da narrativa das histórias, também se materializam no espaço. Vista de longe, especialmente numa perspectiva de elevada altitude e com o céu limpo, os problemas das ruas e das instituições da Gotham podem até se camuflar e se esconder entre os grandes prédios de diversos modelos arquitetônicos diferentes, numa identidade visual que mistura o clássico com o moderno, mas eles sempre se fazem presentes. Sendo as HQs uma mídia desenhada, a impressão gerada pelas vistas panorâmicas da cidade pode variar de acordo com o que cada artista está tentando transmitir em uma determinada história.

Por vezes, quando o intuito é transmitir a ideia de Gotham como uma grande e rica metrópole que tem um grande potencial que é devorado pelas elites e pelas contradições que enfrenta, busca-se uma representação um pouco mais romântica dos grandes edifícios que escondem a sujeira das ruas. É o caso, por exemplo, que ocorre na sexta edição da mensal do Batman escrita pelo Tom King (et al, 2016), na qual havia a pretensão de invocar um sentimento melancólico de que Gotham ainda é uma cidade pela qual se vale a pena lutar, dentro de um contexto no qual a personagem vislumbrando a cidade havia recentemente perdido seu irmão, que havia firmado junto dela o compromisso de salvar a cidade (figura 7).

Figura 7 - Visão panorâmica romantizada de Gotham.



Fonte: Tom King et al, Batman (2016) #6, 2016.

Entretanto, também é comum que o espírito decadente e corrosivo da cidade seja transmitido através desses mesmos prédios dentro de uma atmosfera mais sombria, fazendo jus ao nome da cidade. É possível citar como exemplo desse último caso a HQ que retrata a visita de Jimmy Olsen, um personagem que mora em Metrópolis, à Gotham (Fraction; Lieber; 2019), na qual a arte ressalta a diferença entre a atmosfera simbólica das duas cidades (figura 8).

Figura 8 - Visão panorâmica sombria de Gotham.



Fonte: Matt Fraction e Steve Lieber, Superman's Pal Jimmy Olsen (2019) #1, 2019.

É quando saímos da escala panorâmica e adentramos mais profundamente em Gotham que podemos ter uma melhor dimensão de seus problemas e vislumbrar um pouco de como se dão as relações de classe e de poder na cidade. Para tal, podemos iniciar com duas HQs que foram utilizadas na sequência didática do presente trabalho, sendo elas Batman - Ano Um e Batman - A Piada Mortal. Foram escritas, respectivamente, por Frank Miller e Alan Moore, dois dos maiores autores da DC Comics, que acreditavam que a mídia dos quadrinhos poderia ser utilizada como uma forma literária que abordasse temas complexos (Robb, 2017).

Em Batman - Ano Um vemos a história de origem canônica do Homem Morcego, que estabeleceu muitos paradigmas ao universo urbano do personagem que continuam até hoje, iniciando com Gotham em seu pior momento, logo antes do Batman entrar na ativa. Logo de

início, na primeira página da história (figura 9), já se insinua bastante do tom crítico em que a cidade se encontra através das reflexões do personagem James Gordon, que está sendo transferido de Chicago para trabalhar no departamento de polícia de Gotham e já chama a nova cidade de “inferno”. Gordon chega à Gotham de trem enquanto pensa no fato de que fez questão de que sua esposa chegasse a cidade de avião, não importando o quanto custasse a passagem, já que vista de cima a cidade até poderia parecer “civilizada”, enquanto que no chão já se percebe a insalubridade desse centro urbano. Isso acontece ao mesmo tempo em que o bilionário Bruce Wayne está voltando para Gotham de avião depois de anos de treinamento ao redor do mundo, e também refletindo que é apenas no chão que ele pode ver o “inimigo”.

Figura 9 - primeira página de Batman - Ano Um.



12

Fonte: Frank Miller e David Mazzucchelli, Batman Ano Um, 1987.

Na próxima página descobrimos que a esposa do policial Gordon está com fortes suspeitas de gravidez e que ele torce para que o resultado dê negativo, por considerar que aquela não era uma cidade saudável para se ter uma família. Logo em seguida na mesma página, ao sair do trem, ele se depara imediatamente com a brutalidade com que o policial que vai ser seu novo parceiro de trabalho trata um vendedor ambulante na estação, enquanto esse mesmo policial se vangloria que os policiais se dão bem em Gotham, deixando subentendido o esquema de corrupção (figura 10).

Figura 10 - segunda página de Batman Ano Um.



Fonte: Frank Miller e David Mazzucchelli, Batman Ano Um, 1987.

Nessas primeiras duas páginas a narrativa já insinua organicamente o cenário distópico dessa metrópole, e o resto da história aprofunda a situação em que a cidade se encontra ainda mais. Esse pequeno vislumbre no início da história chama atenção para o fato de que Gotham é o elemento mais importante das histórias do Batman, é ela que dita o tom, os temas e os problemas a serem enfrentados. Sobre essa HQ, Yida (2016, p.59) diz que “Gotham funciona nesta narrativa como um personagem, ela não é mero cenário, a cidade ganha vida e vontade própria no discurso dos seus habitantes, ela opera como o motor de toda ação”.

Um dos momentos mais icônicos dessa história é também um que denota a manifestação de problemas urbanos nas ruas, que é quando o Bruce Wayne disfarçado faz uma caminhada por toda a cidade a fim de se habituar e fazer o reconhecimento, já que fazia anos que ele estava fora. Na caminhada, Bruce passa por vários bairros da cidade até chegar numa área que, apesar de ser comercialmente movimentada, ele não apenas a destaca como sendo conhecida como “o inferno”, mas também reconhece que está pior do que costumava ser (figura 11) . As cores, a composição, a arte de aspecto um tanto “sujo” e a narração se complementam para construir uma cena que busca representar a ideia de uma área da cidade particularmente degradada e perigosa em relação às demais, ressaltando um aspecto de segregação socioespacial e criminalidade.

Figura 11 - Bruce Wayne caminhando pela cidade disfarçado.



Fonte: Frank Miller e David Mazzucchelli, *Batman Ano Um*, 1987.

A segregação socioespacial faz parte de Gotham e dessa HQ em múltiplas camadas. Por o Bruce Wayne ser um bilionário que mora na mansão que herdou de seus pais, localizada

afastada da área urbana de Gotham, a única forma dele entrar em contato com as áreas mais perigosas e pobres da cidade é se infiltrando nelas por pura e espontânea vontade, e ele pode sempre voltar para sua área protegida quando lhe for conveniente, diferente das pessoas que moram em locais semelhantes ao da figura anterior, que são de certa forma reféns das condições espaciais. Sua inexperiência de início de carreira é acentuada pelo fato dele estar adentrando uma realidade social completamente diferente da sua, e sua mera intervenção no referido local, mesmo que bem intencionada, desencadeia uma série de eventos que resultam num perigoso conflito entre o futuro Homem Morcego, as pessoas que ali residem, incluindo a personagem Selina Kyle, futura Mulher Gato, e a polícia (figura 12). Ele acaba por colocar em perigo as pessoas as quais queria ajudar.

Figura 12 - Confronto entre diferentes realidades culmina em conflito.



Fonte: Frank Miller e David Mazzucchelli, Batman Ano Um, 1987.

Esse desenrolar de acontecimentos desperta a consciência de Bruce Wayne para o fato de que os problemas da cidade não podem ser resolvidos apenas em confrontos imprudentes nas ruas. Conforme a história revela, Gotham é uma cidade com problemas estruturais em todos os níveis sociais. A polícia e a prefeitura são corruptas, bem como a maior parte das famílias ricas pertencentes a elite de Gotham, estando todos articulados entre si para manter o status quo e devorar cada um a maior fatia da cidade possível, ao ponto de que mesmo uma família da máfia italiana, importante para certas atividades criminais na cidade, janta e faz negócios com eles. Existem alguns poucos que apesar de fazerem parte do sistema, querem corrigi-lo honestamente e agir em favor do povo, mas são perseguidos, ameaçados e chantageados, como é o caso do policial James Gordon. Enquanto isso, as ruas sangram e choram, e o ciclo de violência e de criminalidade atinge as populações mais pobres e ressalta a segregação socioespacial na cidade. Yida (2016, p.62) comenta:

Chove muito nesta cidade, mas não o bastante para limpar a sujeira, a maldade e a impunidade que se entranham em todas as esferas administrativas da cidade, em especial, a chuva não consegue limpar a corrupção na polícia. Grande parte da ação se passa de madrugada nas ruas e telhados de Gotham, como as perseguições, lutas e acidentes com carro que transcorrem a céu aberto, pois não há refúgio e nem como se esconder neste lugar. A cidade de Gotham pulsa, vive e participa dos embates com suas formas cinzentas e frias, repelindo os recém-chegados.

É nesse cenário que o Batman faz sua estreia pública perante a elite corrupta de Gotham, ao invadir um jantar que reunia os mais influentes e corruptos membros das esferas administrativas, ricas famílias e mafiosos. (Figura 13). Aqui fica claro que os problemas de Gotham precisam não apenas ser combatidos nas ruas, onde atuam as camadas mais pobres, mas também entre a elite responsável por corroborar com a perpetuação dos problemas da cidade. As palavras de Batman são um aviso aos poderosos: “Senhoras e senhores. Vocês comeram bem. Comeram a riqueza de Gotham. Seu espírito. Seu banquete está prestes a acabar. A partir desse momento, nenhum de vocês está seguro” (Miller; Mazzucchelli, 1987, p.49, tradução do autor).

Figura 13 - Batman confronta a elite de Gotham.



Fonte: Frank Miller e David Mazzucchelli, Batman Ano Um, 1987.

Já a HQ Batman - A Piada Mortal nos mostra que os problemas sociais de Gotham, em especial a desigualdade e a segregação socioespacial, desempenharam um papel importante até mesmo na origem do vilão mais icônico do Cavaleiro das Trevas, o Coringa. O famoso palhaço do crime nem sempre foi louco, nem criminoso. Apesar de seu nome real não ser dito, originalmente, como a história revela, o Coringa era um homem comum de classe baixa, um comediante de pouco sucesso que morava em um bairro pobre e decadente e tinha uma esposa gestante. Ele almejava poder garantir uma melhor qualidade de vida para sua esposa e futuro filho, e em especial, desejava que eles morassem, nas palavras dele próprio, em uma “vizinhança decente” (figura 14). Sua condição socioeconômica, porém, não permitia lhe permitia tal coisa, e ele não possuía meio algum de ascensão social, visto sua posição dentro do fragmentado tecido social urbano de Gotham. Foi então que criminosos o contataram com uma proposta de um roubo a uma fábrica de produtos químicos, oferecendo uma quantia de dinheiro suficiente para que ele pudesse mudar de vida e finalmente morar em um bairro

melhor, e convencendo a si mesmo que praticaria crimes apenas uma única vez, o homem que viria a ser o Coringa aceita, relutante.

Figura 14 - motivação do Coringa para entrar no mundo do crime.



Fonte: Alan Moore e Brian Bolland, Batman - A Piada Mortal, 1998.

Logo na véspera do roubo planejado, a esposa do Coringa, bem como seu filho que estava prestes a nascer, morrem num acidente doméstico, mas apesar disso, ele não conseguiu se livrar do acordo que fez com os criminosos e foi obrigado a cumpri-lo. Nesse momento, já é possível argumentar que existe uma história razoavelmente sólida e verossímil que explicaria a origem de um super-vilão que caiu na loucura mediante a sociedade em que se encontra, mas houve ainda mais uma tragédia no desenrolar dos acontecimentos, que

consolidou a destruição de sua integridade psicológica. O roubo da fábrica não saiu conforme o planejado e a polícia interceptou o trágico comediante e os criminosos que vieram com ele, e uma intensa troca de tiros teve início. Desarmado e desesperado, o Coringa corre sem rumo pela fábrica e se depara com a visão assustadora e misteriosa do Batman em todo seu esplendor sombrio. Tendo ficado aterrorizado e pensando que o Batman era uma punição divina enviada especificamente para ele, ele precipitadamente pula num tanque de químicos, onde é submergido por estranhas substâncias e acaba saindo pelo encanamento da fábrica. Os químicos misteriosamente alteraram sua aparência e destruíram sua sanidade para sempre, dando origem ao Coringa que se conhece hoje (figura 15).

Figura 15 - Nascimento do Coringa.



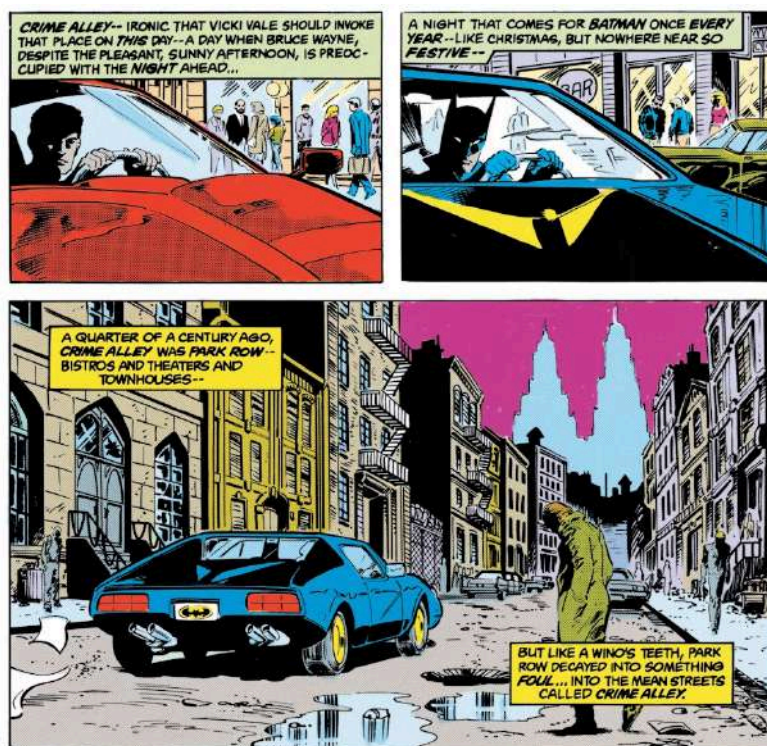
Fonte: Alan Moore e Brian Bolland, Batman - A Piada Mortal, 1998.

Através desse exemplo é possível observar que os problemas sociais de Gotham são tão enfáticos que o Coringa, o maior terror que já afligiu a cidade, nada mais é do que o produto das distópicas condições de vida da mesma. Apesar do Coringa apresentar um elemento fantasioso por ser um super-vilão, o contexto que deu origem a ele faz parte do mesmo ciclo de problemas estruturais relativos à desigualdade e segregação socioespacial que

contribui para o aumento da criminalidade entre os cidadãos comuns de Gotham, como conta a narrativa da HQ Batman - Guerra ao Crime, desenhada e escrita por Alex Ross e Paul Dini (1999).

Indo além dos vilões e criminosos de rua, até mesmo um dos personagens aliados do Batman já foi vítima das condições socioespaciais de Gotham e quase foi pego neste mesmo ciclo, seu nome é Jason Todd, o segundo menino a se tornar Robin. Esse conflito ocorreu na mesma HQ de sua primeira aparição, em 1987, na edição de número 408 da revista principal Batman, numa história escrita por Max Collins e desenhada por Chris Warner. Na história, Jason mora num bairro de Gotham conhecido como “Beco do Crime”, onde os próprios pais do Bruce foram assassinados, evento que originou tal nome e que culminou no declínio, empobrecimento e decadência desse bairro, tendo se tornado uma área pobre e perigosa (figura 16).

Figura 16 - Batman passeia pelo Beco do Crime.



Fonte: Max A. Collins e Chris Warner, Batman (1940) #408, 1987.

Nesse período da linha do tempo, Jason é um órfão de doze anos de idade que mora num prédio abandonado e sobrevive sozinho praticando pequenos delitos, Batman o encontra roubando uma roda do Batmóvel. Esse pequeno arco de histórias dá foco na influência que as condições socioespaciais de áreas degradadas da cidade exercem na perpetuação do cenário

criminal. Mesmo a escola do bairro, a qual o Batman impeliu o Jason a frequentar após terem se conhecido, é corrompida e cooptada por atividades criminais, que são descobertas pelo próprio Cavaleiro das Trevas. Jason é então adotado pelo Bruce, o que muda drasticamente seu destino ao romper com as limitações e condicionamento do contexto no qual ele originalmente se encontrava.

A partir do panorama que foi apresentado, fica claro que Gotham é uma cidade fictícia marcada por um contexto urbano que é de interesse da Geografia, uma vez que “Gotham tem os problemas de toda metrópole moderna: a violência e o crime organizado, gangues de rua, trânsito, mendigos e prostituição, prédios abandonados e áreas decadentes” (Yida, 2016, p.61). Além de apresentar problemas urbanos análogos as cidades reais apesar de ser uma cidade fictícia, o papel de Gotham como recurso didático dentro de uma sala de aula ainda conta com o benefício de ser também o palco de histórias engajantes que mostram o impacto da segregação socioespacial e criminalidade na vida de seus personagens, como fica evidenciado nos exemplos utilizados. Somando-se a isso, própria mídia das histórias em quadrinhos traz consigo certas peculiaridades que podem ajudar a enriquecer a leitura espacial urbana:

Através dos quadrinhos, o leitor, por exemplo, pode ter simultâneos pontos de vista, visões panorâmicas ou ver em detalhes a grande cidade, estabelecendo relações espaciais inéditas; consegue visualizar sons e cheiros, atentando para aspectos que por vezes passam despercebidos na caótica ambiência urbana; tem a liberdade de se deter em um momento ou avançar e retroceder no tempo, seguindo seus impulsos; ou seja, tem um domínio espaciotemporal sobre o espaço urbano distinto da própria vivência, que não somente revela outras faces e apreensão da cidade, como redimensiona a própria experiência urbana do receptor, alterando seus sentidos e sua atenção.

Um adendo que poderia ser levantado é o fato de que, apesar de Gotham apresentar problemas comuns a maioria das grandes cidades, o fato dela ser uma cidade estadunidense, mesmo que fictícia, pode ocasionar um certo “ruído” na tentativa de criar um diálogo entre ela e cidades de países diferentes, como o Brasil. Por sorte, a DC realizou uma iniciativa que convidou escritores de diversos países ao redor do mundo para escrever uma aventura do Batman nos seus respectivos países de origem, dentre os quais foi incluído o Brasil. O nome dessa coletânea é “Batman: O Mundo”, e a história que retrata a visita do Batman ao Brasil tem o título de “Onde Estão os Heróis?”. A aventura do Cavaleiro das Trevas em terras brasileiras, escrita por Carlos Estefan e desenhada por Pedro Mauro, não se restringiu de fazer comentários sócio-políticos sobre as cidades brasileiras e apontar claras semelhanças com Gotham. Na história, Batman visita a cidade de São Paulo e ele próprio comenta que a

situação é a mesma de Gotham, exceto pelo fato de não existirem super-heróis no Brasil (figura 17).

Figura 17 - Batman compara as cidades do Brasil com Gotham.



Fonte: Carlos Estefan e Pedro Mauro, Batman: o Mundo, 2021.

É uma história que também foca em corrupção, segregação socioespacial e criminalidade, e sua última página retrata o contraste entre condomínios luxuosos e as favelas em São Paulo, uma expressão dos problemas urbanos materializados num contexto típico dos países da América Latina, indo além dos guetos estadunidenses (figura 18).

Figura 18 - Batman contemplando a segregação socioespacial brasileira.



Fonte: Carlos Estefan e Pedro Mauro, Batman: O Mundo, 2021.

Tendo em vista o que foi comentado, nota-se que além das chaves interpretativas que podem ser oferecidas pelo professor para construir a analogia entre Gotham e a realidade brasileira, o próprio Batman dentro de uma das histórias que foram trabalhadas na sequência didática faz essa comparação, fortalecendo o diálogo entre a história em quadrinho e a realidade. Sendo assim, os acontecimentos de Gotham podem servir então como um recurso facilitador e engajador na compreensão a respeito de segregação e criminalidade em cidades brasileiras como Recife, sem descartar, é claro, as ressalvas necessárias em toda analogia entre o fictício e o real.

3 METODOLOGIA

A abordagem do presente trabalho segue os pressupostos metodológicos de uma pesquisa qualitativa. Uma vez que o processo de ensino-aprendizagem é dinâmico, complexo e em muito excede dados quantificáveis (o que não significa que não sejam relevantes, pelo contrário, mas sua aplicabilidade vai depender do teor do estudo), a perspectiva qualitativa torna-se a mais relevante para o estudo aqui desenvolvido, levando em consideração que “as pesquisas qualitativas aspiram a captação do fenômeno a partir do entorno social, perante as perspectivas e envolvimento das pessoas nesse meio, pois a construção da pesquisa é produzida por meio das percepções dos sujeitos que dela participam” (Rodrigues; De Oliveira; Dos Santos, 2021, p.157). A abordagem qualitativa permitiu o registro de reflexões e interpretações bibliograficamente fundamentadas acerca da temática do estudo e da proposta pedagógica desenvolvida, bem como a síntese dos resultados.

Para apresentar e discorrer sobre a problemática da segregação socioespacial e criminalidade e para fundamentar a proposta pedagógica foi realizada primeiro uma revisão de literatura e pesquisa bibliográfica, que é uma “metodologia importante no campo da educação, pois permite ao pesquisador analisar conhecimentos já estudados e adquirir novos conhecimentos sobre o assunto pesquisado” (De Lunetta; Guerra, 2023, p.152). A revisão de literatura forneceu o arcabouço teórico para abordar a segregação e criminalidade de maneira crítica e interligada, tornando possível a construção de uma linha de pensamento que abordou a evolução conceitual da segregação socioespacial, as características desse problema urbano e sua relação com a criminalidade. Além disso, o levantamento bibliográfico também ajudou a nortear o desenvolvimento da prática pedagógica realizada, destacando a pertinência do ensino sobre segregação e criminalidade nas escolas e fundamentando o uso de uma ferramenta didática por vezes ignorada em aulas de geografia: histórias em quadrinhos.

A proposta pedagógica deste trabalho foi organizada ao redor de uma sequência didática, ou seja, um conjunto de aulas interligadas que “prescinde de um planejamento para delimitação de cada etapa e/ou atividade para trabalhar os conteúdos disciplinares de forma mais integrada para uma melhor dinâmica no processo ensino/aprendizagem (Oliveira, 2013, p. 39). Significa que, dentro de uma sequência didática, as aulas complementam-se umas às outras a fim de que, no fim, os objetivos delimitados sejam atingidos, cada aula representando uma etapa no processo de ensino e aprendizagem.

A sequência didática (quadro 1) foi planejada e aplicada, contendo quatro aulas, e utilizando como principal elemento didático as HQs do Batman.

Quadro 1 - Sequência didática sobre segregação socioespacial e criminalidade com o uso de HQs do Batman.

SEQUÊNCIA DIDÁTICA – SEGREGAÇÃO E CRIMINALIDADE NAS HQ DO BATMAN				
Disciplina: Geografia				
Série: 8º ano do Ensino Fundamental				
Número de aulas: Quatro (4) aulas				
Aulas	1	2	3	4
Tema	Segregação Socioespacial	Criminalidade e Segregação socioespacial	Segregação e Criminalidade nas HQ do Batman	HQ sobre violência e Segregação no Recife
Objetivos	Compreender a Segregação socioespacial que vivenciam no cotidiano.	Proporcionar a reflexão sobre influência do espaço nas relações sociais, relacionando a violência em Recife-PE.	Estimular a interpretação de texto e a compreensão integrada do conteúdo com o quadrinho e a realidade.	Exercitar o que foi aprendido através da produção de uma história em quadrinho.
Recursos Didáticos	HQ do Batman, apresentação via Datashow.	HQ do Batman, reportagens online, apresentação via Datashow.	HQ do Batman e fichas impressas com atividades.	Folhas A4, lápis de cor, canetas hidrocor e régua.
Metodologia	Leitura coletiva dos HQ. Diálogos e perguntas ao longo da aula, utilizando a realidade para a apresentação dos conceitos e processos, tendo o bairro da escola como exemplo.	Leitura coletiva dos HQ. Aula Participativa abordando a relação entre segregação e criminalidade a partir da narrativa de uma HQ do Batman, e da realidade vivida pelos estudantes.	Realização de atividade em grupos, na qual receberão uma HQ impressa e deverão responder perguntas sobre a HQ à luz dos conteúdos.	Os mesmos grupos da deverão produzir uma curta HQ, que reflita os conteúdos abordados nas aulas anteriores, bem como suas experiências e aprendizagens.
Avaliação	Avaliação formativa (diálogo e perguntas durante a aula).	Avaliação formativa (diálogo e perguntas durante a aula).	Capacidade de compreender criticamente a HQ.	de HQs produzidas pelos grupos e explicação das ideias desenvolvidas.

Fonte: autor, 2023.

Nas duas primeiras aulas se faz necessário um datashow, especialmente para a visualização e leitura coletiva das HQs em sala de aula. As duas primeiras aulas foram pensadas para serem as aulas teóricas, nas quais os conteúdos são apresentados e discutidos junto com a turma, usando HQs do Batman diretamente relacionadas com o assunto. Na terceira e na quarta aula, é usado material impresso em folhas de papel A4 para atividades que devem ser feitas em grupo. A atividade da terceira aula é uma ficha impressa com uma curta história em quadrinhos do Batman, que apresentou questões a serem respondidas através da interpretação da história e da compreensão dos conteúdos abordados nas outras aulas. Já a quarta e última aula é uma atividade na qual os grupos deverão produzir uma curta história em quadrinhos que de alguma forma aborde algo relacionado a segregação socioespacial e criminalidade. A sequência didática foi pensada de forma a tornar possível trabalhar os conteúdos de maneira mais lúdica e interativa, bem como aproximar a geografia da realidade vivida, usando histórias em quadrinho como ferramenta didática tanto nas aulas teóricas quanto nas atividades em grupo, de modo a fazer com que todas as aulas fiquem interconectadas.

As HQs escolhidas para serem utilizadas foram Batman: Ano Um, Batman: A Piada Mortal, Batman: Guerra ao Crime e Batman: O Mundo, onde estão os heróis? As duas

primeiras HQs citadas foram usadas na primeira aula, a terceira foi usada na segunda aula, e a última foi impressa para a atividade da terceira aula. Todas essas histórias foram escolhidas por retratar de alguma forma a segregação socioespacial e a criminalidade em sua narrativa, seja através de diálogos, dos desenhos, ou ambos.

A sequência didática referida foi aplicada numa turma de 8º Ano do Ensino Fundamental na Escola Pintor Lauro Villares, localizada em Recife-PE, na Rua Clarice Lispector, do bairro Torrões. Trata-se de uma escola pública estadual. A aplicação teve o aval do professor de Geografia da turma, que cedeu as aulas necessárias, e da coordenação da escola. Todas as aulas ocorreram no período da manhã. A aplicação de aulas relacionadas a segregação socioespacial no 8º Ano obedece a divisão de conteúdos de Geografia da BNCC (Brasil, 2018) e do currículo de Pernambuco (PERNAMBUCO, 2019).

Além das atividades realizadas com a turma nas duas últimas aulas, pode-se dizer que a metodologia usada nas duas primeiras aulas para discutir sobre os conteúdos através das histórias em quadrinho foi a de aula expositiva dialogada, que segundo Lopes (2012, p.30):

[...] pode ser descrita como uma exposição de conceitos, com a participação ativa dos alunos, onde o conhecimento prévio é extremamente importante, devendo ser considerado este o ponto de partida. O professor leva os alunos a questionarem, discutirem, interpretarem o objeto de estudo com as situações das realidades que podem ser levantadas pelos alunos. O diálogo deve ser a ferramenta chave desta estratégia, favorecendo a análise crítica, a produção de novos conhecimentos e propondo aos alunos a superação da passividade e da falta de mobilidade intelectual.

O conhecimento prévio dos alunos bem como do entorno da escola foi usado para ilustrar a problemática da segregação socioespacial e criminalidade, usando também de imagens e manchetes de notícias relacionadas ao bairro da escola. As histórias em quadrinho do Batman entram como uma ferramenta para melhor articular os conteúdos dentro de situações práticas que estão incluídas na narrativa das histórias, de modo a facilitar assim a identificar e compreender os problemas da realidade concreta, que muitas vezes passam despercebidos. Uma história pode ajudar a jogar luz em aspectos do dia a dia dos estudantes que eles não percebem.

Cinco grupos participaram das atividades práticas da terceira e quarta aula. Na terceira aula compareceram 30 alunos, e na quarta, apenas 18 estudantes. As respostas dos grupos para as questões escritas foram organizadas em forma de quadros, dividindo os grupos em A, B, C, D e E, já as histórias em quadrinhos produzidas foram escaneadas e apresentadas em forma de figuras.

4 RESULTADOS

4.1 Desenvolvimento das aulas sobre Segregação e criminalidade Socioespacial.

A primeira aula da sequência didática foi aplicada na escola no dia 25 de agosto de 2023, e, assim como todas as aulas ministradas, ocorreu no período da manhã. Como já estava programado na sequência didática apresentada anteriormente, essa aula contou com o uso de um datashow, para projetar imagens e textos com conceitos e explicações para a turma selecionada. Ao invés de iniciar a aula da maneira tradicional, já abordando o conteúdo, essa aula começou de maneira mais interativa, tentando construir junto com os estudantes um entendimento dos conteúdos partindo de seus conhecimentos prévios, e também, adicionando um fator lúdico, das histórias do Batman.

Primeiro foi perguntado para a turma se eles tinham alguma noção do que era segregação socioespacial e se eles já tinham ouvido falar sobre essa temática. Embora nenhum estudante da turma tivesse ouvido falar sobre o termo “segregação” e a imagem inicial do slide apresentado no datashow, que mostrava a disparidade habitacional de duas áreas vizinhas da cidade (figura 19), já serviu de pista suficiente para que as respostas começassem a convergir na direção do conceito real da segregação socioespacial, mesmo que de forma pouco sofisticada. A pergunta seguinte foi sobre quais os principais inimigos do Batman. A turma se mostrou bem participativa e animada nessa aula, se deparando pela primeira vez com uma aula de Geografia que abordasse histórias em quadrinho de super-herói. Começaram a responder vilões famosos do personagem, como Coringa, mas, como foi explicado para os alunos, o principal inimigo do Batman na verdade são os problemas sociais que existem em Gotham, que são a raiz de muitos desafios e vilões que o Batman enfrenta.

Figura 19 - Início da primeira aula.

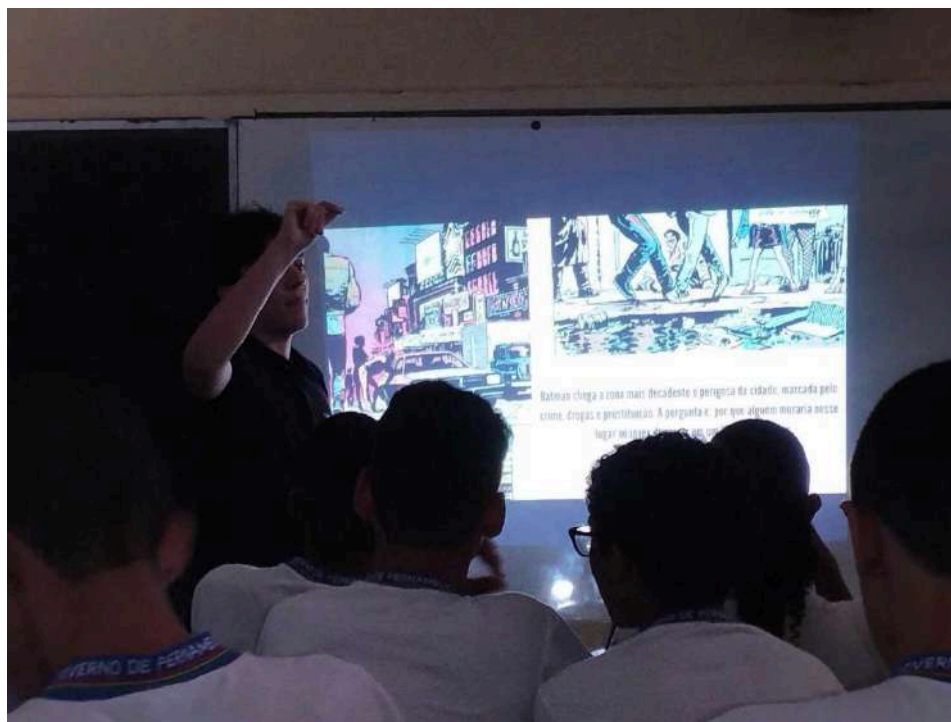


Fonte: Autor, 2023.

Sobre o prosseguimento da aula com o uso das HQs como ferramenta, foi requisitado que alguns alunos se voluntariassem para a fazer a leitura em voz alta para a turma, e assim foi feito. As HQs, sendo utilizadas como recurso didático, dependem do intermédio do professor para explicá-las e contextualizá-las à luz dos conteúdos (Soares; Silvino, 2020), sendo assim, essa foi a postura docente adotada na aplicação metodológica da aula. Duas histórias em quadrinhos foram abordadas durante a aula, apresentadas pelo datashow, sendo a primeira Batman - Ano Um, escrita pelo Frank Miller e desenhada por David Mazzucchelli, e a segunda foi Batman - A Piada Mortal, escrita por Alan Moore e desenhada por Brian Bolland.

A HQ Batman - Ano Um foi escolhida para introduzir e ilustrar o conceito de segregação socioespacial por tratar desse e de outros temas em sua narrativa. É a história de origem do Batman, que aborda como a criminalidade de Gotham está enraizada numa gama de problemas sociais que se estendem por toda a cidade, incluindo a classe alta e a elite política, que em muito são cúmplices da situação distópica em que a cidade se encontra. A cena trabalhada em sala de aula (figura 20) é a que o Bruce Wayne, personagem que secretamente é o Batman (ou, no contexto da história, está prestes a se tornar o Batman), faz uma caminhada pela cidade para entender e identificar os seus problemas.

Figura 20 - Uso de trecho da HQ Batman - Ano Um durante a aula.



Fonte: Autor, 2023

É narrado que ele passou por vários bairros e zonas da cidade até chegar na ala mais decadente, que o próprio personagem chama de “o inferno”. É evidenciado que se trata de um bairro marcado por problemas, as cores quentes do quadrinho criam uma atmosfera opressiva, e é um lugar retratado como sendo cheio de sujeira nas ruas e atividades ilícitas. Dentro da narrativa, essa cena serve para destacar a discrepância entre os diferentes trechos da cidade, sendo uma clara alusão à segregação socioespacial.

Essa HQ foi norteadora para a aula e as respostas da turma frente às perguntas e interações realizadas indicaram que a história ajudou os estudantes a entenderem de maneira geral do que se trata a segregação socioespacial, mesmo antes do conceito escrito ter sido apresentado para eles. Foram realizados questionamentos, como: “você acham que a maioria das pessoas que moram nesse bairro são ricas ou pobres?” e “o que levaria as pessoas a permanecerem num bairro cheio de problemas como esse?”. As respostas denotaram que o entendimento da turma sobre segregação socioespacial estava realmente caminhando para uma noção de divisão espacial da cidade por classes.

A segunda HQ utilizada, *Batman: A Piada Mortal*, aborda a origem do Coringa, contando as consecutivas tragédias e motivações que transformaram um homem comum num dos grandes arqui-inimigos do Batman. Na história, o Coringa aceita um convite de um roubo

de uma fábrica de produtos químicos porque ele queria mudar de vizinhança para dar melhores condições de vida para sua esposa, que estava grávida. É enfatizado, na perspectiva do Coringa, o quanto as condições da vizinhança que ele habitava influenciavam sua vida e sua condição financeira, impedindo-o de “melhorar de vida”, o que destaca a influência do espaço no social e ajuda a pavimentar o entendimento sobre segregação socioespacial.

Dois estudantes, um do sexo masculino e outro do sexo feminino, leram os trechos em que essa questão é abordada, interpretando o Coringa e sua esposa, respectivamente (figura 21). Os alunos apresentaram um pouco de dificuldade quanto ao próprio ato da leitura, tanto o primeiro voluntário, que se habilitou a ler o trecho de Batman -Ano Um, quanto os dois voluntários que leram Batman: A Piada Mortal. É possível que essa dificuldade seja oriunda de algum nível de defasagem nesse quesito por parte dos estudantes, mas ainda assim, a aula correu como previsto, e toda a turma permaneceu bastante engajada.

Figura 21 - Alunos lendo trecho de Batman - A Piada Mortal coletivamente para a turma.



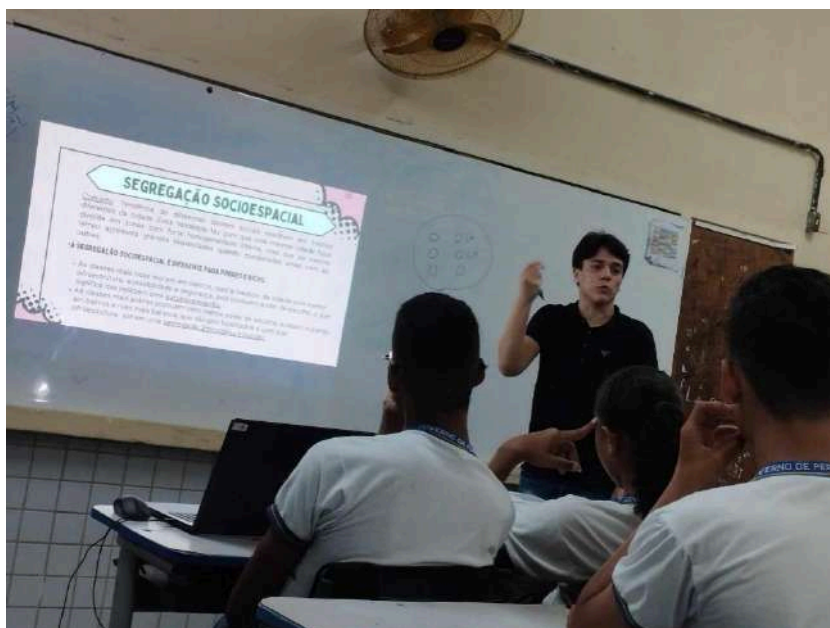
Fonte: autor, 2023.

Uma vez que o entendimento da turma sobre segregação socioespacial estava se ampliando, através das HQs e da intermediação docente, finalmente um conceito formal escrito da segregação socioespacial e de sua dinâmica de classes podia ser entendido de maneira mais significativa, e foi então apresentado no slide e explicado. A conceituação de segregação apresentada na aula, inspirada na definição de Castells (1983), foi a seguinte:

“Tendência de diferentes classes sociais residirem em trechos diferentes da cidade. Essa tendência faz com que uma mesma cidade fique dividida em zonas com forte homogeneidade interna, mas que ao mesmo tempo apresentam grandes disparidades quando comparadas umas com as outras.”

Nessa parte da aula (figura 22), foi ressaltado que a segregação se dá de maneira diferente para as classes sociais, havendo disparidade principalmente entre a classe alta e a classe baixa, resgatando os conceitos de autosegregação e segregação propostos por O’Neill (1983).

Figura 22 - Explicação sobre segregação socioespacial.



Fonte: autor, 2023.

Agora dispostos das ferramentas mentais para a compreensão do tema oferecidas pelas HQs e pelo conceito apresentado, os estudantes se demonstraram mais preparados para perceber a segregação dentro dos seus próprios espaços de convivência na cidade do Recife. Portanto, foram apresentadas imagens contrastando a estrutura de diferentes bairros do Recife (figura 23), incluindo o bairro da escola (Torrões), para que agora eles, ao pensar criticamente, pudessem compreender que a realidade explicada em sala de aula e representada nas histórias em quadrinho era também a realidade vivenciada por eles. A turma como um todo permaneceu bastante interativa e engajada nesse trecho da aula, alguns ficaram

indignados com a disparidade da estrutura entre os bairros do Recife, demonstrando certa revolta, já outros externaram seus sentimentos quanto a essa questão através de brincadeiras e piadas com a situação e os exemplos demonstrados. De um jeito ou de outro, os alunos permaneceram atentos e participativos.

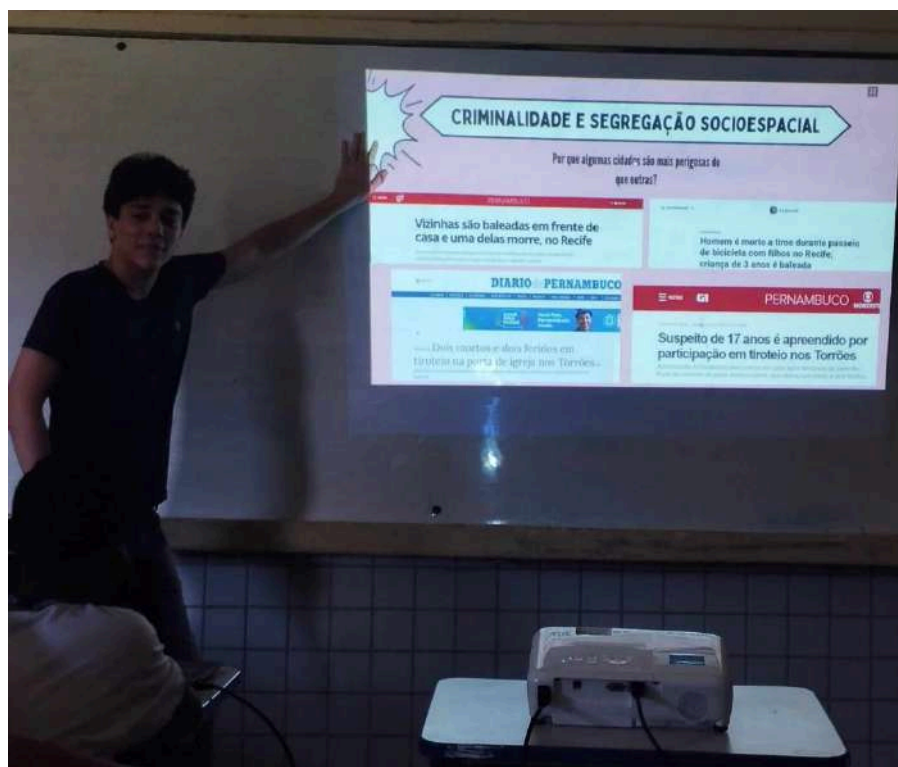
Figura 23 - Mostrando a segregação socioespacial em Recife.



Fonte: autor, 2023.

A segunda aula ocorreu no dia 1 de setembro de 2023. Essa aula começou com uma rápida recapitulação do que foi visto na última aula, e em seguida foi apresentado para os estudantes algumas manchetes de crimes que aconteceram no bairro da escola (figura 24), a fim de aproximar a problemática do local de vivência da turma. A ideia era desnaturalizar os problemas sociais e ajudar os alunos a compreender que o espaço não é apenas produto das relações sociais, mas também um agente que influencia essas relações. Uma pergunta norteadora feita para a turma nessa parte inicial da aula foi “por que algumas cidades são mais perigosas do que outras?”. Essa pergunta foi desenvolvida ao longo da aula de modo direcionar os estudantes, por meio de sua própria reflexão e da troca discursiva entre professor e aluno, para a concepção de que os problemas sociais urbanos, tal como a segregação socioespacial, estão relacionados com as taxas de criminalidade e violência.

Figura 24 - Início da segunda aula.



Fonte: autor, 2023.

Usando o pressuposto das manchetes para abordar a questão da criminalidade associada à segregação socioespacial numa escala mais local, foi utilizada novamente uma história em quadrinho, intitulada *Batman - Guerra ao Crime*, escrita por Alex Ross e Paul Dini, e desenhada também por Alex Ross. É uma HQ que retrata como a violência nas ruas é em boa parte consequência das ações tomadas pelas elites, que influenciam o espaço de tal modo a criar um efeito cascata que alavanca a criminalidade.

A história da HQ trabalhada gira ao redor de uma área específica da cidade de Gotham, chamada de “zona da baía”, que uma vez foi próspera e pacífica, mas devido a certas decisões de executivos e donos de empresas imobiliárias, as oportunidades de emprego e a qualidade de vida dessa parte da cidade reduziram muito, o que mudou drasticamente as relações sociais de quem ali vivia, fazendo a criminalidade crescer. A narrativa dessa história, bem como o contexto geral da cidade Gotham, se encaixam perfeitamente para ilustrar e ajudar a compreender a relação entre criminalidade e segregação socioespacial, abrangendo praticamente todos os fatores discutidos no tópico 1.2 do presente trabalho.

Desigualdade social, o papel do espaço na construção da identidade, a ruptura entre as classes, as diferentes classes sociais, a falta de oportunidades em função das condições

precárias de moradias de um bairro, e como tudo isso serve para impulsionar e perpetuar a criminalidade, são todas questões abordadas durante a história. Um dos personagens da HQ, chamado Marcus, um jovem negro que teve seus pais assassinados no início da história, foi pego no ciclo de criminalidade que a sua condição de vida e as condições sociais de seu bairro o empurraram. Apesar do Batman conseguir fazê-lo sair do mundo do crime, é enfatizado na história que para que houvesse uma mudança significativa na zona da baía era necessário que esse trecho da cidade recebesse apoio e investimento de seu alter ego, o bilionário Bruce Wayne, de modo a melhorar as condições de vida daqueles que ali residem.

Diferente da primeira aula, na qual foi realizada a leitura apenas de certos trechos de duas HQs, nessa foi lida a história inteira, mas de apenas uma HQ. Em função do tempo, a metodologia adotada também diferiu um pouco, nessa aula o professor realizou a leitura do quadrinho (figura 25), fazendo pausas para interagir e fazer perguntas para a turma, bem como explicar as cenas e os diálogos sob a luz dos conteúdos e da leitura espacial geográfica.

Figura 25 - Leitura da HQ Batman - Guerra ao Crime.



Fonte: autor, 2023

A turma, no entanto, pareceu mais receptiva com a abordagem da primeira aula, uma vez que menos alunos estavam participativos dessa vez. Existe, é claro, a possibilidade de que essa diferença seja em função de fatores que excedem a própria aula, como o humor da turma no dia, nível de cansaço, ou ainda por causa das atividades extraclasse que estavam ocorrendo

na escola nesse dia, que poderia estar dispersando o foco da turma das aulas. Contudo, essa aula também prosseguiu como planejado.

A terceira aula ocorreu no dia 11 de setembro de 2023, tratando-se de uma atividade em grupo, como previsto na sequência didática. Os alunos deveriam ler e interpretar uma curta história em quadrinho do Batman, para que depois pudessem responder algumas questões que foram impressas numa ficha junto da HQ (figura 26). Os grupos pareceram ter um pouco de dificuldade quanto à concentração, leitura e interpretação durante a atividade, além disso, conforme vai ser possível notar posteriormente nas respostas, há uma clara defasagem quanto ao uso da língua portuguesa. Esses problemas podem ser frutos de diversos fatores, não sendo possível abordá-los dentro do contexto deste trabalho, muito menos durante a aplicação de uma sequência didática de Geografia com quatro aulas. Ainda assim, apesar de tudo, os alunos conseguiram realizar a atividade.

Figura 26 - Alunos fazendo a primeira atividade em grupo



Fonte: autor, 2023

A HQ que os grupos leram foi uma história contida no compilado chamado Batman: O Mundo. Trata-se de uma HQ que reúne histórias produzidas por quadrinistas de várias nacionalidades, e a história utilizada foi escrita por Carlos Estefan e desenhada por Pedro Mauro, dois brasileiros. A história é chamada “Onde Estão os Heróis?”, que retrata o

problema da segregação socioespacial e criminalidade em São Paulo, abordando também como as elites (políticos e empresários) contribuem para a perpetuação desse cenário. O contraste do local de moradia e de convivência das elites com os dos mais pobres é representado na HQ principalmente pela disparidade entre os prédios luxuosos e as periferias.

Um ponto importante do subtexto e pano de fundo da história, que pode ser percebido através de uma leitura mais crítica, é justamente sobre o ciclo de criminalidade em que uma parcela da população mais pobre se encontra, entre outros motivos, pela falta de oportunidades e pelas condições que seu contexto habitacional impulsionou. Essa característica é representada na história por um jovem assaltante que é pego em flagrante pelo próprio Batman, pouco tempo depois que ele chega na cidade de São Paulo. No final da história, é mostrado sua família, que mora numa favela próxima dos prédios luxuosos, lamentando por ele. Os verdadeiros vilões na história, e o motivo pelo qual o Batman decidiu vir pessoalmente para o Brasil, são os empresários e os políticos que haviam desviado o dinheiro que o nosso protagonista, na sua persona de Bruce Wayne, investiu no Brasil, para criar uma instalação de sua empresa no país, gerar empregos e oportunidades para os moradores. Pode-se inferir da narrativa da história que esse ato de corrupção e mesquinha das elites é também um dos fatores que enraízam a situação de desigualdade e falta de oportunidades que acentuam a criminalidade.

A quarta e última aula da sequência didática foi ministrada no dia 14 de setembro de 2023, e foi uma atividade em grupo, sendo que dessa vez, os grupos deveriam produzir sua própria história em quadrinhos, de maneira que envolvesse os conteúdos das aulas (figura 27). Devido ao intervalo de tempo de vários dias desde a última aula teórica, foi necessário relembrar um pouco os integrantes dos grupos sobre o que foi visto, para que eles pudessem pensar numa curta história. Os grupos deveriam ainda escrever uma breve explicação sobre a história que escreveram, bem como comentar o que acharam do uso de HQs como recurso didático para aprender sobre os conteúdos trabalhados nas aulas.

Figura 27 - Alunos fazendo a segunda atividade em grupo.



Fonte: autor, 2023

4.2 Aprendizagens e perspectivas dos estudantes através das atividades propostas.

Durante a realização das atividades da terceira e da quarta aula, os alunos desenvolveram um material que pôde ser aqui discutido e analisado, levando em consideração a sequência didática desenvolvida na proposta pedagógica do presente trabalho e seu devido contexto. De antemão, é necessário dizer que as duas atividades foram pensadas para grupos menores do que aqueles que acabaram sendo formados na prática, uma vez que a quantidade de alunos que compareceu para as duas primeiras aulas foi inferior a 20, o material impresso para essas atividades foi contado tendo esse número em mente, mas nas duas últimas aulas um número bem maior de alunos compareceu.

Além disso, houve pelo menos duas dificuldades que impactaram a realização das atividades, que excedem as próprias atividades. A primeira foi em relação ao cronograma, a sequência didática como um todo foi pensada para ser aplicada em duas semanas, ao invés das quatro semanas que acabaram sendo necessárias. Isso porque, tendo em vista que os estudantes têm diversas aulas de outras matérias todos os dias, em contraste com as meras duas aulas de geografia por semana, foi pensado que condensar a sequência didática inteira em duas semanas contribuiria para que o assunto permanecesse mais “fresco” na memória

deles, e que eles assim poderiam relacionar mais facilmente uma aula com a outra, e consequentemente, com as atividades.

Entretanto, devido ao calendário da escola e a feriados no meio do caminho, foi necessário alongar o intervalo de tempo em que a sequência didática foi executada, o que culminou num hiato maior entre as duas primeiras aulas, que envolviam a parte mais teórica dos conteúdos, e as duas últimas, que foram justamente as atividades desenvolvidas. A segunda dificuldade foi em relação à dinâmica social da turma, tendo a ver com o fato de um número razoável de alunos ter se recusado inicialmente a participar de um grupo com aluno “x” ou “y”. Esse tipo de situação pode ser antecipado caso o professor já tenha certa experiência com a turma, o que não foi o caso nesta situação. Apesar de alguns alunos terem cedido e aceitado formar grupos, outros se recusaram até o fim.

4.2.1 Percepções da Terceira Aula.

Como já dito, na terceira aula ocorreu a leitura e interpretação em grupo da HQ “Batman - Onde Estão os Heróis?”, que se passa no Brasil e aborda segregação socioespacial e criminalidade. Depois da leitura, os grupos partiram então para responder as questões, que foram anexadas e impressas junto a HQ. As questões estão em amostra no quadro 2:

Quadro 2 – Questões da ficha.

1)	Como a segregação socioespacial está representada visualmente na HQ? E como a segregação socioespacial está representada nos personagens da história?
2)	Percebendo que na história existem personagens ricos e personagens pobres, qual seria a diferença da segregação socioespacial para essas duas classes de personagens? Quais personagens na história cometem a autosegregação e quais sofrem segregação imposta?
3)	Na história, Batman queria trazer sua empresa para o Brasil para gerar oportunidades de emprego e renda, sabendo disso, reflita e responda: 1)

	observando o lugar mostrado no final da história, onde o jovem assaltante e a sua família moravam, como a segregação socioespacial pode ter contribuído para sua incidência no mundo do crime? Existe alguma relação entre oportunidades de emprego e renda, segregação socioespacial e criminalidade?
--	--

Fonte: autor

Essas questões serão referenciadas como questões 1, 2 e 3, respectivamente. Nota-se que cada uma das questões contém mais de uma pergunta e que há espaço para que os estudantes trabalhem sua interpretação e sua visão crítica junto aos conteúdos de segregação socioespacial e criminalidade, tornando possível uma miríade de respostas que podem variar entre si, mas que, preferencialmente, convergiriam numa certa direção. São perguntas que para serem respondidas requerem atenção aos elementos verbais e não verbais presentes na história em quadrinho, bem como aos assuntos trabalhados nas aulas. Uma vez que a representação visual da paisagem e as situações presentes na história são bastante análogas ao contexto de Recife, também se relaciona com a vivência dos alunos, de modo que suas próprias experiências de vida possam lhes ajudar a responder. As questões não foram pensadas para que os alunos necessariamente respondessem com exatidão e precisão acadêmica todos os pontos abordados nas perguntas, e sim para estimular a leitura geográfica e o pensamento crítico.

A seguir, o quadro 3 apresenta as respostas dos cinco grupos para a questão 1. As respostas estão transcritas exatamente do mesmo jeito que elas foram escritas no papel, o que significa que os erros de português, sejam de acentuação, pontuação, gramática, concordância ou sintaxe, serão mantidos.

Quadro 3 - Respostas dos grupos para a questão 1.

Grupo	Resposta da questão 1
A	está representado nos desenhos. Os políticos e os ricos moram em prédios já os assaltantes e pobres moram na favela e em periferias

B	Esta representada que os ricos não prezem se preocupar com nada por ter dinheiro e poder, enquanto por muitas vezes os pobres prezam roubar por causa de necessidades.
C	Na história em quadrinhos (HQ) as cidades de Gotham e a cidade de Recife tem a mesma coisas porque tem criminalidade. Outras coisas que tem no quadrinho também tem no Recife.
D	A segregação social está visível na cidade, sendo assim a diferença, está representada no crime.
E	Está representada em são paulo, mostra que é uma cidade bastante perigosa e violenta. E é mostrado que os cidadãos tem consciência que o país é perigoso apesar de bonito.

Fonte: autor.

Observando a resposta registrada do grupo A, nota-se que seus integrantes conseguiram chegar a uma compreensão crítica da história do quadrinho e seu subtexto, e também entender o conteúdo das aulas de modo a conseguir articular com a HQ em questão. Mesmo com o hiato entre as aulas mais teóricas e essa atividade, os estudantes conseguiram resgatar os conceitos suficientemente para produzir uma resposta que, embora seja bem sucinta e simples, está majoritariamente correta. Para responder essa questão na atividade, é necessário entender o conceito de segregação socioespacial de maneira a conseguir enxergá-lo na HQ, tanto na representação visual dos trechos da cidade quanto nos personagens da história, e o grupo teve êxito nessa tarefa, já que conseguiram identificar os elementos da história que o representavam, destacando a diferença do local de moradia dos personagens ricos e dos personagens pobres. Pode-se comparar a resposta dada por eles com a síntese da HQ que foi trabalhada na atividade, que foi comentada anteriormente, e perceber que há de fato uma compatibilidade. Os outros quatro grupos, no entanto, visivelmente tiveram mais dificuldade.

Seja por falta de atenção, por dificuldade de interpretar as perguntas da questão 1 ou a própria HQ em si, ou ainda por confusão quanto ao conceito de segregação socioespacial, a resposta dos outros quatro grupos são menos precisas em relação ao que foi perguntado na questão. Ainda assim, não quer dizer que nada possa ser tirado das respostas, pelo contrário, elas contêm elementos que de fato foram trabalhados durante as aulas e estão relacionados

com o assunto. A resposta dos quatro grupos (B, C, D e E) apresentam um elemento em comum que de fato está atrelado à segregação socioespacial, que é abordado pela própria HQ e foi trabalhado nas aulas: a criminalidade. O que os grupos identificaram e descreveram se encaixa mais no que seria uma das consequências da segregação socioespacial do que o fenômeno em si, o que culminou em respostas que estão mais para deslocadas do que verdadeiramente erradas. Caso a pergunta fosse formulada de outra forma, as respostas desses grupos se encaixariam melhor.

Vale ressaltar que a resposta do grupo D, antes de citar a criminalidade, toca no ponto de que a segregação socioespacial na HQ está representada na diferença visível na cidade, algo que está atrelado ao conceito, podendo ser considerada como uma resposta válida para a questão, indicando que houve sim entendimento por parte do grupo. Outro ponto de destaque é a associação que o grupo C faz dos problemas urbanos de Gotham com a cidade de Recife. A possibilidade desse tipo de associação por parte dos estudantes, numa relação em que a história em quadrinhos funcione como uma ferramenta lúdica que não apenas facilite o entendimento dos conteúdos ao representá-lo numa situação prática, mesmo que fictícia, como também serve como uma mediadora entre o conteúdo e a realidade vivenciada, foi uma das razões que motivaram a escolha desse recurso didático desde o princípio.

Já no que diz respeito à questão 2, as respostas (quadro 4) da maioria dos grupos parecem convergir numa direção que evidencia um entendimento mais claro do ponto central da questão por parte dos alunos. Essa questão aborda como a segregação socioespacial é diferente para as diferentes classes sociais, resgatando a ideia de autosegregação e de segregação imposta.

Quadro 4 - Respostas dos grupos para a questão 2.

Grupo	Resposta da questão 2
A	Ricos pode mora onde Eles quise porque tem autosegregação. Pobre moram em favela porque não tem dinheiro
B	Os ricos pois podem morar onde quiserem e fazer o que quiserem pois tem dinheiro e poder, enquanto os pobres não podem escolher onde morar e muitas vezes tem que roubar e etc por falta de comida e etc.

C	Os ricos moram em prédios e pobres moram em favelas. Os que moram em autossegregação são empresários e políticos, e o que sofre segregação é o jovem.
D	A diferença é que os personagens ricos vivem em prédios luxuosos, ruas limpas e com segurança, já os pobres são apresentados com prédios abandonados, casas simples e sem segurança. O Batman sofre autossegregação pois ele submete a ir em lugares pobres e ir ajudar. Já o bandido sofre segregação imposta, não escolhendo onde ou como viver por falta de opções.
E	É possível notar ao menos duas classes diferentes, a classe alta [...] (ilegível)

Fonte: autor.

A maior parte da resposta do grupo E, como pode-se observar, estava ilegível, os outros quatro grupos, no entanto, conseguiram entender majoritariamente o conceito de autossegregação e segregação imposta, além de conseguirem identificar como ela se manifesta nos personagens e na representação espacial da HQ. O grupo C, por exemplo, conseguiu identificar a disparidade entre os locais de moradia dos personagens, marcando a disparidade entre as classes sociais, e ainda especificou quais eram esses personagens: a classe alta é marcada pelos empresários e políticos, que praticam a autossegregação, e o jovem, que é o assaltante pobre na história, morador de periferia, sofre a segregação imposta (mesmo que o grupo tenha esquecido de colocar o “imposta” no final, a intenção era claramente essa).

O grupo D apresentou uma perspectiva interessante e peculiar ao apontar que o Batman pratica autossegregação ao se submeter a ir para as vizinhanças pobres para ajudar. Essa questão foi pensada para que os alunos, ao ler a história, falassem sobre os políticos e empresários que vivem no luxo e sobre o jovem assaltante e sua família, que vive na periferia, e a maioria dos grupos de fato desenvolveu uma resposta nessa linha, mas o grupo D trouxe uma terceira ótica para a história e para o personagem do Batman. Pelo fato de o Batman ser o alter ego do bilionário Bruce Wayne, seria completamente natural pensar que ele pratica a autossegregação por ter o poder de escolha e por viver na mansão de seus pais, na verdade, pode-se dizer que seria até mesmo que essa é a resposta esperada. Mas quem iria pensar que ele também pratica uma forma de autossegregação quando sai todas as noites com sua roupa de super-herói para visitar lugares mais pobres da cidade por vontade própria, lugares que as

pessoas de sua classe social normalmente não visitam? Dentro da mitologia do Batman, é possível dizer que ele é capaz de tal coisa justamente por ter recursos abundantes.

Essa perspectiva ainda corrobora com a perspectiva de Sposito (1996) sobre como a segregação socioespacial não apenas separa as classes sociais no espaço, mas também causa desarticulação entre elas, o que permite pensar essa atitude voluntária do Batman de visitar frequentemente áreas mais pobres da cidade, com o objetivo de ajudar, coimo uma tentativa de atenuar esse problema. Na HQ trabalhada na segunda aula, fica claro que o personagem não apenas combate criminosos num embate físico, ele também realiza o reconhecimento das vizinhanças para poder investir e tentar melhorar a qualidade de vida e gerar oportunidades de emprego para os moradores. O grupo D, talvez sem perceber, conseguiu associar as atitudes do Batman com o conteúdo de maneira inusitada.

De certo modo, as duas primeiras questões referem-se à influência das relações sociais na configuração do espaço. Já a terceira questão trata sobre a influência do espaço nas relações sociais, algo que todos os grupos pareceram entender em suas respostas para a questão 3 (quadro 5).

Quadro 5 - Respostas dos grupos para a questão 3.

Grupo	Resposta da questão 3
A	Ele mora em um local rodeado de crime, drogas e etc. Então, é mais fácil ele entrar para o crime.
B	Os ricos em minha opinião poderiam usar o dinheiro e o poder para liberar mais empregos e poder fazer com que a família no final e menino não tivesse precisado roubar,
C	É marcada pela criminalidade pela sua comunidade. Acontece falta de oportunidade de emprego.
D	1º) Por ter muitas dificuldades, falta de emprego ou até rendas, a pessoa tende se submeter ao mundo do crime por julgar o caminho mais “fácil”. 2º) Existe sim relação com todos esses assunto pois tendo mais oportunidade de emprego e rendas a segregação socioespacial e criminalidade baixariam.

E	na favela tem poucas oportunidades e uma das mais prováveis de se escolher é o crime como o garoto teve poucas oportunidades ele escolheu o crime por ser mais fácil mais se ele tivesse outras oportunidades talvez não tivesse sido assim do jeito que foi.
---	---

Fontes: autor.

Todas as respostas compreenderam que a segregação socioespacial está sim relacionada com a criminalidade de alguma forma. A resposta do grupo A, por exemplo, ressalta a influência da comunidade/vizinhança sobre o indivíduo, ponto que foi anteriormente comentado ao mencionar as ideias de Harvey (1980) e Bittencourt (2019). A resposta dos outros grupos aborda a questão da falta de oportunidades, o que está atrelado ao fato de que a segregação socioespacial limita os mecanismos de ascensão social para as classes mais pobres. Já a resposta do grupo B coincide com um dos pontos centrais da história do quadrinho trabalhado nessa atividade, que é como o investimento do Batman (Bruce Wayne) de construir uma sede de sua empresa no Brasil, visando gerar emprego e oportunidades de renda na cidade, estava tendo dinheiro desviado, de modo que a obra não estava concluída nem progredindo, e, portanto, não estava atingindo o objetivo principal do personagem. A solução que o grupo oferece para que o cenário do jovem assaltante da história possa ser evitado é justamente o de investimento na geração de empregos, solução bastante similar à adotada pelo Batman na HQ que foi trabalhada na segunda aula com a turma (Batman - Guerra ao Crime).

Sob o risco de dizer aquilo que talvez seja óbvio, as respostas no geral são bastante simples. As situações concretas do mundo real no que diz respeito aos problemas sociais relativos tanto à segregação socioespacial quanto a criminalidade são complexas, sendo objeto de estudo das mais variadas escolas de pensamento, e não existe solução ou síntese definitiva capaz de abarcar a realidade social como um todo, mesmo no meio acadêmico com o mais alto grau de excelência. A própria criminalidade é um objeto de estudo que, embora também esteja dentro da Geografia, vai muito além dela, e sua ligação com um problema social de cunho espacial como a segregação socioespacial é muito mais de correlação do que diretamente causa e efeito (Junior, 2015).

O que significa que nenhuma resposta ou solução que os grupos pudessem pensar na questão 3, por exemplo, seria capaz solucionar os problemas do mundo real como que num passe de mágica. E isso não é apenas pelas limitações quanto a falta de vivência e maturidade

em função da tenra idade dos alunos, ou da falta de um arcabouço intelectual mais robusto pelo fato deles ainda estarem na educação básica, mas também pelas limitações presentes em qualquer área do conhecimento, das quais a Geografia não escapa. Sendo assim, não é justo, nem no cenário mais otimista, esperar que as respostas de uma turma do 8º Ano do Ensino Fundamental satisfaça os critérios acadêmicos do ensino superior, já que mesmo os trabalhos produzidos por instituições científicas e universitárias estão sempre sendo alvo de discussões e contestações internas, pela própria natureza de como a ciência e a academia funcionam.

Mesmo assim, dentro do contexto em que a turma se encontrava, os resultados dessa atividade foram satisfatórios e atingiram os objetivos estabelecidos para a terceira aula durante o planejamento da sequência didática (quadro 1). Os grupos conseguiram realizar a leitura e interpretação da HQ e articular com o conteúdo visto nas aulas, inevitavelmente associando a forma que a segregação socioespacial e criminalidade são representadas na história com o seu desdobramento no mundo real, de modo que a primeira complementa o entendimento do segundo, e vice-versa. Mendonça e Dos Reis (2016, p.58), ao discorrerem sobre a percepção do espaço geográfico nas histórias em quadrinho, oferecem alguns insights do porquê tal coisa é possível:

Histórias em quadrinhos resultam de um universo particular de seus personagens entre o mundo real e o da ficção; neste universo paralelo, também podem oferecer uma representação que nos faculta aprender suas significações, destacando aquelas que possuem valor de conhecimento. O espaço geográfico nos quadrinhos, seja ele mais ficcional ou de fundamentação realista, consiste num cenário que possui amplitude visual e que depende da morfologia do sítio. No Super-Homem ou no Batman, por exemplo, uma cidade fictícia que apresenta alguns elementos “reais” apoia as ações dos personagens. Metrópolis é a cidade que habita o homem de aço, e Gotham City é a cidade na qual vive o homem morcego. No Homem-Aranha, por sua vez, Nova York é o palco das aventuras de seu protagonista, onde temos uma configuração espacial semelhante à da cidade real de Nova York. Tanto no Super-Homem, no Batman, quanto no Homem-Aranha, o protagonista age num espaço esculpido por suas ações, previamente amparado em sentidos de verossimilhança, já que esses quadrinhos têm em comum suas aventuras ambientadas em cenários urbanos de grandes metrópoles. Nesses quadrinhos, verifica-se, então, uma urbanidade entre a criação fantástica e fragmentos de uma metrópole “real”.

Numa história em quadrinhos, mesmo que a história seja fictícia e o espaço geográfico presente nela seja uma representação artística (desenho), ela pode ser usada como recurso didático para ajudar a ampliar a compreensão e a percepção dos alunos caso as situações e os problemas retratados nela possuam âncora na realidade. Os participantes das aulas não conseguiriam entender plenamente a HQ e nem responder as questões caso a sua imaginação não fosse capaz de associar a problemática da segregação socioespacial e da criminalidade do

mundo real com a história, e na mesma relação, ler a HQ possibilitou que eles visualizassem os conteúdos ganhando forma dentro de uma narrativa ancorada em situações do mundo real, de modo em que os processos e conceitos ganham vida, diálogos, rostos, formas e cores. Trata-se de uma relação de ganho dialético, em que os conteúdos ministrados, as HQs e vivência da realidade concreta complementam-se entre si, um ampliando a compreensão do outro.

4.2.2 Produtos obtidos na quarta aula.

Na última aula da sequência didática, um total de 24 alunos participaram da atividade de elaboração de HQs, também divididos em cinco grupos. No entanto, apenas quatro grupos devolveram a atividade. Infelizmente, o grupo que não conseguiu terminar no tempo da aula também não entregou a atividade na semana seguinte, em consequência disso, não foi possível analisar o material que eles produziram para essa atividade.

Foram entregues a cada grupo uma ficha impressa com duas folhas de ofício, contendo três questões. A primeira pedia a elaboração de uma HQ que de alguma forma abordasse os assuntos vistos nas últimas três aulas, podendo conter cenários e personagens tanto fictícios quanto reais, enquanto as outras duas questões, cuja respostas serão transcritas seguindo o mesmo padrão das questões da atividade passada (ou seja, mantendo os erros da língua portuguesa) foram:

Quadro 6 - Questões da segunda atividade.

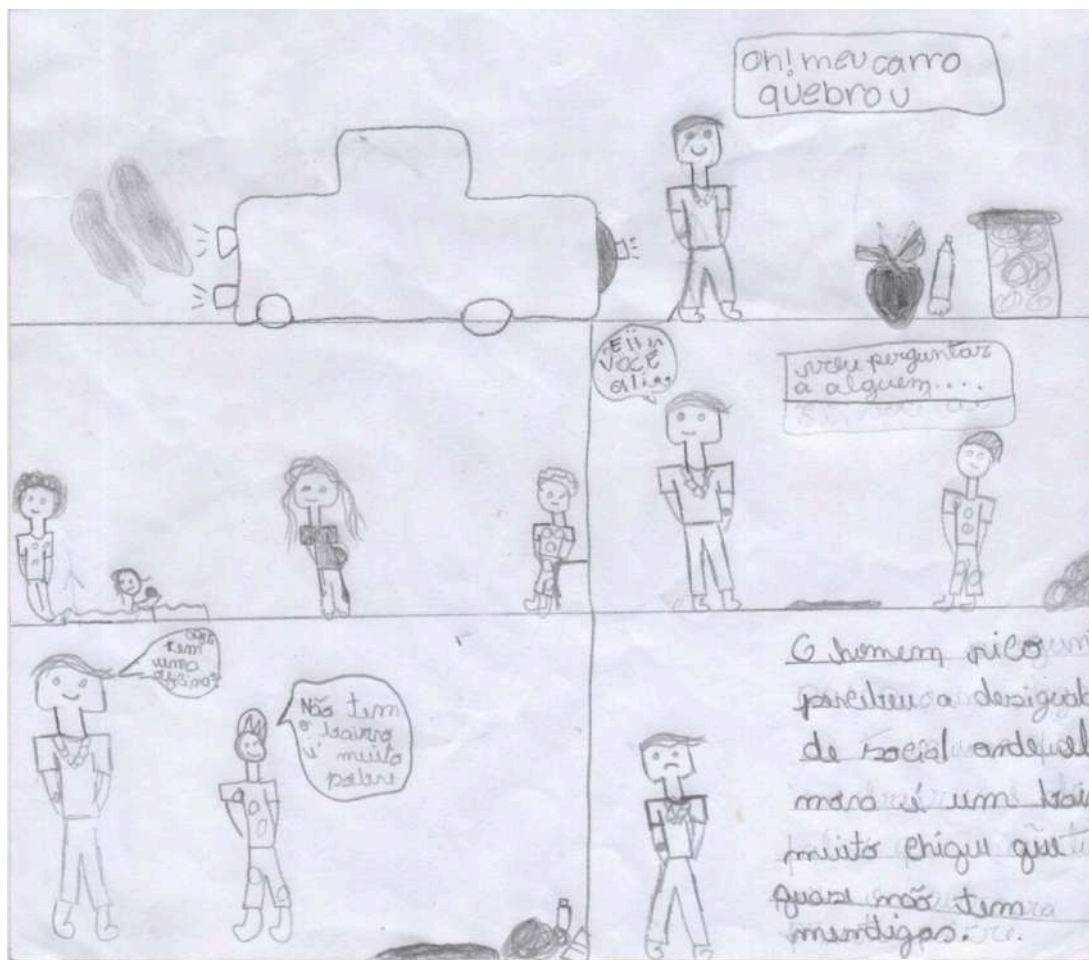
2)	Expliquem brevemente a ideia por trás da história do quadrinho produzido (o que a história está representando? Como se relaciona com o que vimos nas aulas?).
3)	Comentem sobre o que acharam das aulas que tivemos juntos: o uso de histórias em quadrinho do Batman foi interessante? Ajudou a compreender o assunto? Facilitou o entendimento da realidade vivida por vocês?

Fonte: autor

Sabendo que os grupos dessa atividade são os mesmos da anterior, podemos partir para as histórias que os grupos desenvolveram. A HQ produzida pelo grupo A (figura 28)

retrata um homem rico que teve seu carro quebrado enquanto ele fazia um passeio pela cidade, justamente quando estava num bairro pobre. O homem então pergunta para as crianças que estavam brincando na rua se havia alguma oficina por perto, e as crianças respondem que não, por ser um bairro muito pobre, o que deixa o homem surpreso e abatido.

Figura 28 - HQ elaborada pelo grupo A.



Fonte: autor, 2023

Trata-se de uma história focada no choque de realidade de uma pessoa de classe alta que porventura acabou parando num bairro pobre e precisou de serviços que se faziam presentes ali. A história de apenas cinco painéis denota bem o que os alunos desejavam demonstrar: que as classes sociais vivem em realidades diferentes, e que essa diferença se manifesta no espaço. É interessante pensar nos elementos escolhidos para evidenciar esse contraste, a falta de serviços como os daqueles oferecidos por uma oficina, por exemplo, pode sugerir que a população que ali reside não tenha condições financeiras para ter seu próprio

carro. Ou ainda o fato da rua ter sido desenhada como sendo cheia de lixo, além de que é possível imaginar que algum dos personagens secundários no fundo sejam moradores de rua, o que faria sentido com o contraste entre as duas realidades da maneira que foi escrita pelo grupo, uma vez que é dito no último painel que o homem rico mora num “bairro muito chique que quase não tem mendigos”. Nem todos que entendem um conteúdo conseguem representá-lo de maneira apropriada na forma de uma história, mas aqueles que conseguem representar bem um conteúdo dentro de uma história de certo o compreenderam. Nesse pensamento, de fato o grupo A entendeu e conseguiu capturar a essência da segregação socioespacial em sua HQ.

No que se refere às outras duas questões, a resposta da questão 2 dessa atividade basicamente reforça aquilo que já foi comentado sobre a HQ produzida. A ideia de abordar o ponto de vista de uma pessoa de classe alta se deparando com um bairro com condições de vida diferente foi intencional, o que ressalta a criatividade dos alunos em criar uma história que funciona à base de pontos de vista. A resposta da questão 3 confirma que os alunos desse grupo tiveram uma experiência positiva com uso de HQs como recurso didático, sendo considerado “legal” e “interessante”, além de fazer a aula “única”, segundo suas palavras. Também afirmam que ajudou a compreender o assunto.

Quadro 7 - Respostas do grupo A.

Questão	Resposta do grupo
2)	É uma história que retrata a desigualdade social em meio da percepção do homem rico que percebeu que tem pessoas que vive em condições miseráveis enquanto outras / Ele
3)	foi uma aula única e legal, foi interessante, ajudou sim. Claro!

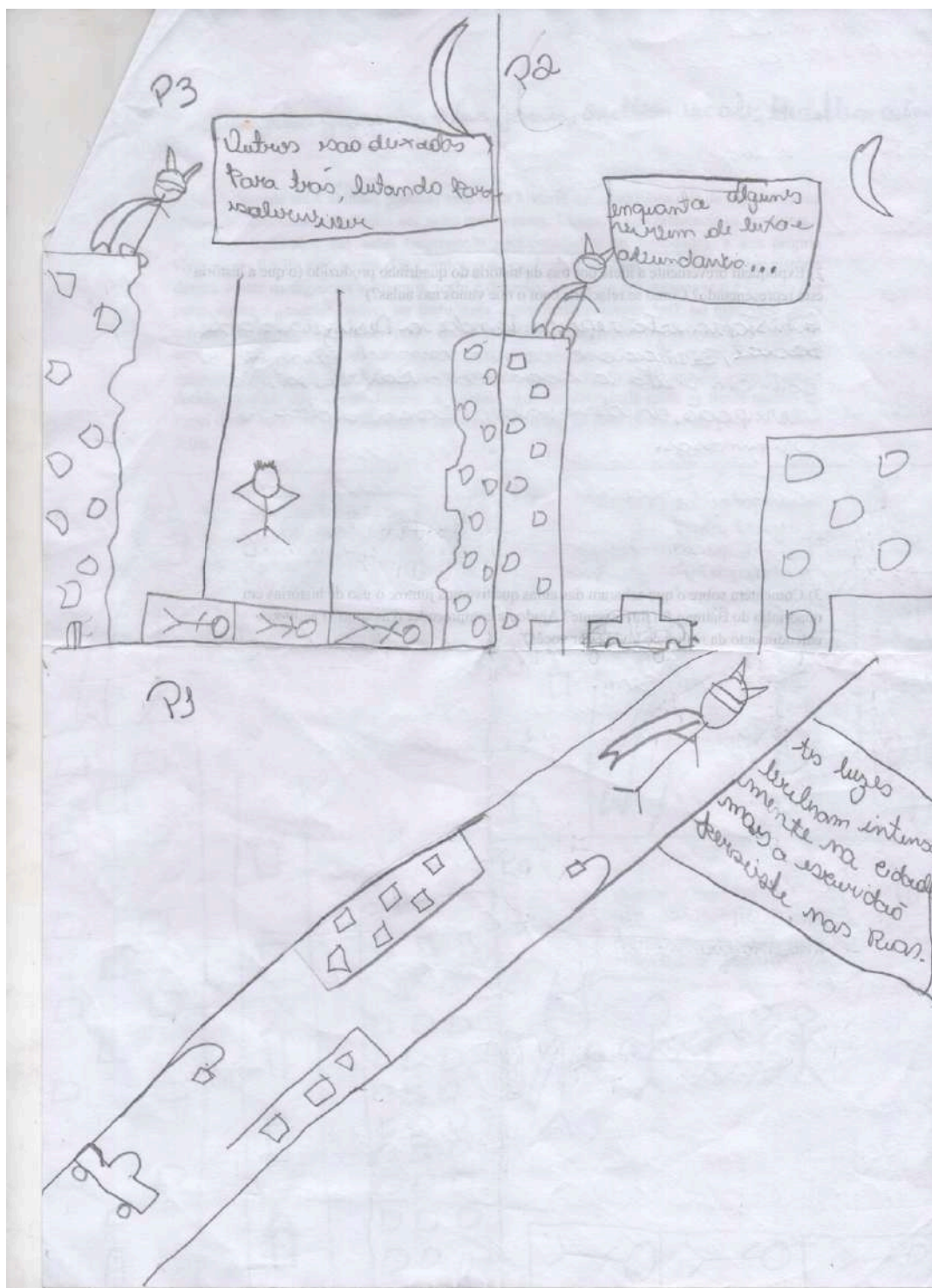
Fonte: autor.

A história em quadrinhos do grupo B se passa na cidade fictícia de Gotham e tem o Batman como personagem principal, e também aborda a segregação socioespacial e a desigualdade de maneira geral. Os painéis que constituem a história estão organizados de um jeito não ortodoxo, burlando as regras convencionais de construção de HQs no ocidente, nas quais se lê de cima para baixo, e a ordem de cada painel é lida da esquerda para direita.

Apesar disso, o grupo enumerou a ordem dos painéis em P1, P2, P3, P4, P5 e P6, tornando possível acompanhar a história, desde que se siga a ordem numerada.

Nota-se que a primeira página da HQ (figura 29) se inicia pela parte de baixo da folha, e a história é contada de baixo para cima, seguindo a numeração. Já na segunda página (figura 30), continuando a seguir a numeração, a história prossegue partindo da esquerda, como é o padrão de histórias em quadrinhos, com um painel comprido, algo que não é incomum de se encontrar em HQs, mas assim que a história prossegue para o lado direito da folha, os últimos painéis são lidos numa ordem sequencial que vai de baixo para cima. Além da HQ, o grupo escreveu em uma página separada o roteiro (figura 31), contendo não apenas os diálogos presentes na história, mas também o que está acontecendo em cada painel. A fim de conservar a legibilidade do material produzido, optou-se por conservar o seu tamanho de exibição, mesmo que extenso, uma vez que se trata de uma história feita com desenhos, quadros e balões em dimensões maiores que as outras, de modo a ocupar toda a folha.

Figura 29 - Primeira folha da HQ elaborada pelo grupo B



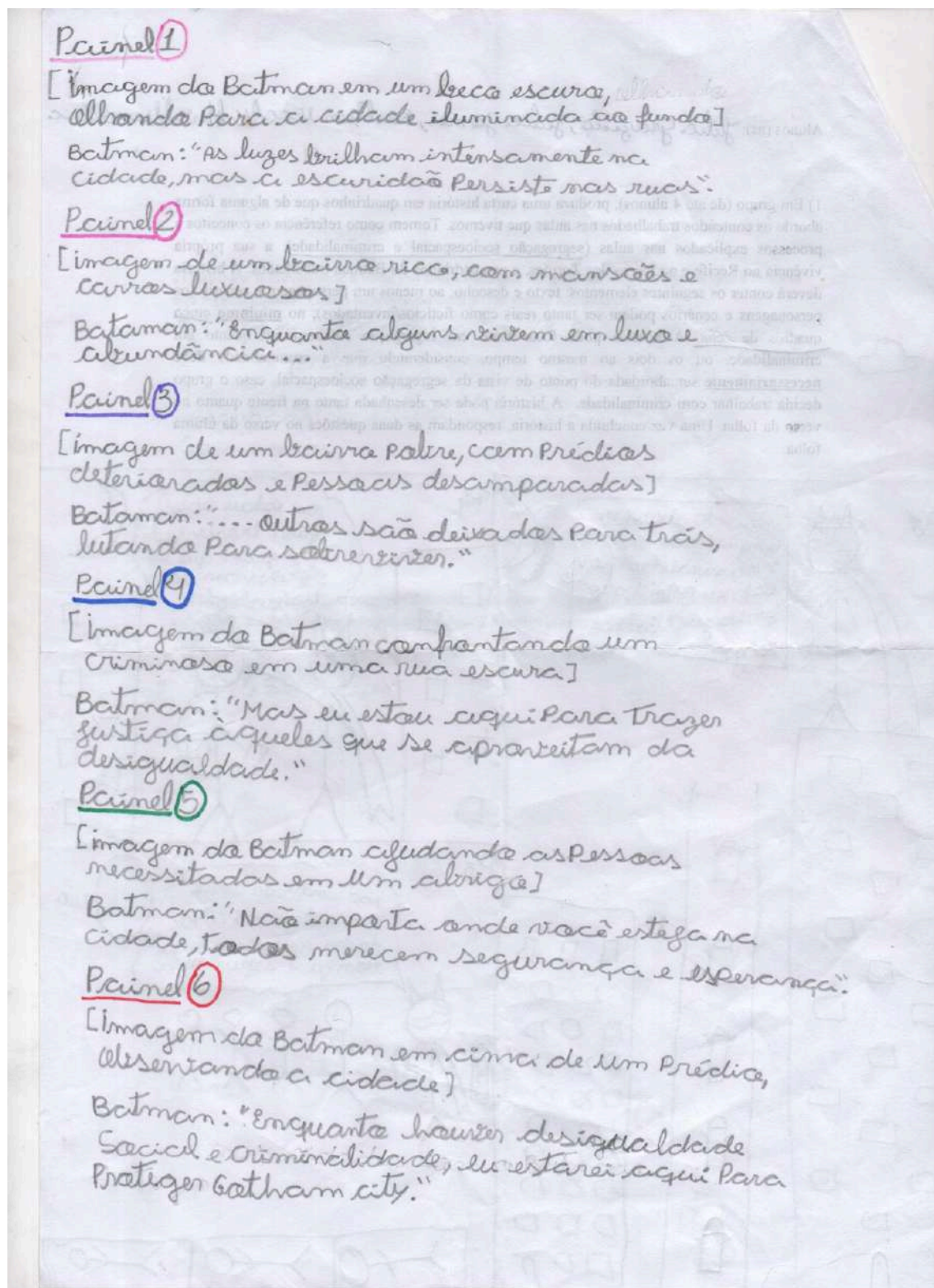
Fonte: autor, 2023

Figura 30 - Segunda folha da HQ elaborada pelo grupo B.



Fonte: autor, 2023

Figura 31 - Roteiro da HQ elaborada pelo grupo B.



Fonte: autor, 2023

Na primeira folha da HQ, o Batman está passeando por Gotham enquanto observa a desigualdade e segregação socioespacial presente na cidade. O grupo conseguiu representar

bem o conceito de segregação socioespacial nos painéis numerados com P2 e P3, que, como está no próprio roteiro que foi entregue junto com o desenho, representam um lado da cidade mais luxuoso (P2) e um bairro pobre com prédios degradados e pessoas desamparadas (P3). Já na segunda folha, segundo o roteiro, o quarto painel (P4) mostra o Batman confrontando um criminoso, e o quinto (P5) mostra o Batman ajudando pessoas necessitadas em um abrigo. A história termina no sexto painel (P6), com o Batman observando a cidade e terminando seu monólogo interno.

É interessantíssimo notar que o monólogo interno do Batman, que perdura por toda a história, é um monólogo que se posiciona de maneira crítica e de indignação frente à realidade que está sendo retratada. Considerando que o Batman é apenas um personagem fictício, que não tem pensamentos próprios de verdade e que depende de escritores e desenhistas para ganhar “vida”, e sendo a HQ uma produção dos alunos, não é um salto muito grande pensar que é a indignação e criticidade dos próprios integrantes do grupo que está sendo expressada através do Batman. A história elaborada pelo grupo envolve a ideia de que o Batman não apenas combate o crime através do confronto físico com os criminosos, mas também ajudando os mais necessitados, o que evidencia uma clara influência das HQs trabalhadas em sala de aula com a história elaborada pelo grupo, especialmente de Batman - Guerra ao Crime e Batman – Onde Estão os Heróis. Essa abordagem também sugere que esteja subentendido na história a existência de uma relação entre problemas sociais e criminalidade, ideia que também estava presente nas aulas e HQs do Batman que foram utilizadas.

A resposta do grupo para a questão 2 não revela muito além do que já está contido no roteiro, mas confirma que o grupo se inspirou nas HQs vistas nas aulas. A resposta da questão 3, por não ter sido desenvolvida, apenas confirma aquilo que a própria história em quadrinho produzida já indicava: que o grupo gostou do recurso didático e que facilitou o entendimento do conteúdo. Ambas podem ser conferidas no quadro a seguir:

Quadro 8 - Respostas do grupo B.

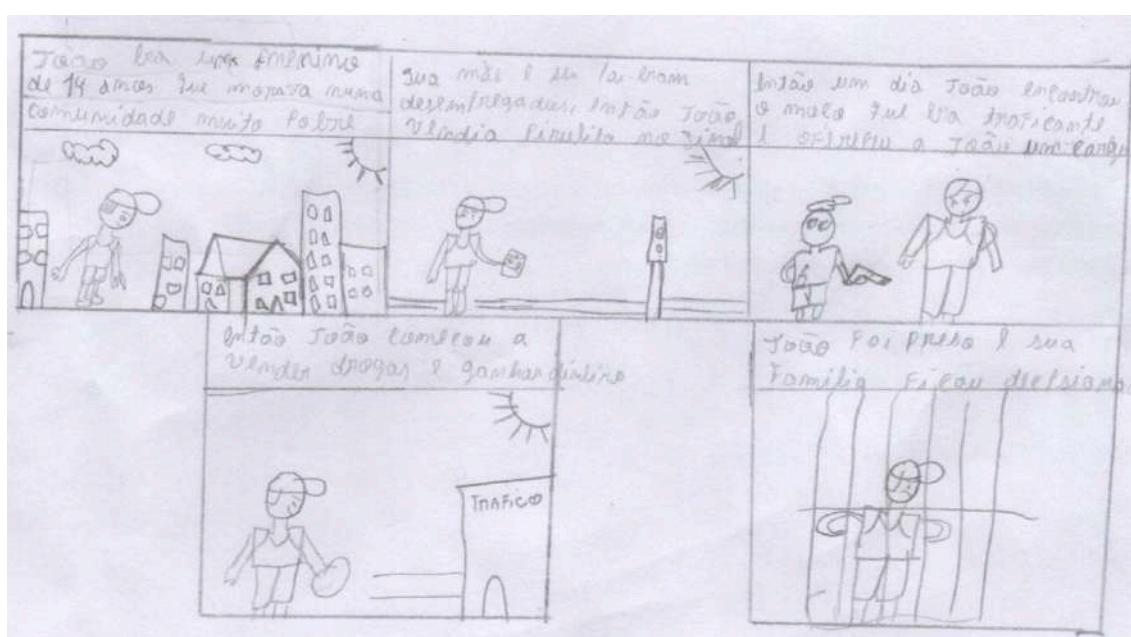
Questão	Resposta do grupo B
2)	A história está representando a Desigualdade social, se relaciona com a cena de quando Batman volta para a cidade para salva lá, da corrupção, da desigualdade social e dos criminosos.

3)	Sim, sim, sim.
----	----------------

Fonte: autor.

Já a história em quadrinho do grupo C (figura 32) é uma história com foco na questão da criminalidade, e tem como protagonista um garoto de 14 anos chamado João, que mora numa comunidade muito pobre, segundo a própria narração da HQ.

Figura 32 - HQ elaborada pelo grupo C.



Fonte: autor, 2023

Pelo fato da visibilidade das letras ser baixa, faz-se necessário uma transcrição exata do que está escrito em cada painel (mantendo quaisquer erros de português), obedecendo a ordem padrão de leitura, isto é, da esquerda para a direita, de cima para baixo, e os painéis serão enumerados como painel 1, 2, 3, 4 e 5. Começando com o painel 1, que diz: “João era um menino de 14 anos que morava numa comunidade muito pobre”. Painel 2: “Sua mãe e seu pai eram desempregados, então João vendia pirulito no sinal”. Painel 3: “então um dia João encontrou o moço que era traficante e ofereceu a João um cargo”. Painel 4: “então João começou a vender drogas e ganhar dinheiro”. Painel 5: “João foi preso e sua família ficou decepcionada”.

A ênfase dada no início da história ao fato do protagonista morar numa comunidade muito pobre indica que o grupo teve a intenção de retratar a entrada dele no mundo do crime com o lugar em que ele morava, ou seja, entre a segregação socioespacial e a criminalidade. De início, isso mostra que os integrantes desse grupo também compreenderam que essa relação existe, conforme foi abordado principalmente na segunda e terceira aula. Na história, a segregação socioespacial confina João às condições precárias de vida, falta de oportunidades e o expõe a influências negativas, estas últimas representadas pelo traficante. O contexto social no qual João se encontra na narrativa não pode ser dissociado de seu espaço de convivência, o que faz dessa HQ uma representação interessante, mesmo que simplificada, de como os problemas acarretados pela segregação socioespacial podem contribuir para a entrada de alguém no mundo do crime.

No entanto, um dos pontos que foi abordado no trabalho, e que também foi levado para a sala de aula, é o de que a pobreza isoladamente não está necessariamente relacionada com a criminalidade, mas sim a desigualdade social. Tendo isso em mente, embora a história não represente a disparidade entre as classes como as duas HQs passadas fizeram, a resposta do grupo à questão 2 faz alusão a desigualdade social ao mencionar que existem pessoas com condições de vida melhores do que outras (quadro 9). Na mesma resposta, os alunos também escreveram que as HQs ajudam a entender melhor, e salientam mais isso na resposta da questão 3.

Quadro 9 - Respostas do grupo C.

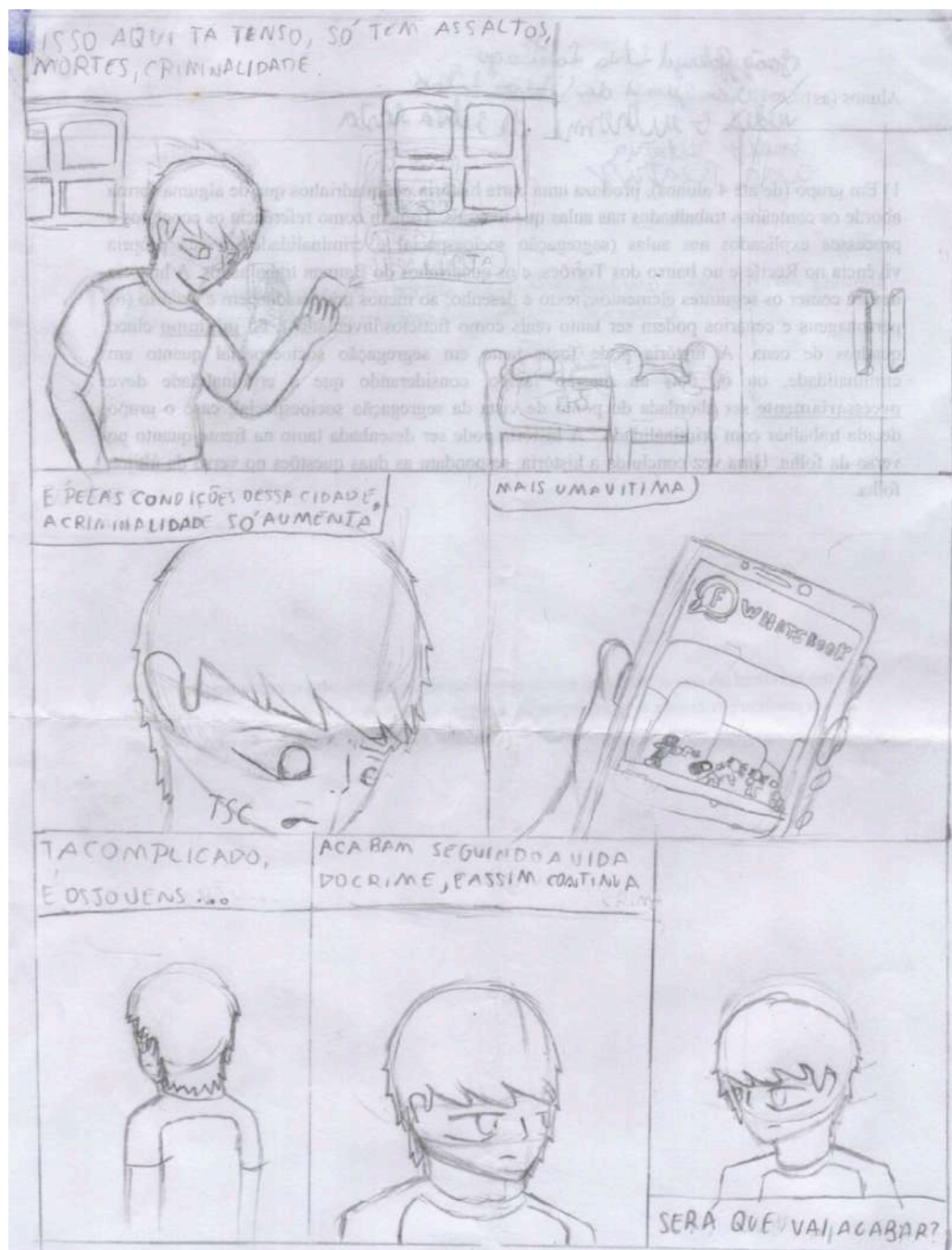
Questão	Resposta do grupo C
2)	que existem pessoas com boas condições e pessoas sem condições boas a história em quadrinhos ajuda na realidade e também deu pra entender melhor
3)	foram boas até aprendemos autosegregação, segregação e segregação imposta e outras coisas que vão ajuda a melhorar Nossa vida

Fonte: autor.

A história em quadrinhos do grupo D (figura 33) também se refere a criminalidade, porém, não possui muitos elementos narrativos, sejam eles verbais ou não verbais, que relacionem esse problema com a segregação socioespacial. A HQ retrata um garoto num

quarto, indignado e fatigado com a criminalidade na cidade, enquanto olha uma notícia de um crime no celular.

Figura 33 - HQ elaborada pelo grupo D.



Fonte: autor, 2023

Novamente, devido à falta de visibilidade das letras, se faz necessário uma transcrição direta do que está escrito em cada painel, seguindo os mesmos moldes da anterior – Painel 1:

“Isso aqui tá tenso, só tem assaltos, mortes, criminalidade”. Painei 2: “E pelas condições dessa cidade, a criminalidade só aumenta”. Painei 3: “Mais uma vítima”. Painei 4: “Ta complicado, é os jovens...”. Painei 5: “Acabam seguindo a vida do crime, e assim continua”. Painei 6: “Será que vai acabar?”.

Pelo cenário ser um ambiente fechado e pelos diálogos não oferecerem muito contexto sobre o que está acontecendo, se torna difícil ver a articulação de ideias. É uma história que foca na reação do jovem ao problema, o que faz com que qualquer análise quanto ao que esse grupo conseguiu compreender sobre os conteúdos seja muito especulativa. Talvez o único indício da existência de um pensamento que relacione a segregação socioespacial com os problemas que o jovem está refletindo seja o trecho em que ele diz (ou pensa, no seu monólogo interno) "e pelas condições dessa cidade, a criminalidade só aumenta". Mas como a história se abstém de fazer qualquer tipo de representação de que condições seriam essas que estariam agravando a criminalidade, pouco pode ser comentado. Esse grupo também não respondeu à questão 2, na qual talvez fosse possível extrair um pouco mais do pensamento por trás dessa HQ, e sua resposta para a questão 3 foi simplesmente "sim":

Quadro 10 - Respostas do grupo D.

Questão	Resposta do grupo B
2)	(Sem resposta)
3)	Sim.

Fonte: autor.

De maneira geral, os objetivos desejados para essa atividade foram alcançados. Mesmo que o grupo D tenha tido dificuldade em se expressar através de uma HQ e que um dos grupos não tenha entregue o produto solicitado, a experiência foi positiva e o resultado dos grupos foram esclarecedores, sendo o produto dos grupos A, B e C nessa atividade bastante satisfatório dentro do contexto dos resultados esperados para a sequência didática.

A produção de histórias em quadrinhos como atividade pedagógica permitiu que os alunos construíssem e exercitassem seu conhecimento de uma maneira mais lúdica e dinâmica, garantindo também maior autonomia e possibilidade de expressão para os

estudantes ao mesmo tempo em que potencializou seu aprendizado. Bretano (2018, p. 10) diz o seguinte:

Sendo que é mais comum o aluno olhar filmes e retratar o que visualizou no papel, a prática da produção de histórias em quadrinhos é contrária. O aluno deverá aprender o conteúdo didático e pensar como criar uma história a partir do que aprendeu. Com o auxílio desse recurso pedagógico o professor poderá avaliar seus alunos e ajudá-los na compreensão dos conteúdos que possuam maior dificuldade.

O modo como essa atividade funciona difere do uso de outros recursos didáticos que, embora sejam populares em sala de aula, não garantem muita autonomia aos estudantes. Ravanello (2020, p.135) ainda comenta que “o estímulo à produção de HQ’s como recurso didático pode colaborar no desenvolvimento de capacidades narrativas, de articulação entre o individual e coletivo, ou ainda revelar o ponto de vista de quem narra, neste caso a educanda ou o educando”, o que faz da elaboração de HQs um recurso didático que permite ao professor avaliar os seus alunos de uma maneira mais holística. Nesse contexto, os estudantes estão no centro da atividade pedagógica, podendo expressar seus conhecimentos e pontos de vista a partir de uma história, que pode revelar uma compreensão ou uma deficiência no aprendizado que as metodologias tradicionais não são capazes de revelar. Nesta perspectiva, a metodologia utilizada nesta sequência didática foi aprovada por todos os grupos analisados.

Outros pesquisadores com propostas similares, fazendo uso desse mesmo recurso didático, também tiveram resultados positivos, como a própria Brenato (2018), previamente citada. A autora trabalhou espaço rural e espaço urbano numa aula de Geografia para uma turma do 7º Ano do Ensino Fundamental, com 39 alunos, na qual ela utilizou a abordagem de elaboração de histórias em quadrinhos e mais de 70% da turma confirmou ter uma experiência positiva e frutífera. Na pesquisa de Dantas (2022, p.42), com uma turma do 9º Ano, cujo o assunto era Revolução Industrial, a autora também teve bons resultados, afirmando ainda que

Durante a construção dos HQs notou-se um melhor desempenho dos alunos que não participavam das aulas ativamente e daqueles que não se adaptaram às práticas tradicionais de metodologias (provas, seminários etc.). Portanto, as histórias em quadrinhos contribuem de forma enriquecedora para trabalhar os conceitos geográficos de forma leve, prazerosa e divertida. Cabe destacar que inúmeras outras HQs podem ser construídas nas várias temáticas que envolvem o ensino de Geografia, pois conseguem ligar os conteúdos à realidade cotidiana facilitando o trabalho do professor e o aprendizado dos alunos.

Estas perspectivas estão em sintonia com os resultados obtidos na presente pesquisa. A abordagem de Martins, Borges e Junior (2021), que trabalhou o conceito de lugar no 6º Ano do Ensino Fundamental, também aponta para uma direção similar, com o diferencial de que os autores também fizeram uso da ferramenta “Storyboard That” para direcionar a produção de quadrinhos por parte dos alunos, além da elaboração manual.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, ressaltou-se a importância de se trabalhar em sala de aula os conceitos ligados à segregação socioespacial e suas consequências, entre as quais está incluída, de maneira correlata, a criminalidade. Esta pesquisa sugere um percurso didático capaz de despertar o interesse dos estudantes para o estudo desses conteúdos na Geografia escolar, uma vez que se tratam de problemas urbanos que afligem as cidades brasileiras, prejudicando principalmente a população mais pobre.

Esse cenário destaca a necessidade de se trabalhar tais assuntos por meio de uma perspectiva crítica que contribua para o desenvolvimento da leitura geográfica dos estudantes, para que assim eles possam compreender melhor os processos que cercam seu próprio meio de convivência, abrindo portas para agir de maneira mais consciente no mundo e exercer sua plena cidadania. A fim de que se pudesse ter um processo de ensino/aprendizagem frutífero, foi escolhida uma ferramenta metodológica capaz de ao mesmo tempo tornar as aulas mais lúdicas e instigantes e contribuir para uma construção significativa do conhecimento: as histórias em quadrinhos. Em especial, as histórias em quadrinhos do Batman, cujas narrativas tocam em vários pontos relevantes para a compreensão dos conteúdos das aulas.

Tendo as HQs do Batman sido escolhidas para atender às referidas demandas, surge então a pergunta de se o seu uso em aulas de Geografia no Ensino Fundamental II pode contribuir para a construção do conhecimento dos estudantes acerca da criminalidade e segregação socioespacial. Portanto, o objetivo da pesquisa foi justamente responder tal pergunta. A análise dos resultados obtidos com a aplicação da sequência didática planejada para a proposta pedagógica, bem como a comparação com os resultados de pesquisas semelhantes, indica que a resposta é sim.

O engajamento e as interações da turma durante a aplicação das aulas na Escola Pintor Lauro Villares, e o feedback positivo dado pelos alunos, tanto escrito quanto falado, atestam o fato de que a turma recebeu bem a ideia de usar histórias em quadrinhos do Batman nas aulas, que de fato a aula foi mais instigante e atraente aos alunos por causa dessa ferramenta didática. Em adição a isso, já durante as aulas as respostas e as interações dos alunos indicavam que o caminho para a compreensão do conteúdo e da realidade vivida estava realmente sendo trilhado pela turma. O uso das HQs durante as aulas se provou como um meio lúdico e facilitador para a compreensão dos conceitos propostos, uma vez que através de sua representação espacial e da narrativa os estudantes conseguiram observar a

realidade, sintetizada em forma de história, que estava bastante atrelada ao que estava sendo estudado.

Mesmo que as histórias fossem fictícias, elas abriram portas para formar conexões com a realidade que permitiram uma relação de aprendizagem dialética, na qual as HQs, o conteúdo e a realidade vivida pelos discentes facilitaram a compreensão um do outro, mutuamente. A leitura das HQs, guiada de maneira crítica para estimular o entendimento dos conteúdos, por meio de perguntas e chaves de interpretação, ajudaram os alunos a compreender a realidade que estava sendo representada nas histórias pela ótica dos conteúdos geográficos, mesmo antes de serem apresentados aos conceitos e processos explicados de maneira escrita e técnica, e também já instigava a turma a relacionar a problemática apresentada nas histórias com sua própria vivência.

O material recolhido nas atividades também demonstra um saldo positivo no que diz respeito a compreensão dos conteúdos trabalhados, tanto na primeira atividade, sobre leitura e interpretação de uma HQ, quanto na segunda, que envolveu a produção em grupo de uma curta história em quadrinhos. Entretanto, dizer que os resultados foram positivos não significa dizer que não houve dificuldades e tropeços. Como foi comentado nos resultados, na atividade de leitura e interpretação na terceira aula os grupos tiveram dificuldade justamente com a parte de leitura e interpretação, e dificuldade de se concentrar na atividade, o segundo problema provavelmente sendo uma das causas do primeiro, o que fez com que nem todas as respostas a todas as perguntas fossem igualmente satisfatórias.

O maior obstáculo encontrado nessa atividade não foi a falta de compreensão do que foi visto nas aulas, mas sim a interpretação, em especial a interpretação das questões. Ainda assim, no geral, a maioria das respostas demonstrou entendimento do que foi trabalhado em sala e a atividade evidenciou que os alunos conseguiram visualizar os conteúdos dentro da narrativa da HQ e vice-versa. A produção de HQs na última aula também se mostrou bastante proveitosa, tendo a maioria dos grupos conseguido construir histórias ricas, sensíveis e conectadas com os conceitos e processos estudados, e demonstraram aprovação quanto ao uso dessa metodologia com as respostas escritas, o que destaca ainda mais o quanto a ação de sintetizar um conteúdo e representá-lo por meio de uma história pode ajudar na construção do conhecimento.

Vale lembrar ainda que os resultados positivos das duas atividades foram obtidos mesmo mediante a situações distantes das ideais, uma vez que devido ao calendário letivo da escola, houve uma distância de mais de dez dias entre a última “aula teórica” e as atividades. Diante de tal situação, é bem possível que os alunos não estivessem com os conteúdos muito

frescos na memória, principalmente porque não havia nenhum fator de pressão e motivação adicional, como há quando se tem um trabalho ou prova, por exemplo. Não se pode deixar de ressaltar, porém, que pelo pequeno escopo da pesquisa, que envolveu apenas uma turma do 8º Ano da Escola Pintor Lauro Villares, não se pode extrapolar os resultados aqui obtidos para qualquer turma em qualquer lugar, compreendendo que nenhuma sala de aula é igual, e que uma mesma metodologia pode ser recebida de diferentes maneiras a depender da turma.

Em termos de sugestões para futuras pesquisas que decidam seguir trajetórias semelhantes, duas breves recomendações podem ser destacadas, tendo em mente a sequência didática desenvolvida aqui: primeiro, mesmo que leve mais tempo, é mais proveitoso que a leitura coletiva das HQs em sala de aula seja feita em voz alta pelos próprios alunos, de maneira interativa, como foi feito na primeira aula ministrada, ao invés de ser lida em voz alta pelo professor, como foi feito na segunda aula, pois foi percebido maior atenção, interesse e retenção quando integrantes da própria turma realizavam a leitura; segundo, embora não tenha sido necessário para essa turma, por não participar dela nenhum deficiente visual, a descrição audiovisual é fundamental para trabalhar histórias em quadrinhos em turmas com deficientes audiovisuais, é uma preocupação a mais que o professor precisa ter para adaptar a metodologia.

Ainda no quesito de metodologia, mas agora voltada para os obstáculos do desenvolvimento geral do trabalho, um problema encontrado foi o da dificuldade de encontrar fontes recentes que delimitassem e desenvolvessem os conceitos fundamentais relacionados à segregação socioespacial. As principais referências e textos encontrados que abarcam o arcabouço conceitual sobre o assunto são de autores mais antigos e clássicos, o que tornou a revisão de literatura um tanto carente de fontes atualizadas. Há esperança de que futuros trabalhos, motivados por este ou por outros, possam ajudar a suprir essa demanda por fontes recentes que abordem os pilares centrais da segregação socioespacial.

REFERÊNCIAS

AGOSTINHO, Elbert. **Enquadramentos da cidade ou uma cidade em Quadrinhos?**. Anais Eletrônicos das Jornadas Internacionais de Histórias em Quadrinhos - Universidade de São Paulo, 2019.

ATHENS, Lonnie. Dominance, Ghettos, and violent crime. **The Sociological Quarterly**, v. 39, n. 4, p. 673-691, 1998

BATMAN: o Cavaleiro das Trevas Ressurge. Direção: Christopher Nolan. Produção: Christopher Nolan. Intérpretes: Christian Bale, Michael Caine, Gary Oldman e Anne Hathaway. Música: Hans Zimer. Estados Unidos: **Warner Bros. Picutres**; DC Entertainment; Legendary Pictures; Syncopy. Bluray (165 min), son., color., 35 e 70mm, 2012.

BEGOSSI, Alpina. Ecologia humana: um enfoque das relações homem-ambiente. **Interciência**, v. 18, n. 3, p. 121-132, 1993.

BITTENCOURT, Matheus Boni. Integração Social e Criminalidade Violenta no Brasil Metropolitano: uma análise quantitativa. **Anais do Encontro Internacional e Nacional de Política Social**, v. 1, n. 1, 2019.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2018.

BRENTANO, Bruna. **As histórias em quadrinhos (HQs) como recurso didático para o ensino e aprendizagem da geografia no 7º ano do ensino fundamental**. TCC de especialização. Universidade Federal de Santa Maria. 2018.

CARDOSO, Elizabeth Dezouart. A Segregação Residencial e a Cidade do Rio de Janeiro na Primeira Metade do Século XX. 2007.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **A cidade**. São Paulo: Contexto, 1992.

CARMONA, Paulo Afonso Cavichioli. **Violência x cidade: o papel do direito urbanístico na violência urbana**. Prefácio Daniela Campos Libório Di Sarno. São Paulo: Marcial Pons; Brasília, DF:Fundação Escola Superior do Ministério Público do Distrito Federal e Territórios, 2014.

CASTELLS, Manuel. **A Questão Urbana**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

COLEMAN, J. Social Capital in the Creation of Human Capital. **American Journal of Sociology**, 94 (supplement), S95-S120, 1988.

COLLINS, Max A.; WARNER, Chris. **Batman (1940) #408**. NY: DC Comics, 1987.

CORRÊA, Roberto Lobato et al. **O espaço urbano**. Ática, 1989.

CORRÊA, Roberto Lobato. **O espaço urbano**. 3 ed. São Paulo: Ática, 1995.

"Dark Knight's kind of town: Gotham City". **Associated Press**. Julho 20, 2008. Arquivado do original em 06 Outubro, 2014. Recuperado em 18 Fevereiro, 2023 – via Today. Disponível em:

<<https://www.today.com/popculture/dark-knights-kind-town-gotham-city-1C9412739>>Acesso em 10 Junho 2024

DA SILVA PAIVA, Fábio. **Educação e violência nas histórias em quadrinhos de superheróis: a percepção dos leitores de Batman**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Pernambuco, 2011.

DANTAS, Érida Pereira et al. **A utilização das histórias em quadrinhos como ferramenta metodológica no ensino-aprendizagem de geografia**. TCC. Universidade Federal de Campina Grande, 2022.

DC COMICS. **BATMAN –TERRA DE NINGUÉM**. São Paulo: Editora Abril, Super-Heróis Premiun, 2001.

DE ALMEIDA VASCONCELOS, Pedro. A aplicação do conceito de segregação residencial ao contexto brasileiro na longa duração. **Revista Cidades**, v. 1, n. 2, p. 259-274, 2004.

DE LUNETTA, Avaetê; GUERRA, Rodrigues. METODOLOGIA DA PESQUISA CIENTÍFICA E ACADÊMICA. **Revista OWL (OWL Journal)-REVISTA INTERDISCIPLINAR DE ENSINO E EDUCAÇÃO**, v. 1, n. 2, p. 149-159, 2023.

DE OLIVEIRA, Carmem Silveira et al. Violência e cidade: existiria uma geografia do crime?. **O Público e o Privado**, v. 2, n. 4 jul. dez, p. 87-101, 2004.

DE PAULA, Igor Rafael; DE AZEVEDO, Sandra de Castro. A segregação socio-espacial e as suas consequências na escola da geografia que se ensina. **Anais do Encontro Regional de Ensino de Geografia**, p. 107-118, 2016.

DE SOUZA CAVALCANTI, Lana; ARAUJO, Manoel Victor Peres. Segregação socioespacial no ensino de Geografia: um conceito em foco. **Acta Geográfica**, p. 140-159, 2017.

DIAS JR. , C. S. **Capital Social e Violência**: uma análise comparada entre duas vilas em Belo Horizonte. Dissertação de Mestrado em Sociologia. Universidade Federal de Minas Gerais. 2001.

ESTEFAN, Carlos; MAURO, Pedro. **Batman: The World**. NY: DC Comics, 2021

FARRET, Ricardo Libanez. Paradigmas da estruturação do espaço residencial intra-urbano. **O espaço da Cidade: contribuição à análise urbana**, p. 73-90, 1985.

FERREIRA, Ignez Ferreira Costa Barbosa; PENNA, Nelba Azevedo. Território da violência: um olhar geográfico sobre a violência urbana. **GEOUSP Espaço e Tempo (Online)**, v. 9, n. 1, p. 155-168, 2005.

FRACTION, Matt; LIEBER, Steve. Superman's Pal Jimmy Olsen (2019) #1. NY: DC Comics, 2019.

GONÇALVES, Maria Flora. Processo de urbanização no Brasil: delimitação de um campo de pesquisa. **Espaço e Debate, São Paulo**, v. 28, p. 67-79, 1989.

GONÇALVES, Vilson André Moreira. Quando o herói e sua cidade são um: as muitas faces de Gotham City. **Anais das 5as Jornadas Internacionais de Histórias em Quadrinhos. São Paulo: USP**, 2018.

HARVEY, David. **A Justiça Social e a Cidade**. São Paulo: Hucitec, 1980.

JAFFE, Alex. Why Batman Doesn't Kill. **DC**, 2022. Disponível em: <<https://www.dc.com/blog/2022/03/02/why-batman-doesnt-kill>> Acessado em: 10 Junho 2024.

JUNIOR, J. M. P. N. Teorias do crime e da violência: Uma revisão da literatura. **São Paulo**, v. 77, p. 69-89, 2015.

KANE, Bob; FINGER, Batman (1940) #4. NY: **DC Comics**, 1940b.

KANE, Bob; FINGER, Bill. Batman (1940) #1. NY: **DC Comics**, 1940a.

KANE, Bob; FINGER, Bill. Detective Comics (1937) #27. NY: **DC Comics**, 1939.

KENNEDY, B. et al. Social Capital, Income Inequality and Firearm Violent Crime. **Social Science and Medicine**, vol. 47. nº1. pp. 7-17. 1998.

KING, Thomas. et al. **Batman (2016) #6**. NY: DC Comics, 2016.

KRAKHECKE, Carlos André. **Representações da guerra fria nas histórias em quadrinhos Batman—o cavaleiro das trevas e Watchmen (1979-1987)**. 2009.

Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

LEFEBVRE, H. **Espaço e política**. Trad. Margarida M. Andrade et al. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2016.

LEFEBVRE, H. **La revolución urbana**. Madri: Alianza, 1983

LOJKINE, Jean. **O estado capitalista e a questão urbana**. Martins Fontes, 1981.

LOPES, Tânia Oliveira. **Aula expositiva dialogada e aula simulada: comparação entre estratégias de ensino na graduação em enfermagem**. Dissertação (mestrado) – Universidade de São Paulo, Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo, 2012.

MARAFON, Glaucio José. O espaço urbano: a abordagem da Escola de Chicago e da Escola Marxista. **Ciência e Natura**, p. 149-182, 1996.

MARCUSE, Peter. Enclaves, sim; guetos, não: a segregação e o estado. **Espaço e Debates**, v. 24, n. 45, p. 24-34, 2004.

MARICATO, Ermínia. As idéias fora do lugar e o lugar fora das idéias: planejamento urbano no Brasil. In.: ARANTES, Otília B.F., VAINER, Carlos B. & MARICATO, Ermínia. **A cidade do pensamento único: desmanchando consensos**. Petrópolis: VOZES, p.121-192, 2000.

MARICATO, Erminia. **Brasil, cidades**: alternativas para a crise urbana. Petrópolis: Vozes, 2001.

MARTINS, Ian Moura; BORGES, Teresa Cristina Cantanhede; JUNIOR, Audivan Ribeiro Garces. Uso de histórias em quadrinhos como recurso didático no ensino de Geografia: uma possibilidade para trabalhar a categoria Lugar. **Revista de Iniciação à Docência**, v. 6, n. 2, p. 489-506, 2021.

MENDONÇA, aMárcio José; DOS REIS, Luis Carlos Tosta. Percepção do Espaço Geográfico nos Quadrinhos. **9ª Arte (São Paulo)**, v. 5, n. 2, p. 55-65, 2016.

MILLER, Frank ; MAZZUCHELLI, David. **Batman : Year One** . NY: DC Comics, 1987.

MIÑO, Oscar Alfredo Sobarzo. A segregação socioespacial urbana. **Formação (Online)**, v. 1, n. 3, 1996.

MOORE, Alan.; BOLLAND, Brian. **Batman: The Killing Joke**. NY: DC Comics, 1988.

NEGRI, Silvio Moisés. Segregação sócio-espacial: alguns conceitos e análises. Coletâneas do nosso tempo, v. 8, n. 08, 2010.

NERYS, V. H. DA S.; FREITAS, A. S. F. Histórias em quadrinhos no ensino de geografia: possibilidades e propostas. p. 325-333. In: **ENCONTRO REGIONAL DE ENSINO DE GEOGRAFIA**, 6., 2018. Campinas-SP. Anais... Campinas-SP, 19 a 21 de outubro de 2018.

O'NEILL, Maria Mônica. Condomínios exclusivos: um caso de estudo. **Rev. Brasileira de Geografia**. Rio de Janeiro, v.48, n.1, p.63-81, jan-mar, 1986.

O'NEILL, Maria Mônica. **Segregação residencial: um estudo de caso**. Rio de Janeiro, 173p, Dissertação (Mestrado em Geografia) - Instituto de Geociências, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1983.

OBSERVATÓRIO DAS METRÓPOLES. **Análise das regiões metropolitanas do Brasil: relatório da atividade 1**: identificação dos espaços metropolitanos e construção de tipologias. Brasília: Fase/Ipardes/Observatório das Metrópoles, 2005.

OBSERVATÓRIO DAS METRÓPOLES. **Relatório final de pesquisa**: Institutos do Milênio – Observatório das Metrópoles: território, coesão social e governança democrática: Rio de Janeiro, São Paulo, Belo Horizonte, Curitiba, Porto Alegre, Salvador, Recife, Fortaleza, Belém, Natal, Goiânia e Maringá. Rio de Janeiro: Observatório das Metrópoles, 2009.

OLIVEIRA, Luísa de. A jornada do herói na trajetória de Batman. **Boletim de Psicologia**, v. 57, n. 127, p. 139-152, 2007.

OLIVEIRA, Maria Marly de. **Sequência didática interativa no processo de formação de professores. Petrópolis**: Vozes, 2013.

OLIVEIRA, P. D. de; PAULO, J. R. de. Potencializando a construção de conhecimentos em sala de aula: o ensino de geografia por meio de história em quadrinhos. **Pesquisa e Debate em Educação**, Juiz de Fora, v. 11, n. 1, artigo e31618, jan./jun. 2021.

O'Neil, Dennis. Afterword. *Batman: Knightfall, A Novel*. Nova York: Bantam Books, 1994.

PARK, R. E. Ecologia Humana. In PIERSON, D. **Estudos de Ecologia Humana**. SP, Martins Fontes, 1948.

PARK, R.; BURGESS, E.; MCKENZIE, R. **The City**. Chicago: Univ. 1925.

PARK, Robert Ezra. A cidade: sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano (original em inglês de 1916). In: VELHO, Otávio Guilherme. **O fenômeno urbano**. Rio de Janeiro. Zahar, p.39-72, 1967.

PERNAMBUCO, Governo do Estado de.. **Secretaria de Educação e Esportes. Currículo de Pernambuco Ensino Fundamental**. 2019.

PIEROZAN, V. L. ; MANFIO, V. . As Histórias em Quadrinhos como ferramenta mediadora no processo ensino-aprendizagem da Geografia em sala de aula. In: **Fórum Nacional NEPEG de formação de professores de Geografia: percursos teórico-metodológicos e práticos da Geografia Escolar**, 2020, Goiânia, GO. Anais do X Fórum Nacional NEPEG de Formação de Professores de Geografia - número 4. Goiânia, GO: Núcleo de Ensino e Pesquisa em Educação Geográfica - NEPEG (UFG), 2020

RAMOS, Rafaela de Araújo Porto et al. Criminalidade:: uma análise sob a óptica social. **Jornal Eletrônico Faculdades Integradas Vianna Júnior**, v. 12, n. 2, p. 19-19, 2020.

RAVANELLO, Flávia Jocowski. O Uso de Histórias em Quadrinhos para o Ensino de História e Geografia-Sociedades Humanas no tempo e No Espaço. **Revista Vernáculo**, n. 46, 2020.

RIBEIRO, L. C. Q. **As metrópoles brasileiras no milênio: resultados de um programa de pesquisa**. São Paulo: Letra Capital, 2012.

ROBB, Brian J. **A identidade secreta dos super-heróis: a história e as origens dos maiores sucessos das HQ's: do super-homem aos vingadores**. Rio de Janeiro: Valentina, 2017.

RODRIGUES, Ana Lúcia. Ingovernabilidade metropolitana e segregação socioespacial: receita para a explosão da violência. **Território metropolitano, políticas municipais**: por soluções conjuntas de problemas urbanos no âmbito metropolitano, p. 53-82, 2013.

RODRIGUES, Tatiane Daby de Fatima Faria; DE OLIVEIRA, Guilherme Saramago; DOS SANTOS, Josely Alves. As pesquisas qualitativas e quantitativas na educação. **Revista Prisma**, v. 2, n. 1, p. 154-174, 2021.

ROHDE, M. D. S. **Percepção dos problemas ambientais urbanos a partir do uso de mapas mentais**: uma proposta de educação ambiental crítica/emancipatória em escola urbana de Rosário do Sul - RS. 102f. Dissertação (Mestrado em Geografia e Geociências) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2012.

ROSS, Alex; PAUL, Dini. **Batman: Guerra ao Crime**. São Paulo. Editora Abril, 2000.

SALAS, Minor M. e CASTRO, Franlin S. Segregación urbana: un acercamiento conceptual. **Revista de ciencias sociales**, n. 61, p. 17-26, 1993.

SILVA JÚNIOR, Ailton da Costa. Histórias em quadrinhos como fonte de pesquisa: uma análise sócio-histórica acerca do graphic novel “Batman: a piada mortal”. **Diálogo**, n. 34, p. 55-70, 2017.

SILVA, Fabio Luiz Carneiro Mourilhe; ALENCASTRO, Luis Felipe Castro; DE CASTRO, Susana. Univocidade do ser, singularidade e a gênese estática ontológica na “Crise nas infinitas terras”. **Revista Estudos Filosóficos UFSJ**, n. 5, 2017.

SINGER, Paul. O uso do solo urbano na economia capitalista. In: MARICATO, Erminia (Org). **A produção capitalista da casa (e da cidade) no Brasil industrial**. 2 ed. São Paulo: Alfa-Omega, 1982.

SMOLKA, Martin. O capital incorporador e seus movimentos de valorização. **Cadernos PUR/UFRJ**. Rio de Janeiro, ano II, n.1, p.41-78, Jan/Abril, 1987.

SOARES¹, Magnólia Oliveira; SILVINO, Marluce. O conhecimento geográfico e as histórias em quadrinhos: uma experiência de ensino com Mafalda. **Revista Ensino de Geografia (Recife)** V, v. 3, n. 1, 2020.

SOGAME, Maurício. Rudimentos para o exame da urbanização em sua fase crítica: uma aproximação ao conceito de segregação socioespacial. **Geografares**, n. 2, 2001.

SOUZA, M. J. L. **Mudar a cidade**: uma introdução crítica ao planejamento e à gestão urbanos. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. Reflexões sobre a natureza da segregação espacial nas cidades contemporâneas. **Revista de Geografia**, n. 4, p. 71-85, 1996.

TOSI, Rafael Iwamoto. O espírito do tempo das eras dos quadrinhos: Batman e a relação transmídia de games, hq's, filmes e animações. **Revista de Estudos Universitários-REU**, v. 45, n. 1, 2019.

VETTER, David Michael; PINTO, Dulce Maria Alcides; FRIEDRICH, Olga Buarque de Lima; MASSENA, Rosa Maria Ramalho. A apropriação dos benefícios das ações do Estado em áreas Urbanas: seus determinantes e análise através de ecologia fatorial. Temas Urbanos, **Revista Espaço e Debates**. São Paulo, v.1, , nº 4, p. 5-37. 1981.

VIEIRA, Alexandre Bergamin. **O Lugar de cada um: indicadores sociais de desigualdade intraurbana** – Presidente Prudente: [s.n.], Dissertação de mestrado, 2005.

VIEIRA, Alexandre Bergamin; MELAZZO, Everaldo Santos. Introdução ao conceito de segregação socioespacial. **Formação (Online)**, v. 1, n. 10, 2003.

VIEIRA, Marina Cavalcante. Imagem de cidade e representação urbana. **Revista Intratextos**, v. 2, p. 93-106, 2011.

VILLAÇA, Flávio. **Espaço intra-urbano no Brasil**. Studio nobel, 1998.

WEYRAUCH, Cleia Schiavo. Violência urbana. **Dimensões**, vol.27, pp. 2-22, 2011.

WILLIAMSON, Joshua; CAMPBELL, Jarnal. **Superman (2023)** #1. NY: DC Comics, 2023.

YIDA, Valéria. A cidade de Gotham na novela gráfica Batman: Ano Um. **Muito além da adaptação: processos criativos na estética de Fables da DC Comics**, Imaginário n. 10, 2016.